

**GILBERTO OSÓRIO**  
Um homem do renascimento

Copyright © Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco  
www.alepe.pe.gov.br

Diretor Geral  
**Luiz Carlos Mattos**

Diretor de Comunicação Social  
**José Tomaz Filho**

Coordenação do Projeto Perfil Parlamentar Século XX  
**Angela Nascimento**

Comissão Especial  
**Antonio Corrêa** (Consultor)  
**Carlos Bezerra Cavalcanti**  
**Manuel Correia de Andrade**  
**Marc Jay Hoffnagel**  
**Marcus Accioly**  
**Mário Márcio de Almeida Santos**

Divisão de Arquivo e de Preservação do Patrimônio Histórico do Legislativo  
**Cynthia Maria Freitas Barreto**

Pesquisadora  
**Sônia Carvalho**

Foto da Capa  
**Acervo da Fundação Joaquim Nabuco**

Revisão  
**Thema Comunicação**

Capa  
**Manuel Pontual de Arruda Falcão**  
**Rafael de Paula Rodrigues**

Editoração Eletrônica  
**Mauro Lopes**

Impressão  
**Impress – Editora e Gráfica**

**PERFIL PARLAMENTAR  
SÉCULO XX**

**GILBERTO OSÓRIO**  
Um homem do renascimento

Texto: Lêda Rivas

Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco  
Recife, 2001

## MESA DIRETORA

### **Romário Dias**

Presidente

### **Afonso Ferraz**

1º Vice-Presidente

### **André Campos**

2º Vice Presidente

### **João Negromonte**

1º Secretário

### **Antonio Mariano**

2º Secretário

### **Manoel Ferreira**

3º Secretário

### **Jorge Gomes**

4º Secretário

## 14ª LEGISLATURA 1999-2002

Afonso Ferraz  
André Campos  
Antônio de Pádua  
Antônio Mariano  
Antônio Moraes  
Augustinho Rufino  
Augusto César  
Augusto Coutinho  
Beto Gadelha  
Bruno Araújo  
Bruno Rodrigues  
Carlos Lapa  
Diniz Cavalcanti  
Elias Lira

Eudo Magalhães  
Fernando Lupa  
Garibaldi Gurgel  
Geraldo Barbosa  
Geraldo Coelho  
Geraldo Melo  
Gilberto Marques Paulo  
Gilvan Costa  
Guilherme Uchôa  
Helio Urquiza  
Henrique Queiroz  
Israel Guerra  
João Braga  
João de Deus  
João Negromonte  
Jorge Gomes  
José Augusto Farias  
José Marcos  
José Queiroz  
Lula Cabral  
Malba Lucena  
Manoel Ferreira  
Marcantônio Dourado  
Nelson Pereira  
Orisvaldo Inácio  
Paulo Rubem  
Pedro Eurico  
Ranilson Ramos  
Roberto Liberato  
Romário Dias  
Sebastião Rufino  
Sérgio Leite  
Sérgio Pinho Alves  
Teresa Duere  
Ulisses Tenório

## SUMÁRIO

Perfil Parlamentar Século XX .....	6
Prefácio .....	7
O homem-enciclopédia .....	9
Tempo de esperança .....	16
O canto da sereia .....	22
O Quixote incediário .....	28
Um furacão na tribuna .....	35
Guerra no <i>Principado</i> .....	42
“Geógrafo mais que geógrafo” .....	48
O morto descalço .....	52
Bibliografia e fontes .....	61
Dados biográficos da autora .....	64

## PERFIL PARLAMENTAR SÉCULO XX

A edição *Perfil Parlamentar Século XX*, pela Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, com apoio dos Diários Associados, é significativa, sobretudo, porque representa o destaque de nomes, da obra e da vida daqueles que, por sua atuação política nesta Casa e fora dela, se sobressaíram no Estado e no País.

A Assembléia Legislativa mostra às novas gerações, com esta publicação, a ação parlamentar de alguns de seus mais ilustres deputados ao longo de seus 166 anos.

A seleção dos parlamentares representativos do século XX foi realizada pela Academia Pernambucana de Letras, que indicou o acadêmico Mário Márcio de Almeida Santos, o Conselho Estadual de Cultura, representado pelo conselheiro Marcus Accioly, a Fundação Joaquim Nabuco, que indicou o professor Manuel Correia de Andrade, a Universidade Federal de Pernambuco, representada pelo professor Marc Jay Hoffnagel, e o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, que se fez presente pelo pesquisador Carlos Bezerra Cavalcanti. Este grupo de notáveis constituiu a Comissão Especial, a qual teve a consultoria do ex-deputado e presidente em exercício da Academia Pernambucana de Letras, Antônio Corrêa de Oliveira.

As reuniões que antecederam a divulgação do resultado final definiram os critérios para a seleção: que o parlamentar já tivesse falecido; atuação na Assembléia Legislativa; atuação política e profissional.

Os nomes escolhidos foram Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães, Antônio Andrade Lima Filho, Antônio Souto Filho, Carlos de Lima Cavalcanti, Davi Capistrano da Costa, Estácio de Albuquerque Coimbra, Francisco Augusto Pereira da Costa, Francisco Julião Arruda de Paula, Gilberto Osório de Oliveira Andrade, João Cleofas de Oliveira, Joaquim de Arruda Falcão, José Antônio Barreto Guimarães, José Francisco de Melo Cavalcanti, Mário Carneiro do Rego Melo, Nilo Pereira, Nilo de Souza Coelho, Orlando da Cunha Parahym, Oswaldo da Costa Cavalcanti Lima Filho, Paulo de Figueiredo Cavalcanti, Paulo Pessoa Guerra, Ruy de Ayres Bello, Walfredo Paulino de Siqueira.

O Parlamento é o espaço democrático onde os cidadãos são representados pelos deputados. Esta publicação é uma homenagem àqueles que tornaram ainda mais importante o Poder Legislativo.

Serão publicados três mil exemplares de cada um dos 22 volumes, os quais serão distribuídos, majoritariamente, nas escolas e bibliotecas. A redação destes Perfis está a cargo de jornalistas profissionais, aos quais esta Casa não impôs restrições, confiando-lhes o livre exercício dos seus estilos e características pessoais.

Esta coleção interessa a estudantes, a políticos, a pesquisadores e à sociedade de um modo geral, pois nela estão contidas novas informações sobre a História de Pernambuco e do Brasil.

A iniciativa da atual Mesa Diretora da Casa de Joaquim Nabuco concretiza a determinação de que vamos deixar uma Assembléia Legislativa que seja motivo de orgulho para a sociedade que nela se vê representada.

Deputado **Romário Dias**,  
*Presidente da Assembléia Legislativa  
do Estado de Pernambuco*

## PREFÁCIO

Aceitei, com muita satisfação, o convite feito por Lêda Rivas, para escrever o prefácio do Perfil Parlamentar de Gilberto Osório de Andrade, de quem fui aluno, colaborador em trabalhos de ensino e pesquisas e companheiro em várias atividades científicas. Tínhamos em comum a vocação do ensino e da pesquisa, embora, muitas vezes, divergências, quanto à metodologia e posições ideológicas, nos afastassem, sem deixar de sermos amigos.

Fui aluno de Gilberto Osório de Oliveira Andrade, de 1943 a 1945, na recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manuel da Nóbrega, nas disciplinas Geografia Física e Geografia do Brasil. Nesse período, militávamos no grupo político que se opunha ao Estado Novo e, que realizou a campanha da Redemocratização, tendo como ponto central, a Faculdade de Direito do Recife. Desse movimento, surgiu o partido político – União Democrática Nacional (UDN) – que defendeu a candidatura de Eduardo Gomes à Presidência da República. Ocorre que a chamada UDN não era propriamente um partido, mas uma frente que agrupava pessoas de tendências políticas diversas.

Gilberto Osório tinha posições conservadoras, pois viera da Ação Integralista Brasileira, enquanto eu, mais reformista e esquerdista, passara pelo Partido Comunista do Brasil e pela chamada Esquerda Democrática, mas, nas lutas políticas, estávamos juntos, como no 3 de março de 1945, quando o estudante Demócrito de Souza Filho – meu colega de turma na Faculdade de Direito – e o operário Manoel Elias dos Santos foram assassinados na Praça da Independência.

Posteriormente, em 1952, fui por ele convidado para ser seu assistente na cadeira de Geografia Física, da então Faculdade de Filosofia de Pernambuco, onde fiquei até 1962, quando fui transferido para a cadeira de Geografia Econômica, da então Faculdade de Ciências Econômicas.

Naquele período de dez anos, trabalhamos em numerosas pesquisas, em um momento importante para a geografia pernambucana, quando os geógrafos, liderados por ele e pelo professor Mário Lacerda de Melo, passaram a realizar intensos trabalhos de pesquisa de campo. O primeiro deles foi uma excursão à Serra Negra, “ilha” úmida, situada no Sertão pernambucano, da qual participaram professores e alunos, resultando daí o trabalho *A Serra Negra, uma relíquia geomórfica e hidrófica nos taboleiros pernambucanos*.

Em 1955, participei, com ele e com um grupo de seis estudantes, de uma longa excursão de mais de um mês à Amazônia, navegando por aquele rio, desde a foz até o baixo Japurá, próximo à fronteira da Colômbia, devassando não só as suas margens, como alguns braços e lagoas marginais. Nessa viagem, Gilberto coletou material para a elaboração de um dos seus mais importantes trabalhos, *Furos, Paranás e Igarapés*, que foi apresentado ao XVIII Congresso Internacional de Geografia, realizado no Rio de Janeiro, em 1956. Este trabalho pôde ser realizado graças ao apoio do então superintendente da SPVEA – Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – atual SUDAM, historiador Artur César Ferreira Reis, seu grande admirador em face da leitura do livro *Amazônia, um complexo antropogeográfico*, livro no qual se observa que, apesar de uma formação bem francesa, Gilberto recebera também uma forte influência germânica; na época, década de 30, o geógrafo alemão Frederico Ratzel era muito lido e muito aceito no Brasil.

Outra pesquisa de porte, dirigida por Gilberto Osório, de que participei como seu auxiliar e colaborador, foi a da análise dos problemas causados pelo lançamento dos resíduos industriais e de efluentes de destilarias, nos rios do Nordeste, pelas usinas de açúcar. Esta pesquisa era de grande interesse do então Instituto Joaquim Nabuco, criado por Gilberto Freyre e dirigido por Mauro Mota, diante das preocupações ecológicas do Mestre de Apipucos, já demonstradas desde os anos 20, quando regressou dos Estados Unidos.

A pesquisa estendeu-se por mais de quatro anos, com trabalhos de campo, e elaboração de relatórios que deram origem a quatro livros, sobre os vales do Ceará Mirim, do Mamanguape, do Paraíba do Norte e o dos rios Corujipe, Jiquiá e São Miguel, dois elaborados por Gilberto Osório de Andrade e dois por Manuel Correia de Andrade.

Tendo sido eleito presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros, em 1959, e programando a realização da Assembléia Geral de sua gestão, para Mossoró, no Rio Grande do Norte, Gilberto desenvolveu um intenso intercâmbio com o grupo de intelectuais mossoroenses, à frente o geólogo Vingt-un Rosado, elaborando um programa de estudos para os rios da carnaúba, ou os rios do Sertão, quando foi publicado o único volume sobre o rio Apodi-Mossoró, por ele escrito em colaboração com Rachel Caldas Lins.

Na década 1961-70, Gilberto ampliou os seus interesses científicos, abordando temas ligados à Climatologia e à Geomorfologia Climática, tendo participado de estudos e de debates com o geomorfólogo Aziz Ab'Saber, que o acompanhou em trabalhos na Ilha de Itamaracá, e com o sedimentologista João José Bigarella, da Universidade Federal do Paraná. Tentou elaborar uma classificação das superfícies de erosão, no relevo brasileiro, fazendo estudos comparativos aos de Lester King, realizados no continente africano. Estudavam-se, então, problemas ligados à variação do nível do mar nas duas margens do Atlântico, na Comissão de União Geográfica Internacional, em grupo de trabalho dirigido pelo geomorfólogo francês Francis Ruellan.

Nos trabalhos de campo ligados à Fitogeografia, profundamente integrada com a Geomorfologia e com a Climatologia, contou com um grande apoio do botânico Dárdano de Andrade Lima.

Na parte final de sua atuação científica, já com problemas de saúde, deu grande apoio à implantação do curso de mestrado em Geografia, na UFPE, defendendo pontos de vista metodológicos e epistemológicos, que muitas vezes divergiam de alguns colegas, com uma grande firmeza e com maior integridade científica. Na Fundação Joaquim Nabuco, trabalhando com a geógrafa Rachel Caldas Lins, ele realizou pesquisas sobre o rio Pirapama e sobre a atuação de João Paes Barreto, na abertura de engenhos.

Suas preocupações nas áreas biológicas também não foram esquecidas, tendo sido marcadas pela publicação de livros considerados de Geografia Médica ou de História da medicina, como o *Rosa, Mourão e Pimenta*, e estudos sobre meio ambiente, ligados ao período anterior à guerra dos Mascates, no século XVII. Certamente, a diversidade e a amplitude de sua área de interesses levaram Gilberto Freyre a classificá-lo como “mais que geógrafo”.

Apesar de suas posições ideológicas conservadoras, ele era aberto a posições divergentes das suas, como pôde ser comprovado por atitude tomada em 1956. Naquele ano, veio ao Brasil, proferir conferências em universidades nacionais, o grande geomorfólogo francês, J. Tricart, que era marxista e escrevera um artigo polêmico sobre *Marxismo e Geomorfologia*, onde atacava a geomorfologia clássica de W. M. Davis, que admitia que a modelação do relevo se fazia predominantemente sob a influência da erosão fluvial, sendo a mesma chamada de “geomorfologia normal”, e que esta tese só seria contrariada quando houvesse acidentamentos climáticos. Tricart condenava esta posição, defendendo que os sistemas morfológicos variavam na superfície da Terra, em função dos climas dominantes, e propunha o sepultamento da chamada geomorfologia normal e a sua substituição por uma divisão da superfície da Terra em zonas morfo-climáticas. Dizia, também, que chegara a esta conclusão porque, como marxista, utilizava uma abordagem dialética. Gilberto Osório, convocado para participar da campanha contra a presença de Tricart na universidade brasileira, acusado pela direita mais exaltada, de comunista, não apoiou esta campanha, alegando que aceitava a divisão da Terra em zonas morfo-climáticas, apesar de não adotar a lógica dialética. Foi “banho na fervura”, e Tricart pôde atuar no Brasil, país que ele passou a frequentar, semeando seus conhecimentos e métodos geográficos e geomorfológicos, tendo como discípulos, figuras como Milton Santos, Miguel Alves de Lima e Teresa Cardoso da Silva.

Gilberto agiu neste caso, como agiu na Assembléia Legislativa de Pernambuco, onde combateu ferozmente a bancada comunista, da qual participavam, entre outros, David Capistrano e Rui Antunes, mas que, após a cassação dos seus mandatos, defendeu-os com ardor, sendo contra a perseguição movida contra eles.

Gilberto era um homem de posições definidas e ardoroso na defesa dos seus princípios políticos e científicos; mas era profundamente equilibrado no julgamento dos que dele divergiam, sempre procurando ser justo nos seus julgamentos e posições.

A contribuição por ele dada à Geografia pernambucana, foi tão importante, que se deveria fazer uma reedição de suas obras, para que os geógrafos de hoje pudessem melhor conhecer as idéias e princípios dos geógrafos de ontem.

O estudo biográfico feito por Lêda Rivas, com a dedicação e a profundidade que a caracterizam, pode servir de base à recuperação e republicação dos numerosos trabalhos, publicados em livros, revistas, anais de congressos e em jornais.

Lêda Rivas não se limitou a estudar apenas a atuação parlamentar do Gilberto, deputação que exerceu apenas por um mandato – quatro anos –, ela nos deu uma visão ampla de toda a sua vida como jornalista, professor de ensino médio e superior, escritor, geógrafo, historiador e homem de uma vida muito ativa e diversificada, para que melhor se conhecesse o seu caráter e a sua atuação. Era um conservador, mas não um reacionário. O seu mandato legislativo, em um momento decisivo da História pernambucana e brasileira, foi fundamental para que se compreenda a dinâmica do processo político nos fins da quinta década do século XX, quando o Brasil libertava-se da ditadura Vargas e procurava firmar-se como um sistema democrático. Sistema democrático que teria menos de duas décadas de duração. Assim, Gilberto Osório cumpriu as metas que desejou alcançar, enfrentando os desafios e tropeços que se interpuseram aos seus propósitos e aos seus ideais. Lêda Rivas, em um estilo elegante e fluente, soube definir as posições do biografado, traçando, a um só tempo, o perfil do parlamentar e do intelectual, que prestou grandes serviços à História de Pernambuco.

**Manuel Correia de Andrade**



## O HOMEM-ENCICLOPÉDIA

Chamava-se Gilberto Osório de Oliveira Andrade. Para os amigos íntimos, Giba. Para a irreverente turma de 1945 de Geografia e História, da Faculdade de Filosofia Manuel da Nóbrega (embrião da atual Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP), a primeira a formar-se na área, naquela instituição, era, simplesmente, GOA<sup>1</sup>. A junção das iniciais era associada à então colônia portuguesa do oeste da Índia, sobre a qual o mestre, um apaixonado pelos feitos lusitanos, costumava discorrer na sala de aula. Como que saído de uma iconografia egípcia, aos alunos aparecia sempre de perfil, impecavelmente vestido num terno de linho branco, sapatos de ponta fina muito bem lustrados, o olhar perdido num ponto distante, que só ele parecia enxergar, sob baforadas intermináveis de cigarro, a voz pausada, elegante, volumosa, transitando por assuntos os mais variados e complexos. Para a turma de 45 – da qual saíram nomes que se tornariam conhecidos lá fora, como o sociólogo José Rafael de Menezes, o empresário Gilberto Cunha, o historiador e jornalista Potiguar Matos, o senador baiano Djalma Bessa, o geógrafo e historiador Manuel Correia de Andrade, o pedagogo Itamar Vasconcelos, entre outros –, GOA era um “homem do Renascimento”. Ou seja, um indivíduo versado em múltiplos saberes. Enciclopédico. Um gênio.

Pergunte-se, hoje, a quaisquer ex-alunos – ginásianos ou universitários – de Gilberto Osório que impressão lhes terá deixado o professor e todos recorrerão a redundantes superlativos, carregarão as tintas nos adjetivos, serão unânimes em reconhecer no substantivo “gênio” a melhor definição para o antigo mestre. Que sabia *tudo* de Geografia e de História, mas que também ensinava Sociologia, Português, Francês, Direito Internacional Público, Direito Constitucional, Teoria Geral do Estado. Falava, lia e escrevia, fluentemente, Inglês, Francês, Italiano, Latim, sem que jamais tivesse tido aulas particulares desses idiomas. Um gênio, portanto, na visão dos seus jovens pupilos, e da própria família. “Nunca fiz uma pergunta a papai que ele não me respondesse”, orgulha-se a primogênita, Maria Carolina.

Gênio refinado, mas modesto, que não se constrangia de estacionar a sua bicicleta ao lado dos automóveis dos colegas e das “baratinhas” de alguns estudantes mais abastados. Mau motorista, não gostava de dirigir e só veio a ter o seu primeiro carro – uma camioneta Renault, adquirida, com sacrifício, por R\$ 58.000,00 – em 1953, aos 41 anos de idade. Péssimo ciclista, no início da década de 30, tornou-se, depois, um adepto radical desse meio de transporte, utilizado para todas as ocasiões, principalmente na época da II Guerra, quando se impunham restrições ao consumo de combustíveis. “Não sei de outro professor, a não ser as freiras do Colégio Vera Cruz, que o imitavam naquele gracioso meio de transporte”, atesta o prefaciador de um dos seus livros.<sup>2</sup>

A bicicleta de GOA era alvo do respeito dos alunos, os quais, todavia, não se furtavam de algumas brincadeiras. Certa vez, uma estudante da Faculdade de Filosofia do Recife – FAFIRE, insatisfeita, ao que parece, com uma nota na prova de Geografia, esgueirou-se pelo pátio da escola, no intervalo das aulas, para furar o pneu do “veículo” do professor. Conta-se que, diante do ocorrido, Gilberto deu de ombros, providenciou o conserto e se foi, tranqüilamente, pedalando de volta para casa. Imperturbável.<sup>3</sup>

Essa aparente frieza, no exercício do magistério, contrasta, profundamente, com o temperamento arrebatado e inquieto que moverá duas outras atividades marcantes na sua vida: a política e o jornalismo. Gilberto Osório foi, incontestavelmente, um dos grandes tribunos do Estado Novo, o verbo sempre ágil e implacável que fustigava a ditadura varguista, a inteligência fulgurante que ajudou a alicerçar, sem tréguas, os caminhos da redemocratização. Agigantou-se na tribuna da Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, eleito que foi para a Legislatura de 1947-1951, pela Coligação Pernambucana, que reuniu a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Libertador (PL) e o Partido Democrata Cristão (PDC), com pronunciamentos contundentes e atitudes exaltadas. “O plenário tremia quando ele pedia a palavra e não parava mais de falar”, lembra um contemporâneo.<sup>4</sup> Quando ele, líder da Minoria, discursava, os colegas encolhiam-se em suas cadeiras, intimidados; comportava-se “como quem vivia eternamente com raiva”, mas, findo o pronunciamento, “desmanchava-se em atenções e gentilezas com os colegas e funcionários”.<sup>5</sup> Sua exaltação verbal chegou, em certa ocasião, a assustar o cunhado Hevandro, que assistiu, inquieto, a uma acalorada discussão em plenário. Giba tratou de tranqüilizá-lo: “Isso é coisa de política. Daqui a pouco nos recompomos e vamos beber no *Gambrinus*.”

E foi, exatamente, no *Gambrinus*, um dos mais concorridos bares do Bairro do Recife que Gilberto encetou uma discussão violenta com seu amigo Samuel MacDowell. Corriam os anos 30 e discutiam-se, ali, entre doses de uísque e porções de azeitonas, os rumos do socialismo soviético. Uma testemunha do episódio não recorda quem defendia o que, mas tem na memória, com clareza, que Osório e MacDowell discordaram a ponto de quase chegar à agressão física. Em um canto do bar, um marinheiro acompanhava o embate, de cenho franzido. Quando a turma do *deixa-disso* conseguiu apartar os brigões, Giba foi embora, abruptamente. O marujo, que a tudo

<sup>1</sup> MATOS, Potiguar, GOA, in *A Face na Chuva*, págs.115/116

<sup>2</sup> REGUEIRA, Luiz, in *A Cólera-Morbo – um momento crítico da História da Medicina em Pernambuco*, de Gilberto Osório de Andrade.

<sup>3</sup> Depoimento do professor José Rafael de Menezes à autora.

<sup>4</sup> Depoimento do ex-deputado Luiz de Magalhães Melo à autora.

<sup>5</sup> Depoimento da ex-datilógrafa da Assembléia, Alice Nunes Fraga, à autora.

observava, correu atrás e fez-lhe uma proposta inusitada: “Doutor, se o senhor quiser, eu mato ele...” . Gilberto recusou, divertido, e reconsiderou seu comportamento. Continuou amigo de Samuel MacDowell, em cujo casarão, em Camaragibe, costumava passar os domingos, com a família.<sup>6</sup>

Figura “mais categorizada da Oposição”, segundo o jurista Pinto Ferreira, Gilberto Osório notabilizou-se pelo empenho com que desenvolveu os trabalhos de autor e relator geral, na Assembléia Constituinte, da Constituição Estadual de 1947. Foi, também, autor e relator geral do projeto da Lei de Organização Municipal. Os *Anais* da ALEPE guardam discursos, pronunciamentos e pareceres memoráveis do deputado udenista, verdadeiras peças de erudição.

Este foi seu único mandato. Tentou, sem muito entusiasmo, a reeleição, em 1950, ainda pela UDN. Festejou a derrota e recusou, nos pleitos seguintes, como já havia recusado, antes, o apelo da direção do seu partido para concorrer a uma cadeira na Câmara Federal. Da mesma forma, não aceitou, naquele mesmo ano, o convite do ministro João Cleofas para dirigir o Serviço de Informações Agrícolas do Ministério da Agricultura e para ministrar uma das cátedras da Universidade Rural. O *Jornal Pequeno* fez alarde da proposta, em primeira página: “...Mas, o simples fato de Gilberto Osório não se ter podido desprender dos compromissos profissionais que aqui o detêm – professor universitário e jornalista, com obrigações neste vespertino e no *Jornal do Commercio* – não tirará, certamente, o mérito do convite, que bem ressalta o espírito fraternal e compreensivo do ilustre e digno homem público que tão atenciosamente o formulou.”<sup>7</sup>

Desiludido com a política e constringido pela desintegração da UDN, Gilberto Osório preferiu refugiar-se nas atividades acadêmicas e literárias, nas pesquisas de Geomorfologia que começava a produzir, e no jornalismo. Não pôde, entretanto, rejeitar a convocação que lhe fez, em 1952, o governador eleito Etelvino Lins, para assumir a pasta da Secretaria de Negócios de Educação e Cultura. Não concluiu a gestão, mas saiu já no final do Governo, pressionado por conflitos internos.

### ONIPRESENTE, MÚLTIPLO

Ao lado do magistério, o jornalismo foi a atividade a que se dedicou durante toda a sua vida. Publicou seus primeiros artigos, no início dos anos 30, na revista *Agitação*, de inspiração integralista. Em 1935, ingressou no jornal *A Cidade*, periódico da mesma linha, de propriedade da Sociedade Anônima O Estado, dirigido por Limeira Tejo. Nesse ano, tornou-se redator do *Diário da Manhã* e do *Diário da Tarde*, passando a redator-secretário do primeiro, logo em seguida, e atuando nos dois jornais até 1941. Foi no *Diário da Manhã* que Gilberto Osório estreou como cronista social, usando o pseudônimo *Saint Cyr* e, mais tarde, assinando-se *Marcel*, alcunha que partilhava com o jornalista Altamiro Cunha<sup>8</sup>, que se tornaria uma legenda do colunismo da Região. De 1943 a 1960, vamos encontrar Gilberto Osório no *Jornal do Commercio*, como editorialista (função que viria a dividir, a partir de 1951, com José da Costa Porto e, mais adiante, com Nilo Pereira) e assinando, ainda, o *Diário Social*, no *Diário da Noite*, vespertino pertencente à Empresa Jornal do Commercio. Ali ele será *Yves*, autor de crônicas elegantes, às vezes, cheias de lirismo. É o intelectual tentando retratar a vida mundana da Cidade. *Yves* chegou a promover, em fevereiro de 1951, um concurso de poesia, a fim de eleger o melhor soneto com a chave *Geiras férteis de amor florescendo desejos*<sup>9</sup>. Registra Luiz do Nascimento, em sua *História da Imprensa de Pernambuco*, que dos 149 inscritos, saiu vitorioso o poeta Austro-Costa: “O julgamento foi efetuado em solenidade do dia 3 de junho de 1951, no auditório da Rádio Jornal do Commercio, sendo declamados e irradiados, não só o soneto, mas também nove outros selecionados para a escolha.” *Yves* encerrou sua carreira de colunista social em novembro desse ano, no *DN*, sendo substituído por *Paulo Antônio* (pseudônimo de Eurilo Duarte), a quem sucedeu *Carlos Frederico* (Zilde Maranhão).<sup>10</sup>

Em parte desse período (1945-1951), Gilberto Osório estará, paralelamente, no *Jornal Pequeno*, no cargo de diretor, e como colunista (1949-1952), na *Folha da Manhã*, assinando a secção *Salvo Melhor Juízo*.<sup>11</sup> Este será o título da sua coluna no *Diário de Pernambuco*, publicada de 1962 a 1964,. Do final dos anos 60 até a sua morte, será colaborador eventual do *DP* e do *JC*, escrevendo artigos na página de *Opinião* dos dois matutinos. Toda a contribuição jornalística de Gilberto Osório é marcada pela versatilidade: são artigos, crônicas, editoriais, entrevistas, reportagens, críticas de teatro, música e cinema. Foi jornalista registrado no Departamento Nacional do Trabalho, do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, sob o número 59.113, série 10<sup>a</sup>, de 9 de agosto de 1937. Sua matrícula no Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Pernambuco traz a numeração 1- A.

O escritor e professor Nilo Pereira descreve esse homem de Imprensa, que ele vai encontrar no *Jornal do Commercio*: “Gilberto era um grande talento. Tinha uma espantosa facilidade de escrever. Batia à máquina com um

<sup>6</sup> Depoimento de Hevandro Lemos à autora.

<sup>7</sup> *Jornal Pequeno*, 7/2/1951, pág. 1

<sup>8</sup> NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco*, pág. 299.

<sup>9</sup> O próprio Gilberto usa este verso em dois sonetos de sua autoria.

<sup>10</sup> NASCIMENTO, Luiz do. Ob. cit. pág. 418.

<sup>11</sup> Naquela época era permitido aos jornalistas trabalhar em mais de uma empresa. Os salários eram tão inexpressivos quanto os de hoje.

dedo só, o que não o impedia de ser rápido e pronto na sua escritura. Muitos dos editoriais famosos eram da autoria dele. Além disso, redigia também sueltos. Um dos quais – *O Boné do Comandante* – a respeito de um certo capitão de navio que havia perdido o boné e, por isso, quase perdia o seu barco, causou sucesso.”<sup>12</sup>

Sobre a versatilidade de Gilberto discorreu o colega e amigo Silvino Lopes em bem-humorado discurso: “O sr. Gilberto Osório, professor de Direito, professor de Humanidades, orador, é o mesmo Gilberto Osório, jornalista com capacidade para dez editoriais por dia; com uma facilidade pasmosa, passa do cerco de Shangai à questão recente em torno de uma cerca em São José do Egito. Tira-o o trabalho constante da delícia de ouvir Bach, no *Evangelho segundo São João Batista*, para ouvir o relato dessa coisa tremenda que foi o esfaqueamento da sanfona do ceguinho. E ele tem a paixão do jornalismo...”<sup>13</sup>

Da mesma forma que podia estar presente em dois ou três jornais, ao mesmo tempo, Gilberto conseguia absorver, simultaneamente, várias atividades. Era, ainda, estudante de Direito, em 1932, quando se associou ao seu professor, compadre e amigo Abgar Soriano, num escritório de advocacia, dedicado a causas cíveis, que funcionou até 1939. Em 1936, já formado, atuou como adjunto interino do curador de Órfãos e Interditos da Capital e curador interino de Menores Delinquentes da Capital, e, no ano seguinte, como curador interino dos Feitos da Fazenda da Capital. Desde 1932 (até 1950), foi professor de Geografia Geral e do Brasil, História Geral e do Brasil, Sociologia, Português e Francês no Ginásio do Recife (depois, Colégio Padre Félix), no Ginásio Pernambucano (depois, Colégio Estadual de Pernambuco e, novamente Ginásio Pernambucano), na Escola Normal Oficial de Pernambuco (depois, Instituto de Educação de Pernambuco), no Ginásio Leão XIII, no Instituto Nossa Senhora do Carmo (mais tarde, Colégio Nossa Senhora do Carmo), no Colégio Osvaldo Cruz, na Escola Normal Pinto Júnior e no Ateneu Pernambucano; e de Geografia Geral e do Brasil nos Colégios Nóbrega (onde também lecionou Geofísica), Joaquim Nabuco, Pedro Augusto, São José e Carneiro Leão.

Uma curta passagem pela Faculdade de Comércio (depois, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Recife), como professor de Geografia Econômica, foi o passaporte para o ingresso no magistério superior, no início da década de 40. Foi professor catedrático, fundador, de Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Paula Frassinetti (a partir de 1946, Faculdade de Filosofia do Recife, agregada à Universidade do Recife, onde também ensinou História da América) e da já citada Faculdade de Filosofia Manuel da Nóbrega, pertencente à atual UNICAP. Ensinou essa mesma disciplina no Curso de Geografia e História (desdobrado, em 1958, em Curso de Geografia e Curso de História), da Faculdade (estadual) de Filosofia de Pernambuco, e na Faculdade (federalizada) de Filosofia de Pernambuco da Universidade do Recife. De 1959 a 1969, lecionou Geomorfologia no Curso de Geologia, que ajudou a criar, juntamente com os professores Mário Lacerda de Melo e Paulo Duarte, da Universidade do Recife, depois, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Na década de 40, fez parte do corpo docente da Faculdade de Direito do Recife, assumindo as disciplinas Direito Internacional Público, Direito Constitucional e Teoria Geral do Estado.

Foi a partir dessa época que Gilberto Osório intensificou suas pesquisas nas áreas do Direito, da História e da Geografia, realizando expedições investigativas, como a que deu origem ao estudo *Um Complexo Antropogeográfico – Lineamentos para uma Geografia Total da Amazônia*, com a qual pretendeu concorrer, em 1939, a uma cadeira de Geografia no Ginásio Pernambucano. O concurso não chegou a acontecer, mas Gilberto publicou a pesquisa, em 1940, pela Tipografia Diário da Manhã. Vieram, a seguir, *Natureza Íntima do Planeta; A Continentalização da Doutrina de Monroe; Os fundamentos da neutralidade portuguesa; América hispânica e América saxônica; Morão, Rosa e Pimenta; Ares e Ventos do Recife; A Serra Negra – uma relíquia geomórfica e higrófitas nos tabuleiros pernambucanos; Itamaracá – Contribuição para o estudo geomorfológico da costa pernambucana* e outros, os quais serão objeto de capítulo neste livro.

Gilberto assumiu, ainda, várias funções técnicas e administrativas. Entre outras atividades, foi diretor do Instituto de Ciências da Terra (futura Faculdade de Geologia, da UFPE), coordenador do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, assessor técnico da Diretoria de Ensino Superior do Ministério de Educação e Cultura, vice-presidente do Centro de Recursos Naturais da UFPE, diretor do Departamento de Recursos Humanos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, presidente, por 12 anos, do Conselho Estadual de Educação. Integrou vários grupos de estudos e de trabalhos de campo, como pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco – FJN.

A onipresença de Gilberto Osório, em vez de esclarecer, confunde qualquer tentativa de estabelecer-lhe uma cronologia. Faz jornalismo e magistério, atua na política, viaja pelo Brasil afora, buscando fontes para as suas pesquisas, participa, ativamente, da vida cultural da Cidade, como conferencista e crítico, frequenta tertúlias literárias (fez parte de vários grupos, com os amigos Nilo Pereira, Jordão Emerenciano, Ascenço Ferreira, Caio de Souza Leão, Mauro Mota, Eugênio Coimbra Júnior, Carlos Pena Filho, Paulo do Couto Malta, Silvino Lopes), a mais famosa delas o “Clube Edgar Allan Poe”, que se reunia na sua casa, para discutir a obra do escritor americano. Ficaram célebres, no Recife, os encontros promovidos pelo professor Jordão Emerenciano, em que os convidados,

<sup>12</sup> PEREIRA, Nilo, *F. Pessoa de Queiroz e o seu Jornal*, pág. 107.

<sup>13</sup> *Discurso de Recepção ao Acadêmico Gilberto Osório de Andrade na Academia Pernambucana de Letras*, pág. 20.

todos de fraque, passavam horas disputando, sob o comando de Osório, as melhores interpretações da cultura e da História portuguesas, sobretudo sobre as qualidades do marquês de Pombal.

É **gourmet** respeitado, criador de pratos refinados, que aprecia um azeitoso Bacalhau à Gomes de Sá, pastéis cobertos de açúcar, vinhos portugueses e uísques de qualquer procedência, desde que sejam bons. Rechaça a idéia de ter de ler Ruy Barbosa, pois “um homem que não bebia nem fazia farra, não tinha história para contar”<sup>14</sup>. **Gourmand** eclético, gosta da boa e farta mesa, mas sente-se muito à vontade nos botequins do centro do Recife, onde um desprezioso sanduíche de queijo é bem-vindo, à saída do jornal, dois editoriais depois e sob a expectativa da edição do dia seguinte. É fiel freqüentador do “bacarau da Madalena”, apelido do sarapatel que se servia, de madrugada, no mercado daquele bairro, onde se contavam piadas “de banheiro e de salão”, ele mesmo sendo o autor de algumas delas.<sup>15</sup> Não despreza, tampouco, os “mosqueiros” de beira de estrada, para onde, muitas vezes, é obrigado a levar os alunos, durante excursões inóspitas. Come de tudo e come bem, os estudantes a sua volta, ansiosos por ouvir lições de outra matéria, que não a Geografia. Querem saber, por exemplo, como aproveitar melhor o fruta-pão. Simples: abram-no ao meio, besuntem-no de manteiga e levem-no ao forno.<sup>16</sup> É iguaria dos deuses. A turma aprende e passa a receita adiante. Giba é um gênio.

Perguntem, agora, aos estudantes dos anos 60 e 70, quem era o mestre. Sisudo, frio, imperturbável? A visão é outra: sério, sim; compenetrado, claro!; pouco expansivo, certamente; mas, um boa-praça, atencioso, democrata, sem preconceitos. Tinha um jeito discreto de ser afetuoso, de preocupar-se com o outro, de participar da vida da turma. Comandava as expedições de pesquisa, com tranqüilidade e sem medir sacrifícios, fossem quais fossem as condições, dormindo em redes e acampamentos, sob o causticante sol nordestino, viajando de carro, de trem, de barco, de caminhão. “Ele nunca reclamava de nada”, testemunha uma ex-integrante do grupo. O homem cosmopolita, **habitué** de refinados círculos, era, também, um interiorano.

### ESTETA, BOÊMIO, DESPORTISTA

Quando era amigo de alguém, era amigo radical, desses de matar e morrer, possivelmente, mais de morrer do que de matar...porque quase morreu também quando perdeu três grandes companheiros, os jornalistas Silvino Lopes e Eugênio Coimbra Júnior, e o deputado Elpídio Branco. O primeiro era tão afeiçoado a Giba, que lhe tomou o sobrenome de empréstimo para segundo nome de dois de seus filhos. O terceiro, com quem travava discussões violentas e intermináveis, na Assembléia, era seu leal companheiro de boemia, em noitadas pelos bares do Bairro do Recife. Quando Elpídio adoeceu, Gilberto ficou doente. Quando Elpídio morreu, Gilberto trancou-se em casa por quase uma semana. Desaparecidos Silvino e Coimbra, por pouco Gilberto não vestiu luto.

Escolhia os amigos por afinidade. Cercava-se de pessoas que tivessem idéias e, sobretudo, “boas conversas”. Não é de estranhar que um de seus grandes amigos tenha sido, desde a década de 30, o sociólogo Gilberto Freyre<sup>17</sup>, sobrinho e afilhado de Arminda de Mello, avó de sua futura noiva, Cremilda. Outro, o monsenhor Severino Nogueira, pároco de Santo Antônio e *imortal* da Academia Pernambucana de Letras, “um padre que gostava e sabia beber”.<sup>18</sup> O sociólogo e o religioso eram tão ligados a Giba quanto José Lopes, um pescador de Itamaracá, que mal tinha o curso primário, de quem se tornou compadre duas vezes e sócio num curral de pesca. Tinha um carinho especial por esse homem rude, a quem chamava de “embaixador de Itamaracá”.<sup>19</sup>

Nascido numa família católica, Gilberto Osório de Andrade não era homem de freqüentar missas e outras cerimônias religiosas. “O catolicismo dele não tinha velas nem altar; não tinha o aspecto teatral. Ele era um espiritualista, não um papa-hóstia”, define um ex-aluno e, depois colega na Universidade.<sup>20</sup> A *Bíblia* não era, absolutamente, o seu livro de cabeceira; era “comprida demais, complicada demais”.<sup>21</sup> Cultivava, entretanto, muito respeito ao oratório que a mãe, dona Constança, tinha em casa. Todos os filhos estudaram em colégios religiosos e ele próprio gostava de conviver com os jesuítas e, ainda mais, com os franciscanos. Destes é possível que tenha aprendido lições de humildade e despojamento. “Mão posta, sem mão aberta, não vale nada”, ensinava.<sup>22</sup> Aos franciscanos dedicou, pelo menos, dois de seus estudos, *Os Inéditos de Frei Jaboatão* e *São Gonçalo Garcia: um culto frustrado*, este em co-autoria com a geógrafa Rachel Caldas Lins.

Amante dos esportes, Gilberto Osório foi um dos pioneiros da caça submarina no Estado. Gostava de mergulhar fundo, por lazer e por espírito científico. A aventura rendeu-lhe uma série de estudos, mas custou-lhe, aos 48 anos, o estouro dos tímpanos. Desde então, foi obrigado a usar aparelho de audição. A princípio incômodo, o equipamento teve uma sutil utilidade: quando o interlocutor se tornava aborrecido, Giba desligava o aparelho e

<sup>14</sup> Depoimento da geógrafa Rachel Caldas Lins à autora.

<sup>15</sup> Depoimento de Hevandro Lemos à autora.

<sup>16</sup> Depoimento da professora Enilda Regina da Silva à autora.

<sup>17</sup> Gilberto Freyre e sua mulher, Magdalena, seriam, mais tarde, padrinhos de Maria Cristina, filha de Giba e Cremilda, morta aos 26 anos.

<sup>18</sup> Depoimento de Maria Carolina Andrade à autora.

<sup>19</sup> Depoimento de Antônio Caldas Lins à autora.

<sup>20</sup> Depoimento do historiador Armando Souto Maior à autora.

<sup>21</sup> Depoimento de Maria Carolina Andrade à autora.

<sup>22</sup> Depoimento de Rachel Caldas Lins à autora.

continuava demonstrando grande interesse pela conversa. Embora torcedor, *mais ou menos fanático*, do Santa Cruz Futebol Clube, não era de freqüentar estádios.

Música, artes plásticas, cinema, teatro eram outras paixões. Sentimental incorrigível, desfazia-se do ar carrancudo que espantava os estranhos, ao som da música erudita e dos tangos de Gardel ou ante a visão de uma obra que julgasse já ter nascido clássica, como as telas de Lula Cardoso Ayres e as esculturas de Francisco Brennand. Dos estrangeiros, cultuava Rembrandt com cega idolatria. Fazia acrobacias financeiras – mal remunerado professor e jornalista que era, com família grande para criar – para realizar curtas viagens ao Rio e a São Paulo só para assistir a um grande espetáculo cênico ou para ver uma mostra artística, que estivesse fora dos circuitos nordestinos. Admirador dos filmes de arte italianos e dos desenhos animados norte-americanos, considerava a sessão das 21 horas, a última, um ritual inadiável. Gostava, também, das fitas românticas e de ação. Assistiu *Casablanca* mais de dez vezes. E não se importava de ser flagrado, enxugando as lágrimas, no escurinho do cinema. “Rato de teatro”, no dizer do médico e teatrólogo Reinaldo de Oliveira, vivia “bordejando as atrizes”, presume-se, com a melhor das intenções. Afinal, era homem de Imprensa, crítico teatral. Corria os bastidores em busca de notícias...

Exímio dançarino, era sempre o último a sair dos bailes do Clube Internacional. Carnavalesco, idealizava as fantasias das filhas (Maria Carolina lembra a cabeça de arlequin que o pai confeccionou para ela, com massa de modelar e os cosméticos da mulher, Cremilda), mas delegava ao cunhado Hélio a incumbência de levá-las ao corso. Carnaval, para Giba, era mais uma oportunidade para beber com os amigos e com os irmãos de Cremilda, a usar uma “máscara de imbecil”, como chamava os disfarces que se vendiam na rua, e a sair pela Cidade, fotografando as pessoas. Pois a fotografia, cabe não esquecer, era outra das manias do professor, cientista, político, jornalista. Tinha uma Rolleyflex e chegou a manter em casa, por **hobby**, um pequeno laboratório, montado pelo seu amigo, o fotógrafo Alcedo Lacerda. Depois, passou a comprar equipamentos sofisticados e a produzir seu próprio material para ilustração de aulas, conferências, livros, artigos.<sup>23</sup>

Sisudo, ranzinza, distante, *im-per-tur-bá-vel*? “Não!”, reage Maria Carolina. “Ele era doce e justo. Essa máscara era uma tentativa de esconder a ternura.”

“Era um homem cheio de vida, sem preconceitos, de excelente espírito crítico, mas muito generoso. Detestava a mediocridade. Era pela inteligência”, reforça Rachel Caldas Lins, ajudando-nos a compor o personagem e a decifrar a esfinge. Não era de guardar rancores, de envenenar-se com ressentimentos, mas quando alguém o feria profundamente, “enterrava o sujeito, de imediato, e não fazia nem uma cruz em cima para não encontrar o lugar”.<sup>24</sup>

Gilberto Osório de Oliveira Andrade não era um homem bonito, mas tinha um certo charme – avalizado, quem sabe, pela carga de mistério que imprimia aos gestos e às palavras – que atraía as mulheres. Quase 1m80, cabelos escuros, lisos, brilhantes, divididos à direita, os olhos miúdos e vivos, lábios delicados, o queixo pequeno, o bigode fininho à Errol Flynn<sup>25</sup> – do qual só se livraria nos anos 70 – uma “certa aparência de indiano”, no dizer de Carolina. Romântico por natureza, era dado a paixões devastadoras, a primeira delas invadindo-lhe o peito antes dos 10 anos de idade, quando descobriu os olhos “mais lindos que já vira na vida”, os da menina Maria Freyre, sua colega no Colégio Santa Margarida. A jovem amada só tomou ciência desse sentimento, 80 anos depois: “Como eu podia saber que ele era apaixonado por mim, se *paquerava* com todas?”<sup>26</sup>. Menino-prodígio esse Giba, que além de primeiro da turma, bem-comportado, calado e gentil, ainda dava-se ao luxo de flertar com todas as garotas da classe...

Seu **affair** mais turbulento, porém, o que alimentará os rumores nos meios intelectuais da Cidade, acontece em plena juventude, nos anos 30. Totalmente enredado pela beleza e pelo talento da atriz gaúcha Maria Caetana, toma cadeira cativa na primeira fila do Teatro de Santa Isabel, para aplaudir a estrela. Vai mais longe: acompanha a amada na sua turnê pelo Nordeste e pelo Norte do País. Dois, três, quatro meses, tanto tempo Giba passa desaparecido do Recife, dos jornais e das salas de aula. Correm boatos de que está no Amazonas, ao lado de Caetana, a quem dedica cinco peças que escreve nesse período. Tudo indica que a atriz as tenha interpretado todas, mas onde andarão os originais? Delas o autor não guardou cópias. E Caetana, ingrata, volta para o Sul, pondo fim ao namoro. Regressará, um dia, mais de 10 anos depois, e tentará um contato com Gilberto, a essa altura, casado, pai de duas filhas, à espera do terceiro bebê. Cremilda morre de ciúmes, sem razão. O reatamento do romance não tem sucesso.

O sentimental sem remédio era, também, poeta. Dois sonetos de sua autoria foram publicados na *Antologia*, organizada por Mariano Lemos, em 1955. Eis um deles:

<sup>23</sup> Depoimento de Carlos Caldas Lins à autora.

<sup>24</sup> Depoimento de Maria Carolina Andrade à autora.

<sup>25</sup> Astro do cinema americano, muito em voga nas décadas de 30 a 50.

<sup>26</sup> Depoimento de Maria Freyre à autora, colhido em 23/11/2001.

### Soneto a uma balzaquiana

*Terra virgem, bravia e inculta noutra idade,  
Foste um longe recesso, ausente e proibido,  
onde o sol madurou, fruto agreste, intangido,  
tua carne intocada em cor de castidade.*

*Como um vale distante, encantado, perdido  
No Éden das florações pueris da mocidade,  
viveste, terra inculta, a rude virgindade  
de lugar nunca visto, ou sequer pressentido.*

*Hoje, porém, em ti a terra freme e anseia.  
Um frenesi de amor te enleva, empolga e cega  
e a boca que revolve os teus lábios semeia.*

*E és, então, uma lavra onde se plantam beijos  
e onde a carícia em fonte exaurível rega  
Geiras férteis de amor, florescendo desejos.*

Gilberto Osório casou-se com Cremilda Carvalho de Souza Lemos, no dia 10 de julho de 1940, ele com 28 anos, ela com 24. Cremilda era o que se chamava, à época, uma “moça prendada”, que gostava dos afazeres domésticos (embora o marido, quase sempre, lhe frustrasse as tarefas, tomando a iniciativa de comandar a cozinha, por exemplo) e era talentosa pianista. Formada pelo Conservatório Pernambucano de Música, costumava praticar oito horas por dia. Filha única do advogado José Joaquim de Souza Lemos e da professora (foi diretora de escola) Maria Regina Carvalho de Souza Lemos, tinha mais três irmãos: Hevandro, Hélio e Homero. Destes, apenas Hevandro está vivo. Cremilda morreu em 1991.

Quando se casaram, Cremilda e Gilberto foram viver com a mãe dele, na Rua Pedro Henrique, na Boa Vista, passando, depois, para a residência dos pais dela, uma casa imensa, de 14 quartos, que se tornou pequena com a chegada das primeiras filhas. Do avô materno, advogado célebre na Cidade, Maria Carolina guarda a recordação de um homem culto, que tinha por **hobby** os trabalhos manuais. Gostava de fazer peças de marcenaria, como os berços dos netos, as mesas dos aniversários das crianças, de consertar equipamentos da casa. Era, enfim, um faz-tudo, que tinha no genro, às vezes, um bom parceiro. O berço de Carol, por exemplo, foi desenhado por Gilberto Osório, em estilo medieval, e confeccionado pelo sogro. Embalou todos os filhos, inclusive as gêmeas Conceição e Fátima, uma dormindo no sentido contrário da outra. A afinidade de José Joaquim com o genro não parava por aí. Eram grandes amigos, admiravam-se e respeitavam-se mutuamente. Quando o sogro morreu e seu corpo foi velado na capela do Hospital Centenário (hoje Hospital do IPSEP), Giba chorou “como uma criança”. Dizem que chorou muito mais do que quando morreu o próprio pai.<sup>27</sup>

Gilberto Osório e Cremilda tiveram sete filhos: Maria Carolina (chamada de Calu ou Carol), formada em Relações Públicas; Maria Luíza, em História Natural; Maria Cristina, a Tita, geógrafa (falecida aos 26 anos de idade); Maria da Natividade, também geógrafa; Gilberto, administrador; Maria da Conceição, jornalista, e Maria de Fátima, matemática. O casamento durou até 1956, quando se separaram (o divórcio saiu em 1973) e Gilberto uniu-se à geógrafa Rachel Caldas Lins, sua ex-aluna e futura colaboradora de estudos e publicações. Viveram juntos exatos 30 anos, até a morte dele, em 30 de julho de 1986.<sup>28</sup>

A chegada de Rachel pôs em ordem o cotidiano boêmio do professor e jornalista. Não que Giba deixasse de promover reuniões em casa, de freqüentar bares e de tomar o uisquinho de cada dia. A vida quase que seguiu igual, com a diferença que, agora, havia mais um à mesa. No caso, uma. Rachel não bebia nem fumava, mas acompanhava o marido para onde quer que fosse. Compartilhava as conversas e pagava a conta, porque Gilberto tinha horror a lidar com dinheiro, sequer possuía carteira. Para ele, “poder e dinheiro deformavam qualquer pessoa”.<sup>29</sup> Dos flertes do passado, nem pensar! O Don Juan aquietou-se. “Eu não lhe dava trégua; não soube de nenhum deslize dele nesses 30 anos”, acredita a geógrafa. Bela mulher, 20 anos mais jovem do que o marido, cortejada pelos melhores partidos da Cidade, Rachel nunca se arrependeu: “Nós nos completamos”, assegura.

Não tiveram filhos. Preferiram ajudar a criar os filhos de pessoas carentes, proporcionando-lhes abrigo, carinho, e, sobretudo, educação. Foram cinco adoções extra-oficiais, todas motivo de orgulho.

<sup>27</sup> Depoimento de Maria Carolina de Andrade à autora.

<sup>28</sup> Estranha coincidência: Gilberto Osório nasceu, casou-se, divorciou-se e morreu no mês de julho.

<sup>29</sup> Depoimento de Rachel Caldas Lins à autora.

Viajavam muito; viajaram, praticamente, o mundo inteiro. Principalmente, depois que Gilberto teve problemas de retina e submeteu-se a várias cirurgias. Foram inúteis todas as tentativas de cura no Exterior e ele terminou por perder 80% da visão. Mas, nem por isso, as viagens resultavam frustradas. Giba adorava visitar museus, assistir a espetáculos (“você vê por mim”, dizia à mulher), percorrer livrarias, experimentar os sabores da cozinha internacional, esmiuçar vitrines e liberar seu lado consumista, adquirindo seus perfumes preferidos, lavandas inglesas e a famosa água-de-colônia alemã 4711. Aos problemas de vista somaram-se o Mal de Parkinson e um enfisema pulmonar. Pouco a pouco, foi-se despojando da vaidade. Em vez dos ternos elegantes e dos sapatos impecavelmente lustrados, usava roupas simples, sandálias franciscanas. A partir dos 70 anos, recorreu ao apoio de uma bengala, mas, até às vésperas de sua morte, não deixou de frequentar as sessões da Academia Pernambucana de Letras (para a qual fora eleito em 1949) e as reuniões do Seminário de Tropicologia, da Fundação Joaquim Nabuco, do qual era membro efetivo. “Cada participação de Gilberto no Seminário era uma aula”, avalia Rachel, que prefere considerar o marido mais um “tropicólogo” do que “um geógrafo”.

A morte chegou de forma silenciosa e tranqüila, coincidentemente, no mesmo dia e quase na mesma hora em que surpreendeu um dos seus maiores amigos, o etnólogo Luís da Câmara Cascudo. Sozinho em casa, Gilberto Osório ouvia Wagner, seu compositor preferido, quando o coração começou a vacilar. Rachel, que, naquele momento, voltava da UFPE, ainda teve tempo de vê-lo com vida. O atestado de óbito registrou como causas da morte: insuficiência cardiorrespiratória, enfisema pulmonar, síndrome de Parkinson, insuficiência renal aguda. O documento poderia ter resumido tudo numa única palavra: tristeza. Depois que perdeu a visão, Gilberto começou a morrer.

E morreu como queria: ouvindo música clássica, nos braços da mulher amada.

## TEMPO DE ESPERANÇA

“NO-TI-CI-AS”

Sentado no colo do pai, o menino de quatro anos soletava, sem titubear, o título de uma coluna, na primeira página do *Diário de Pernambuco*. O advogado Leopoldo Bessoni tomou um susto. O filho sequer ingressara no colégio, ninguém, em casa, ensinara-lhe as primeiras letras e ali estava ele... *lendo*. Chamou a esposa, Constança, para testemunhar o feito e o casal passou a manhã inteira, acompanhando a *leitura* do garoto. Que milagre era aquele? Não descobriram, mas chegaram à conclusão, a partir daquele instante, de que “tudo o que tivesse letra” interessava ao menino.

Gilberto Osório era o segundo filho de Leopoldo Bessoni de Oliveira Andrade e de Constança Osório de Oliveira Andrade. Ambos viúvos (ela fora casada com um médico famoso na Cidade, Alberto Mendonça, formado pela Faculdade de Montpellier, França), conheceram-se por volta de 1907, 1908, e trouxeram para o novo lar os filhos dos casamentos anteriores. Bessoni, advogado nascido na Paraíba, alto funcionário do Tesouro Estadual, vinha com Eurico, de 20 anos; Constança agregava à família o pequeno Alcides. Da sua união com o dr. Mendonça, Constança tivera mais dois filhos, Pedro e Frederico, mortos de maneira trágica, atropelados por um trem quando jogavam bola na linha férrea. Ainda chegaram a ser socorridos, tiveram as pernas amputadas, mas não sobreviveram, por falta de medicamentos. À época, não existiam os antibióticos.

Leopoldo Bessoni e sua nova mulher instalaram-se na Rua Gervásio Pires, nº 30, no Bairro da Boa Vista, num sobrado de porta-e-janela, entre as Ruas da Intendência (hoje, Avenida Manoel Borba) e da Conceição. A casa ainda existe e, muitas vezes reformada e adulterada, atualmente abriga uma ótica. Ganhou o nº 132, depois da urbanização da área.

Foi ali que nasceram Maria de Lourdes, em 9 de março de 1911, Gilberto, em 23 de julho de 1912, e Célia, em 10 de março de 1918. Lourdes tinha, apenas, 15 anos, quando morreu de tifo. A dor pela perda da filha embranqueceu os cabelos de Leopoldo Bessoni, da noite para o dia. Fechou-se na solidão e no silêncio. Temperamento depressivo, seria, daí em diante e até a morte, em 1937, um homem triste. A viúva, Constança, a *Manhoquinha*, como Giba a chamava, foi longeva: morreu com quase 90 anos.

Quando Gilberto tinha nove anos de idade, a família mudou-se para Olinda. Mas a vida do garoto continuou a girar em torno da Boa Vista. Fazia, então, o curso primário no Colégio Santa Margarida, escola tradicional de formação de moças, de propriedade das irmãs Maria Emília e Adriana (Nanu) Pereira de Souza, e de Domitila Amorim, localizado na esquina da Rua Nunes Machado com a Rua do Príncipe, onde hoje existe um amplo estacionamento. O primário era misto e nas séries que cursou Gilberto Osório “chamou a atenção por escrever bem”.<sup>30</sup> Lamentavelmente, o Santa Margarida fechou as portas em meados da década de 40.

A Boa Vista era reduto da classe média, onde se estabeleceram os judeus chegados no início do século. Bairro onde também se concentrava “a massa de funcionários públicos, de empregados dos Correios e Telégrafos, de comerciários, de profissionais liberais, de auxiliares de uns poucos estabelecimentos bancários que operavam na Cidade”.<sup>31</sup>

Menino como qualquer outro, Giba gostava das brincadeiras de rua, jogava futebol e praticava natação. Seu lazer preferido, entretanto, era passear com o pai pelas ruas do Recife e deter-se, às vezes, uma tarde inteira de domingo, na Praça da República. “Interessava-me ali o velho Chico”, conta ele, “porque havia um tanque no meio da praça – não o atual, com o seu repuxo luminoso, mas uma pequena piscina d’água escura, propositadamente atulhada de aguapés flutuantes debaixo dos quais se escondia timidamente um peixe-boi, motivo de curiosidade e até de pasmo para a meninada num tempo em que o cinema não se ocupava com documentários, ainda nem sequer se falava de televisão e as publicações ilustradas ao alcance das crianças, a exemplo do *Tico-Tico*, dedicavam-se mais às travessuras do Chiquinho, e às complicadas relações entre Jujuba e Carrapicho do que às coisas reais da natureza.”<sup>32</sup>

Fascinado com o animal “exótico”, o garoto chamava-o, insistente e inutilmente, pelo nome. Outra curiosidade que atraía sua atenção, na Praça, “era a árvore disforme que ainda hoje ali vive, de tronco grosso na base e afilado no teto, que depois soube ser um baobá das savanas africanas”.<sup>33</sup> O baobá permanece na Praça, mas o tanque foi desmanchado e o peixe-boi da infância de Giba foi transferido para o Parque Amorim. “Mas o tratamento que já então lhe davam ali era dos mais hostis: o parque não era protegido contra o molecórdio das ruas e em vez de lhe atirarem pedaços de pão, tocaviavam-lhe o focinho para alvejá-lo com tiros de bodoque”<sup>34</sup>, lamenta Osório.

<sup>30</sup> Depoimento da professora Graziela Peregrino à autora.

<sup>31</sup> CAVALCANTI, Paulo, in *Bê-a-Bá de Pernambuco*, de Mauro Mota, pág. 407.

<sup>32</sup> ANDRADE, Gilberto Osório de Andrade, *Pequena História da Praça da República*, in *Um Tempo do Recife*, pág. 181.

<sup>33</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>34</sup> Idem, *ibidem*.



De 1924 a 1929, Gilberto fez o curso secundário (em regime de “preparatório”) no Ginásio do Recife, depois chamado Colégio Padre Félix. Bom aluno, sempre, mas sem nenhuma tentativa de ser melhor do que os outros. Demonstrava, então, profundo interesse pela Geografia e pela História, e por línguas estrangeiras. Lia muito, principalmente os clássicos franceses, no original. Em 1930, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, uma das três opções de ensino superior que existiam no Estado (as outras eram Medicina e Engenharia), e, dois anos depois, começava a ensinar nos colégios recifenses. Considerada um centro de irradiação do pensamento nordestino, a Faculdade, já centenária, atraía jovens de toda a Região. Era a escolha que melhor se adequava aos interesses intelectuais de Gilberto.

## OS BACHARÉIS DA CONSTITUINTE

O historiador, professor, escritor e jornalista Nilo Pereira acredita que uma das mais brilhantes fases da tradicional escola foi a década de 30, justamente aquela que apanha em cheio o legado da I Guerra Mundial e o que se chamava, então, a inquietação do após-guerra. Diz Pereira: “Minha geração moveu-se, então, em torno dessa ansiedade intelectual. Dois livros marcam – além de outros – os pólos da nossa posição política diante do mundo em mudança: *A Decadência do Ocidente*, de Oswald Spengler, e *A Defesa do Ocidente*, de Henri Massis. Era o conflito de idéias: – de um lado, o ocaso, do outro, o renascimento. As correntes se firmavam entre esses dois painéis. O centro do pensamento era o Ocidente, que estaria decadente e desfeito ou renascente e lúcido.”<sup>35</sup>

Os anos 30 são, também, o período do surgimento de luminares da nossa intelectualidade, como Otacílio Alecrim, “o maior líder estudantil do seu tempo, orador de impressionantes recursos verbais, ironista impenitente, um personagem de Eça de Queiroz a empunhar a sua corneta do Diabo”, no dizer de Nilo Pereira.<sup>36</sup> O historiador enumera esses valores: “Álvaro Lins, o futuro grande crítico brasileiro (...), então filiado ao pensamento católico, à AUC (Ação Universitária Católica), que antecipou, no plano estudantil, a criação da própria revista *Agitação*, cujo papel, na faculdade, foi de indiscutível renovação de estilos ditos acadêmicos, mas já universitários; Murilo Guimarães, futuro reitor; José Vieira Coelho, filósofo tomista; Gilberto Osório de Oliveira Andrade, mestre da palavra, futuro parlamentar e geógrafo mais que geógrafo, como costuma dizer Gilberto Freyre; Otto Brito Guerra, filiado à corrente tomista e mestre do Direito; Amaro Quintas, futuro historiador; Andrade Lima Filho, mestre do jornalismo; Evaldo Coutinho, ensaísta; Cezário de Melo, poeta; Jorge Galvão, gramático e filólogo; Maurício de Barros Lima, humanista; Mauro Mota, futuro membro da Academia Brasileira de Letras, cujo nome deixei para o fim, para fechar essa lista de nomes ilustres que foram mais do que nomes – uma época.”<sup>37</sup>

Esta é a época de Gilberto Osório. Uma época conturbada da vida política brasileira, a Revolução de 30 emergindo como um divisor de águas na História do País. Sentia-se, ainda, no ar, o cheiro de pólvora, mas reformas eram anunciadas, uma nova Constituição estava a caminho, o Brasil exultava de esperança.

Essa atmosfera atinge em cheio a Faculdade de Direito do Recife, que forma, em 1933, os *Bacharéis da Constituinte*, da qual Gilberto fará parte, ao lado de 59 acadêmicos. A festa de colação de grau merece destaque de primeira página em quatro edições do *Diário de Pernambuco*, que considera a turma de formandos “uma das afirmações mais vigorosas da nova mentalidade que, há três anos, vem imprimindo uma nova fisionomia à vida universitária de Pernambuco”.<sup>38</sup> O redator da matéria inflama-se ao falar da festa daquele dia: “Sempre identificados com os mais nobres movimentos de civismo e cultura, que daqui se têm irradiado com uma indiscutível projeção no cenário brasileiro, nesses três anos de situação excepcional, os bacharéis da Constituinte vão hoje receber o seu grau numa situação de plena consciência de si mesmos e de sua função histórica neste instante tão caro aos nossos profundos sentimentos de povo fundamentalmente democrático. Nenhuma missão mais alta poderíamos desejar fosse conferida a essa turma que a de meditar sobre os destinos do Brasil.”<sup>39</sup>

A turma de bacharéis compunha-se de 14 representantes da Paraíba, nove do Rio Grande do Norte, 10 de Alagoas (a única mulher, entre os formandos, Iolanda Mendonça, era desse Estado), dois do Maranhão, um do Ceará, um do Mato Grosso, um do Pará, um da Bahia. O Estado de Pernambuco comparecia com a maior representação, 21 formandos, a saber: Alfredo Gaspar de Mendonça, Aluísio Castro, Antonio Taveira de Farias, Clodoaldo Peixoto, Evio de Abreu e Lima, Eraldo Valença, Félix Lira, Fernando Allain, Gilberto Osório, José Alfredo de Menezes, José Carvalho Costa, José Maria Jatobá, José Manuel Pessoa de Melo, Lins de Farias Castro, Manuel Cavalcanti, Mário Marroquim, Milton Barbosa, Milton Maranhão, Mário Batista, Romero Cabral da Costa e Sátiro Ivo Júnior.

O orador oficial da turma é o bacharel norte-riograndense Otacílio Alecrim, que faz inflamado discurso, no Salão Nobre da Faculdade, logo após a longa fala do paraninfo, professor Aníbal Freire. Retóricas afinadas, constantemente interrompidas pelos aplausos de uma platéia elegante, atenta e emocionada. “Por mais que os

<sup>35</sup> PEREIRA, Nilo, *Pernambucanidade*, pág. 242.

<sup>36</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>37</sup> Idem, *ibidem*, pág. 243.

<sup>38</sup> *Diário de Pernambuco*, 7/12/1933, pág. 1

<sup>39</sup> Idem, *ibidem*.

regimes de força abominem e descreiam da inteligência, há de caber aos depositários do pensamento humano a iniciativa da reação”, empolga-se Freire. “Foi o desprezo pela aristocracia do espírito que inventou o drama das gerações sem rumo do espetáculo contemporâneo, tornando-as insensíveis ao destino das instituições e das liberdades públicas”, brada Alecrim.<sup>40</sup>

O *Diário de Pernambuco* registra tudo, cobrindo a festa em todos os detalhes. Festa que parecia interminável, com almoços no Recife Hotel, cerimônias no Diretório Acadêmico, bênção dos anéis, em missa celebrada pelo padre Félix Barreto, na Matriz de Santo Antônio, e tendo como madrinha “a prendada senhorita Ivete Marques, acadêmica de Direito e elemento de destaque na sociedade pernambucana”; baile no Clube Internacional, ao som da Jazz Band Acadêmica (que tocou, também, na colação de grau, juntamente com a Banda de Música do 29º BC), homenagem do Conservatório Pernambucano de Música, em concerto erudito do Teatro de Santa Isabel, sob a regência do maestro Ernani Braga.

Em tempo de conspiração política, o Diretório Acadêmico fervilhava. O bacharel Ernani Sátiro, da Paraíba, passa a presidência do DA ao estudante Cezário de Melo, pondo em relevo as figuras de seus auxiliares mais próximos e anunciando sua disposição de seguir atividade partidária. Na realidade, Sátiro, cujo irmão, Clóvis, era prefeito de Patos, já atuava na política, alistando eleitores para a Assembléia Nacional Constituinte.<sup>41</sup>

Uma curiosidade sobre a Turma de 1933 é que ela, na realidade, compunha-se de 62 formandos. Dois deles, o pernambucano Evaldo Coutinho e o alagoano José Carlos da Silva Reis, haviam se desentendido com os colegas quanto à escolha do paraninfo. Defendiam o nome de Gilberto Amado, mas foram vencidos pela esmagadora maioria, que elegeu o professor Aníbal Freire. Os dissidentes recusaram-se a participar das solenidades de formatura e colaram grau, solitariamente, na secretaria da Faculdade.

Há um ano, Gilberto Osório tinha passado da teoria à prática, atuando, ao lado do seu ex-professor Abgar Soriano em pequenas causas cíveis. Redigia bem, era loquaz e convincente, mas não via na advocacia a sua verdadeira vocação. Seguiu a carreira, em parte, por influência familiar, e mais por falta de opção compatível com seus interesses. Tinha orgulho do pai e do avô, o desembargador Joaquim José de Oliveira Andrade, que fora presidente da Província de Pernambuco entre 1888 e 1889. Dele contavam-se histórias interessantes, ocorridas em Palácio, uma delas ambientada num jantar que Andrade oferecera aos seus primos José Corrêa (avô do ex-deputado e escritor Antônio Corrêa) e Manuel Corrêa (avô do geógrafo e historiador Manuel Correia de Andrade). Na ocasião, José teria comentado que o Partido Conservador estava com os dias contados e a República estava a caminho. Ao que retrucara o primo presidente: “A República será um sonho para os nossos netos.”<sup>42</sup> Ledo engano. A República chegou, em poucos meses, tendo, entre os seus apologistas, o próprio filho do desembargador, Adolfo. Um neto do presidente da Província, filho de Adolfo, seria um dos líderes da Intentona Comunista, em 1935.

Desconhecemos as influências que, porventura, o velho Joaquim exerceu sobre Gilberto Osório (quando este nasceu, o desembargador ainda era vivo; a avó, Adelaide Bessoni, já havia morrido), mas se alguma houve, com certeza, esta foi a grande preocupação com a preservação do meio ambiente. Ao transmitir o cargo de presidente da Província para o dr. Inocencio Marques de Araújo Goes, em 3 de janeiro de 1889, Joaquim José presta contas de sua administração em circunstanciado *Relatório*, no qual destaca o interesse com que cuidou da segurança, das finanças, das obras públicas, da saúde e da higiene. O item referente a estes dois assuntos é o mais longo. Transcrevemos parte do capítulo dedicado aos *Engenhos Centraes Geraes*, respeitando a grafia da época:

*“Engenho de S. Lourenço da Matta*

*(...) O engenheiro fiscal dos engenhos centraes do 1º districto trouxe ao meu conhecimento haver, em 6 do referido mez de Novembro, imposto á Companhia North Brazilian Sugar a multa de 3:000\$000 pelas irregularidades que encontrou nos serviços do mesmo engenho, entre os quaes sobresahe o emprego do acido sulfuroso no fabrico do assucar.*

*(...) A esta presidência foram feitas diversas representações, nomeadamente pela Camara Municipal do Recife, sobre o facto de serem deppositados no rio Capibaribe, pela fabrica do engenho central de S. Lourenço da Matta, os resíduos e aguas servidas durante a moagem, causando com a infecção das aguas do rio a insalubridade, não dos habitantes das suas margens, como do pessoal empregado. Sob pareceres do engenheiro fiscal dos engenhos centraes e inspector de hygiene, deliberei, em 7 de maio deste anno, que pela companhia concessionaria fossem construidos sumidouros abobadados e subterraneos em dito engenho, que déssem escoamento, por meio de canalisação fechada, ás aguas de lavagens e outros residuos da destilação, ficando esses sumidouros em distancia nunca inferior a cem metros da margem do rio para abrigal-o das infiltrações.*

*(...) Antes, porém, de ser colhido o resultado das experiencias determinadas, a administração daquella fabrica continuou, como d’antes, a fazer o despejo das lavagens no rio, resultando disso o mal que sobrevém dos*

<sup>40</sup> *Diário de Pernambuco*, 8/12/1933, pág. 1

<sup>41</sup> Depois de formado, Ernani Sátiro voltou à Paraíba e elegeu-se, em 1934, para a Constituinte estadual. Jamais deixou a política, tendo sido constituinte em 1946, deputado federal por vários mandatos, ministro do Superior Tribunal Militar – STM e governador da Paraíba. Foi o último presidente da UDN, extinta pelo regime militar, pelo Ato Institucional nº 2, de 27 de outubro de 1965.

<sup>42</sup> Depoimento de Manuel Correia de Andrade à autora.

*productos mephyticos e toxicos de taes residuos em decomposição, e a irritação dos animos dos habitantes ribeirinhos, dando assim lugar a novas representações dos moradores directas e da imprensa e do fiscal do governo (...)*<sup>43</sup>

A Saúde, a Higiene, a Natureza também são inquietações constantes na obra de Gilberto Osório. Influência do avô ou vocação natural? “Ele teria sido um excelente biólogo, um excelente médico”, supõe Rachel Caldas Lins.

## O MESTRE DE PERFIL

Além de exercer a advocacia, Gilberto passou a lecionar nos colégios da Cidade, a maioria concentrada no seu bairro da Boa Vista. Tinha aulas diárias, da manhã à noite, e seguia a pé, de colégio em colégio, utilizando o bonde para as distâncias maiores e, depois, a bicicleta, seu meio mais permanente de transporte até o final dos anos 40. Descobriu que o maior dos seus talentos era o magistério e tinha um indifereçável orgulho do Ginásio do Recife, no qual lecionaria até 1950. Um ex-aluno descreve a presença do mestre na sala de aula:

“A primeira coisa que ele fazia quando chegava era colocar o maço de cigarros Selma, tipo oval, em cima da mesa. Fazia a chamada, acendia o primeiro cigarro, sentava de perfil, repousava a cabeça numa das mãos e ficava olhando para o pátio interno da escola, onde se fazia ginástica e se jogava futebol. Nunca olhava diretamente na cara dos alunos. Falava sempre de improviso, não usava ficha didática. Mas não havia pausas, titubeios. Quando terminava, pegava a caderneta, colocava debaixo do braço e dizia: ‘senhores, até a próxima aula’.”<sup>44</sup>

A disciplina (chamava-se “cadeira”, então) era Geografia. E embora Gilberto enveredasse por muitos temas na sua explanação, tudo levava ao assunto da aula. Só uma vez, recorda o mesmo aluno, o professor fugiu da matéria e começou a falar sobre música, principalmente sobre sua paixão pela música clássica. Que, para ele, não devia incluir a ópera. À turma, surpresa com o comentário, revelou sua aversão pelo gênero: “Acho ridículo uma matrona interpretar uma frágil Margherite Gautier, tendo por galã um tenor barrigudo.”<sup>45</sup> Foi uma das raras intervenções divertidas do mestre em sala de aula.

Escrevendo sobre “os velhos e bons tempos” do Ginásio do Recife, em livro evocativo do padre Félix Barreto, um dos grandes educadores pernambucanos, outro ex-aluno traça o perfil jocoso dos professores: “*André Miranda* – Matemática. Pequeno, meticuloso, um tanto taciturno e odiado como todo professor de Matemática. *Dácio Rabelo* – Geografia. Alto, corpulento, corado, tranqüilo. *Elezier Xavier* – Desenho. Sempre com um maço de papéis debaixo do braço. Apologista da beleza plástica. *Gilberto Osório* – Português. Alto, moreno claro, boca pequena e cabelos grisalhos. Discretamente vaidoso. *José Pires* – Física. Pequenininho, vermelho, calmo. *Valdemar de Oliveira* – Biologia. Elegante, obedecido por todos (moral lá em cima), exigente, meio surdo (só ouvia o que lhe interessava). “*Padre Cheiro*” – Religião. Não recordo o nome do bondoso, rotundo, corado padre, que tinha a infelicidade de exalar um odor ácido de suor.”<sup>46</sup>

Homem de múltiplos saberes, Gilberto Osório não lecionava, apenas, Geografia, no Ginásio do Recife, mas História Geral e do Brasil, Sociologia, Português e Francês<sup>47</sup>, em diferentes períodos. Estudantes de todas essas fases são unânimes em louvar a seriedade e a erudição do mestre, seu senso de justiça, seu equilíbrio. Aluno do colégio dirigido pelo padre Félix, o hoje médico, ator, teatrólogo e escritor Reinaldo de Oliveira temia ser “perseguido” pelo professor quando este descobrisse que ele era filho de um colega de jornalismo e magistério, Valdemar de Oliveira. A razão do temor estava na acirrada polêmica em torno de teatro, que ambos – Osório e Oliveira – travavam, à época, pelos jornais. “Não se preocupe, Gilberto é um homem de bem”, assegurou Valdemar ao filho assustado. Reinaldo terminou por destacar-se nas aulas de Português, sendo, constantemente, convocado pelo professor para ler textos literários para a turma. Ao longo da vida, os dois teriam muitos outros encontros, dos quais o médico-teatrólogo lembra-se com emoção. Como um certo dia, em 1953, quando o governador Etelvino Lins homenageou, em Palácio, o elenco do Teatro de Amadores de Pernambuco – TAP (dirigido por Valdemar e do qual, como outros membros da família Oliveira, Reinaldo fazia parte), recém-chegado de vitoriosa temporada no Rio de Janeiro. A placa que o chefe do Executivo entregou à trupe foi redigida pelo seu secretário de Educação e Cultura, Gilberto Osório de Andrade.<sup>48</sup> Outros contatos memoráveis do ex-aluno com o professor foram no Conselho Estadual de Cultura e no Seminário de Tropicologia, dos quais ambos eram membros.<sup>49</sup>

<sup>43</sup> *Relatórios dos Presidentes de Província de Pernambuco*, acervo Fundação Joaquim Nabuco.

<sup>44</sup> Depoimento do historiador Mário Márcio de Almeida Santos à autora.

<sup>45</sup> *Idem*.

<sup>46</sup> BITTENCOURT, Paulo, in *O Educador Padre Félix Barreto*, págs. 96/97.

<sup>47</sup> Naquela época, não havia, ainda, cursos superiores dessas áreas. O estudo da História, da Geografia, da Sociologia e de línguas era feito de maneira autodidática. Os professores eram requisitados pelos colégios entre os jovens que se haviam distinguido como os seus melhores alunos. O que não impedia que fossem, como em todos os tempos, “indicados” pelos poderosos da vez.

<sup>48</sup> A placa foi aposta, depois, no Teatro de Santa Isabel.

<sup>49</sup> Depoimento de Reinaldo de Oliveira à autora.

O Ginásio do Recife, situado na Rua da Soledade, nº 315, esquina com a Avenida Conde da Boa Vista (onde hoje funciona uma agência do Banco Nacional de Crédito – BNC), era uma referência na vida educacional do Estado. Em um dos seus deliciosos livros de crônicas, o médico-escritor Rostand Paraíso conta que, nos idos de 1941, o colégio “estampava, orgulhosamente, em um anúncio que ocupava ¼ de página dos nossos principais jornais, a excelência do seu corpo docente, enumerando, um a um, aqueles que o compunham, entre eles, Gilberto Osório, Mário Sette, Fernando Mota, Sizenando Silveira, Alberto Moreira, Nilo Pereira, Manoel Cavalcanti, Elezior Xavier e Óthon Paraíso, numa demonstração evidente do alto nível de ensino professado naquela casa”.<sup>50</sup> Segundo o autor, naquela época, os pais faziam a escolha dos colégios dos filhos de acordo com a excelência do seu corpo docente, composto de “professores que transmitiam às novas gerações, além dos conhecimentos curriculares, um exemplo permanente de comportamento ético que incluía a maneira de falar, baixo e sem uso de palavras inadequadas, e até o modo como vestiam, simples, mas alinhado, incapazes, sequer, de apresentar uma barba malfeita, um cabelo despenteado, uma calça sem vinco ou um sapato sujo e não engraxado”.<sup>51</sup> Nesses quesitos todos, Gilberto Osório era, com certeza, nota 10.

## ERUDITO E REFINADO

Da mesma forma que os ginásianos dos anos 30 e 40, os estudantes universitários que vieram, a seguir, a conhecer o mestre, da década de 40 à de 70, guardam dele, com uma ou outra exceção, a mesma impressão. Escreve um deles: “Suas aulas notabilizavam-se pela extrema erudição e pelo Português impecável, algo raríssimo, hoje, no mundo universitário, onde boa parte dos docentes se diferencia quase que apenas pela titulação que possuem ou pelo vocabulário impregnado de informatiquês, utilizado ‘pomposamente’, em praticamente todas as ocasiões. Era um professor de um outro tempo, um tempo em que os antigos docentes eram valorizados, respeitados e ouvidos. Um tempo sem ‘gratificações de estímulo à docência’, que geram, na atualidade, inveja, discórdia e uma ‘pseudo produtividade intelectual’. Um tempo para sempre perdido.”<sup>52</sup>

A influência do professor foi marcante nos seus alunos. Em dúvida sobre a carreira a seguir, muitos deixaram-se levar pelo admirável talento de Gilberto na sala de aula. “Ele nos deu uma visão nova da Geografia, mais viva, dinâmica. Eu, que ia fazer História, decidi tornar-me professor de Geografia”, conta um ex-discípulo<sup>53</sup>, enquanto outro assegura que foi, exatamente, o espírito ilustrado do mestre, versátil em todas as áreas, que o fez trocar a Geografia pela História, disciplina “mais sedutora”.<sup>54</sup>

Gilberto Osório, como já foi dito, começou as suas atividades de professor universitário, em 1940, na Faculdade de Comércio, que mais tarde seria absorvida pela Universidade do Recife como Faculdade de Ciências Econômicas. Ingressou, no ano seguinte, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Paula Frassinetti, atual FAFIRE, e, em 1943, na Universidade Católica de Pernambuco. Entretanto, como todos os bacharéis da época, alimentava um sonho: o de integrar o ilustre corpo docente da Faculdade de Direito do Recife.

Em 1939, havia preparado um estudo para concorrer a uma vaga para a cadeira de Geografia do Ginásio Pernambucano, o já citado *Um Complexo Antropogeográfico – Lineamentos para uma Geografia Total da Amazônia*, resultado de pesquisa realizada em menos de dois meses. Naquela época, ser professor de ginásio – principalmente de um com a tradição do Pernambucano – era como ascender ao magistério superior, tão rigoroso era o ensino médio e tão eficientes eram os mestres. Só em 1954 Gilberto ingressa no Ginásio – agora denominado Colégio Estadual de Pernambuco –, como professor interino de Geografia Geral, passando, dois anos depois, a catedrático efetivo da mesma disciplina, após concurso no qual foi candidato único.

Mas Gilberto Osório sonhava com a Faculdade de Direito. Em 1942, foi o único candidato a concorrer a uma vaga de livre docente da cadeira de Direito Internacional Público, apresentando a tese *A Continentalização da Doutrina de Monroe*. Naquele mesmo ano, publicou o estudo pela Tipografia Diário da Manhã, mas teve de esperar um pouco mais para complementar o concurso, que constava, ainda, de uma “argüição” (prova oral) e de uma prova de títulos. A oportunidade de entrar para o corpo docente da tradicional escola lhe é antecipada pelo ex-professor, ex-sócio, amigo e chefe integralista Abgar Soriano. Na convocação que recebe, assinada pelo diretor Andrade Bezerra, para participar da reunião extraordinária da Congregação, a se realizar no dia 15 de maio de 1944, para “designação de professores que completem as comissões examinadoras de concursos para docência livre”, Soriano manuscreeve, com caligrafia fina e elegante: “Giba, querido: – Até que enfim o Capanema<sup>55</sup> telegrafou, mandando realizar os concursos para docência livre. O telegrama chegou hoje e, como vês, prestamente foi convocada a Congregação para o dia 15. Isso quer dizer que, em junho mesmo (segunda quinzena), deverás estar marchando para a vitória. Um grande e afetuoso abraço do irmão-amigo, Abgar Soriano.”

<sup>50</sup> PARAÍSO, Rostand, *A Esquina do Lafayette e outros tempos do Recife*, pág. 22.

<sup>51</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>52</sup> JATOBÁ, Lucivânio, *Prêmio Gilberto Osório*, in *Jornal do Commercio*, 26/12/2000, pág. 3.

<sup>53</sup> Depoimento do geógrafo Jerônimo Lemos à autora.

<sup>54</sup> Depoimento do historiador Armando Souto Maior à autora.

<sup>55</sup> Referia-se a Gustavo Capanema, ministro da Educação e da Saúde do Governo Vargas.

O concurso para livre docência da cadeira de Direito Internacional Público foi realizado no dia 27 de setembro daquele ano. Na banca examinadora estavam os professores Sérgio Loreto Filho, Luiz Sebastião Guedes Alcoforado, José Joaquim de Almeida, Luiz de Souza Delgado e Murilo Humberto de Barros Guimarães. De um programa de 10 itens, foi sorteado o ponto 4, para a prova didática: *Situação internacional da Santa Sé, antes e depois dos acordos de Latrão. Condição jurídica do Vaticano*. Gilberto Osório é aprovado com louvor e homenageado por colegas, alunos e amigos, entre eles, o prefeito Novaes Filho e o padre Félix Barreto, com almoço no Grande Hotel.

Decide tentar três novos concursos para catedrático. Em 1945, é aprovado para a cadeira de Direito Internacional Público, com a tese *Os Fundamentos da Neutralidade Portuguesa* (publicada, também, pela Tipografia Diário da Manhã), concorrendo com o bacharel Mário Pessoa, o primeiro colocado. Segundo lugar, Gilberto não assume a cátedra. Em 1946 e 1948, desiste das provas para as cadeiras de Direito Constitucional e Teoria Geral do Estado, respectivamente, embora tenha apresentado as teses *A Supraconstitucionalidade da Declaração de Direitos* e *A Defesa da Liberdade – Será inevitável a autodestruição do Estado democrático?*.<sup>56</sup> Em edições do autor, estes dois últimos estudos são publicados nas datas de sua apresentação. Gilberto Osório restringe-se à livre docência da cadeira de Direito Internacional Público, exerce a interinidade da disciplina Direito Internacional e rege turma desdobrada de Teoria Geral do Estado.

Desiludido, deixa a Faculdade, pouco tempo depois, migrando para as recém-criadas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras da UNICAP e da Universidade do Recife. Já fazia parte, então, do corpo docente da FAFIRE. Divide-se entre o magistério secundário e o superior, além do jornalismo. E doa, de muito bom grado e sem arrependimento posterior, todos os seus livros de Direito ao amigo Luís da Câmara Cascudo.

Mas antes que tudo isso acontecesse, um *furacão* passou na sua vida. Atendia pelo nome de Integralismo. É o que veremos, a seguir.

---

<sup>56</sup> Depoimento do jurista Luiz Pinto Ferreira à autora.

## O CANTO DA SEREIA

Calouro de Direito em 1930, Gilberto Osório de Andrade acompanha, com interesse, os acontecimentos no País. Sabe que o Governo do presidente Washington Luís, iniciado em 1926, enfrenta crises intestinas, do ponto de vista político e econômico, que a insatisfação popular grassa em todo o território, que as oligarquias, até então coesas, tendem a dividir-se na sucessão que se avizinha. Os Estados da Federação, irritados com a exclusão que lhes era imposta por São Paulo e por Minas Gerais – que se revezam no poder e detêm, também, o monopólio econômico – querem dar um basta à chamada *política do café-com-leite*. Preparam-se para as eleições, nas quais se apresentam, como prováveis candidatos, o presidente (governador) paulista Júlio Prestes, que ganharia a simpatia do Governo Central, com o apoio da Concentração Conservadora; o presidente do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, em torno do qual se unira a Aliança Liberal, e o presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos de Andrada.

Pela “lógica” política de então, sendo Washington Luís paulista, seu sucessor deveria ser um mineiro, que asseguraria, assim, a manutenção das “forças de equilíbrio” (cafeicultores + pecuaristas) no poder. O candidato do presidente vence o pleito, sob fortes indícios de fraude no processo eleitoral. Júlio Prestes não chega a tomar posse. A Revolução estava a caminho. O estopim do movimento foi o assassinato, em 26 de julho, na Confeitaria Glória, na Rua Nova, no Recife, do presidente da Paraíba, João Pessoa, candidato a vice na chapa de Vargas. Embora o crime estivesse associado a questões políticas locais (havendo, na raiz delas, como se sabe, hoje, motivos passionais), a morte do dirigente paraibano provocou forte comoção no País. Era o sinal verde para a eclosão da Revolução, ocorrida, simultaneamente, no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, e no Nordeste, em 3 de outubro de 1930. Deposto Washington Luís, assume, provisoriamente, o Governo da República, como delegado da Revolução, em nome do Exército, da Marinha e do *povo*, o gaúcho Getúlio Vargas. Estava quebrada a hegemonia paulista-mineira. A Primeira República estava morta e enterrada.

O clima, é claro, é de expectativa em todo o País. A Constituição vigente (de 1891) é suspensa, todos os órgãos legislativos são dissolvidos, interventores federais são nomeados para os Estados (o usineiro Carlos de Lima Cavalcanti foi indicado para Pernambuco) e Vargas passa a governar por meio de decreto-leis<sup>57</sup>, protelando a promulgação de uma nova Carta. A maior reação ao novo Governo vem de São Paulo, traduzida na Revolução Constitucionalista de 1932, que, mesmo esmagada pelas forças legalistas, provoca a convocação de uma Constituinte, eleita no ano seguinte, reunindo representantes de todos os Estados da Federação. Entre outras medidas, a Constituição de 1934 extingue o cargo de vice-presidente da República, estabelece eleições indiretas para o primeiro presidente constitucional (Vargas vence, derrotando Borges de Medeiros), concede às mulheres o direito a voto, limita a imigração, promove a nacionalização de empresas de seguro e do subsolo nacional, cria a Justiça Trabalhista, a Justiça Eleitoral e a Justiça Militar.

Para o geógrafo e historiador Manuel Correia de Andrade, “não há dúvida de que a nova Constituição representava um passo à frente sobre a Constituição de 1891, de vez que absorvia várias reivindicações e procurava refletir os princípios formulados por diversas correntes políticas. Ocorre, porém, que era apenas uma trégua entre as forças em luta e, com eleição do ditador para a Presidência da República e a eleição da maioria dos interventores para o Governo dos Estados, não amenizara as pressões existentes.”<sup>58</sup> Duas tendências políticas passam, então, a predominar no País: o nazi-fascismo e o socialismo marxista.

É pela primeira que o acadêmico de Direito Gilberto Osório de Oliveira Andrade toma-se de paixão, em 1932. Essa ideologia, propagada pela recém-criada Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada pelo jornalista, escritor e professor paulista Plínio Salgado, vinha no rastro de movimentos semelhantes criados, sem sucesso, por Francisco de Campos, em Minas Gerais, e por Severino Sombra, no Ceará. Salgado teve mais sorte, cercando-se de intelectuais de projeção nacional, que cuidaram de disseminar as idéias da AIB, conquistando um número impressionante de seguidores. Em linhas gerais, os integralistas atacavam a liberal democracia, o sistema de voto, o imperialismo inglês e americano e, acima de tudo, o comunismo, apontando-o como filho dileto do capitalismo. Além disso, consideravam o judaísmo como principal responsável pelos males que atingiam a humanidade, defendiam a forma totalitária de governo, argumentando que o integralismo tinha uma visão integral do homem. Propunham-se, por outro lado, a resolver os problemas sociais, por meio de um Governo corporativista. Contra as posições anti-semitas assumidas pelos dirigentes integralistas, notadamente o escritor Gustavo Barroso, chegou a contrapor-se, publicamente, o próprio Plínio Salgado, chefe supremo do movimento.

Ao falar, muitos anos depois, na Câmara dos Deputados, Salgado fará a defesa da Ação, expondo as origens brasileiras do Integralismo. Na sessão de 15 de abril de 1959, dirá, entre outros argumentos:

“(…) Minha doutrina procedia do profundo amor a minha terra e meu povo, da compreensão do grande contraste entre o Litoral e o Sertão, que me evidenciavam as páginas de Euclides da Cunha. Ela procedia da tradicionalidade lusitana, da velha política que vinha, desde a Idade Média, formando as cidades brasileiras, essa

<sup>57</sup> Atos do Poder Executivo com força de lei.

<sup>58</sup> ANDRADE, Manuel Correia de, 1930 – *A atualidade da Revolução*, págs. 68/69.

formação de cidades que obedeceu a um espírito cristão e, ao mesmo tempo, à simbiose do Direito Romano e do Direito visigótico. (...) Procedia de raízes brasileiras e de raízes cristãs. Levantei-me por Cristo e pela Nação, ao passo que o nazismo hitlerista procedia em linha reta de Hartmann, de Spinoza, Frederico Nietzsche e, de certa forma, do transformismo de Darwin e do pensamento do materialismo inglês. Procedia, também, em linha reta, de Fuerbach e Hegel através de Karl Marx, porque era também socialista, mas o meu nacionalismo se levantava com o pensamento em Deus e na Pátria crente em Cristo, porque somente em Cristo encontraremos a salvação dos povos da terra.”<sup>59</sup>

O Integralismo tinha por lema *Deus, Pátria e Família*, o que explica, em parte, que tenha atraído inúmeros conservadores e católicos. Seu símbolo era o sigma, décima-oitava letra do alfabeto grego, correspondente ao nosso S, que passou a ser gravado na bandeira e nos emblemas da AIB. Os adeptos do movimento usavam, nas cerimônias, marchas e reuniões diversas, uniformes com calça preta ou branca, camisa verde, gravata preta e braçadeira no braço esquerdo com o sigma. Saudavam-se mutuamente com a palavra *anaué*<sup>60</sup>, erguendo o braço direito em sentido vertical – e não horizontal, como faziam os nazistas alemães – com a mão aberta. Eram arregimentados desde a infância: aos quatro anos de idade, já se podia ingressar na AIB, como *infante*, passando, dois anos depois, a *curupira*; chegando, aos 10 anos, a *vanguardeiro*, e, aos 13 (até os 15), a *pioneiro*. O garoto que tenha sido recrutado, aos quatro anos, em 1932, não terá ascendido a *vanguardeiro*. A Ação Integralista não foi longe; acabou sendo posta na ilegalidade, logo após o Golpe de 1937, promovido por Getúlio Vargas, e fechada, em seguida. Uma tentativa frustrada de levante armado contra o Governo obrigou Salgado a deixar o Brasil e a exilar-se em Portugal. Anos antes, Vargas havia esmagado outra insurreição, a chamada *Intentona Comunista*, deflagrada com o intuito de instalar no País um Governo de caráter socialista.

Mas até que isso acontecesse, os *camisas-verdes* (ou *galinhas-verdes*, como eram chamados pelos adversários) perturbaram o Governo Vargas, dividiram a intelectualidade, confundiram corações e mentes. Nomes importantes da cultura brasileira ingressavam nas fileiras da AIB, como Alceu de Amoroso Lima, Miguel Reale, Ronald de Carvalho, Loureiro Júnior, Afonso Arinos de Mello Franco, Eurípedes Cardoso de Menezes, padre Hélder Câmara, futuro arcebispo de Olinda e Recife. Em Pernambuco registravam-se: Abgar Soriano, Ranilson Sá Barreto, Arnóbio Graça, Paulo Cavalcanti, Álvaro Lins, João Roma, Mauro Mota, Airton de Almeida Carvalho, Aurino de Sá Cavalcanti, Fernando Mota, Pitágoras de Souza Dantas, Bolivar Mousinho, Andrade Lima Filho, Gilberto Osório de Andrade e outros.

## A IDÉIA NACIONALISTA

“Por que tantos bons brasileiros aceitaram a ideologia integralista?”. A pergunta é do historiador, professor e jornalista Potiguar Matos, chefe do Núcleo Integralista de Pesqueira, em 1935, aos 14 anos de idade. E ele mesmo responde: “Era a idéia nacionalista que nos atraía. Tínhamos vergonha do Brasil em que vivíamos; queríamos um Brasil que falasse mais alto. Queríamos um Brasil que voasse, um Brasil que marchasse, um Brasil que tivesse indústrias, um Brasil que gritasse, um Brasil que não se submetesse.”<sup>61</sup> Era esse o Brasil que Plínio Salgado, orador brilhante, prometia às platéias mesmerizadas. Vingar todas as ofensas sofridas pelo País, principalmente aquela imposta, em 1845, pela Inglaterra, quando o imperador Pedro II reclamou diplomaticamente da rainha Vitória o aprisionamento de navios brasileiros por navios ingleses, na Baía de Guanabara<sup>62</sup>, e teve da monarca uma inesperada reação: que não lhe daria resposta porque o Brasil não tinha dignidade para pedir satisfações à Inglaterra.<sup>63</sup>

Plínio Salgado discursava e os auditórios empolgavam-se. Mas, insistindo na pergunta de Matos, “por que tantos bons brasileiros aceitaram a ideologia integralista?”. Cada um, a seu modo, tem uma resposta. Em entrevista ao *Diário de Pernambuco*, em 29 de janeiro de 1989 – depois publicada em livro –, o então arcebispo dom Helder Câmara respondeu: “O que aconteceu foi isto: o mundo parecia dividir-se entre o Comunismo e as forças de Direita. Quando surgiu o Integralismo, anunciando *Deus, Pátria e Família*, eu achava aqueles ideais bastante coincidentes com o que eu tinha aprendido no Cristianismo. Mas, cedo, verifiquei que não precisava de nenhum sistema filosófico ou político, bastava-me a mensagem de Cristo. (...) Não me arrependo de nenhuma experiência humana que tenha vivido. Não me arrependo de ter passado pelo Integralismo.”<sup>64</sup>

O militante comunista Paulo Cavalcanti, hoje falecido, tem suas explicações para a experiência integralista: “Eu estava muito decepcionado com a Revolução de 30, da qual havia participado. Cheguei a pegar em armas para atacar a Casa de Detenção. Eu pensava que aquilo era uma revolução de verdade, mas estava enganado.

<sup>59</sup> SALGADO, Plínio, *Discursos Parlamentares*, págs. 85/86.

<sup>60</sup> Em Tupi, “você é meu parente”, saudação utilizada pelos escoteiros e imitada pelos integralistas.

<sup>61</sup> BONALD NETO, Olímpio, *Ideologia dos Anos 30 – Modernismo, Regionalismo, Integralismo*, pág. 72.

<sup>62</sup> O Parlamento britânico havia aprovado a *Bill Aberdeen*, lei que dava à Marinha de Guerra inglesa o direito de perseguir e prender os navios negreiros, em qualquer ponto do Atlântico.

<sup>63</sup> BONALD NETO, Olímpio, ob. cit.

<sup>64</sup> RIVAS, Lêda, *Parceiros do Tempo*, pág. 133.

Aí veio o Movimento Integralista, pregando o nacionalismo, dizendo que o Brasil era uma colônia de banqueiros. Meus melhores amigos no colégio eram integralistas e vieram me convidar para o movimento. De início, não aceitei, justificando: ‘Eu não posso entrar, por dois motivos: primeiro, porque sou ateu; segundo, porque defendo a reforma agrária, e o Integralismo não faz isso.’ Um engenheiro, que era o chefe, tentou me convencer que o movimento defendia isso. Nesse tempo, muita gente era integralista: Álvaro Lins, Alceu de Amoroso Lima, João Roma, Etelvino Lins. Andrade Lima Filho era chefe do Integralismo aqui. Eu aderi, então. Quando começaram a chegar livros sobre o movimento, senti que este tinha muito a ver com o fascismo. E vi que era hora de sair. Tempos depois, eu era deputado pelo Partido Comunista e encontrei o vereador Ranilson de Sá Barreto, integralista, no Palácio da Justiça, e ele, no meio dos advogados e desembargadores, me fez uma pergunta que há muito tempo tinha vontade de fazer: ‘É verdade que você entrou no Integralismo como observador do Partido Comunista?’. Eu respondi: ‘Olhe, isso seria a melhor versão para a minha biografia. Mas eu saí do Integralismo porque vocês me decepcionaram’.<sup>65</sup>

E Gilberto Osório de Andrade, como entrou e por que saiu do movimento? Em 1932, pelas mãos do professor, sócio e amigo Abgar Soriano, o jovem estudante da Faculdade de Direito do Recife, a exemplo de tantos dos seus colegas, filia-se à Ação Integralista de Pernambuco e passa a colaborar com a revista *Agitação*. Terá ele um papel fundamental na secção estadual da AIB, como jornalista e orador. Como professor, asseguram ex-alunos seus, jamais tentou doutrinar as turmas, embora participasse de todas as reuniões do Grêmio Plínio Salgado, instalado no Ginásio do Recife, em 1935, com a presença do próprio patrono. O padre Félix Barreto, diretor da escola, não reprimiu a nova unidade, mas tampouco jamais se pronunciou integralista, “nem vestiu a camisa verde, como o padre Belchior Maia de Athayde, do Colégio Salesiano”.<sup>66</sup> Os alunos-professores que se tornaram “ardorosos discípulos” de Plínio Salgado – Álvaro Lins, Gilberto Osório, Mauro Mota, Fernando Mota – não conseguiram (se é que tentaram) catequizar o religioso. Dez anos mais tarde, quando o Integralismo tenta reorganizar-se no País, o padre Félix responde a enquête promovida pelo *Jornal do Commercio*, sobre a viabilidade desse ressurgimento: “O antigo Partido Integralista pode continuar a existir ao lado de outros partidos que se organizarem no Brasil, uma vez que estamos procurando restabelecer no País a verdadeira ordem democrática, onde não poderá faltar a liberdade para todos dentro da lei, respeitados os princípios do direito, da ordem e das tradições do povo brasileiro.”<sup>67</sup> Disfarçaria, aí, o velho padre, uma antiga simpatia, ou expressaria, apenas, sua vocação democrática?<sup>68</sup>

Um caderno escolar, de papel pautado, sem data, sob o título *Arregimentação*, hoje pertencendo ao acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, traz uma lista de centenas de integrantes da AIB, com seus respectivos endereços residenciais e profissionais, e observações nas margens sobre alguns nomes. Terá sido confiscado, certamente, quando da extinção do movimento e a feroz perseguição que se seguiu, pela polícia, aos *camisas-verdes*. Relacionados por área de atuação, vamos encontrar, entre os nomes, os médicos Sérgio Morel e Djair Brindeiro; os acadêmicos de Medicina Áureo Xavier de Andrade, Antônio Moreira Couceiro e Thomé Dias Sobrinho. Como “chefe dos *Blusas Verdes*”, aparece Arnaldo Carneiro Leão, tendo como auxiliar, Ypiranga Souza Dantas. O responsável pela Seção Jurídica era Abgar Soriano. O nome de Gilberto Osório, com endereço residencial na Av. João de Barros, 794, telefone 6186, é o único riscado de vermelho.<sup>69</sup> Estaria, já, aliado das hostes integralistas?

Uma espécie de orador oficial dos núcleos da AIB em Pernambuco, Gilberto Osório é, constantemente, convocado para proferir discursos e conferências em reuniões da Ação pelo Estado. Com ele, muitas vezes, segue o grupo de amigos e colegas professores. Notícias de jornais dão conta de que “o professor Gilberto Osório fará palestra no núcleo do Cordeiro” (e de outros bairros recifenses e cidade interioranas), mas nenhum texto parece ter restado para que avaliemos o teor dessas alocações. É possível que ele falasse de improviso, como era de seu costume.

A polícia não dava trégua aos *camisas-verdes*. O próprio Gilberto é seguido e vigiado, conforme comprova a parte do “investigador nº 39”, datada de 15 de março de 1934, referente a uma reunião realizada na sede da AIB, localizada na Rua do Riachuelo, 267, e dirigida ao chefe da Ordem Social e Política, a qual transcrevemos, na íntegra, respeitando a ortografia capenga do autor:

“Em cumprimento as ordens recebidas de vossa senhoria para assistir as reuniões do Partido Integralista, informo-vos o seguinte. Dando início a reunião às 8 horas e ½, terminando as 9 horas e ½. A caravana que se destinava a Caruaru, domingo, 18 do corrente, foi adiada para Domingo proximo, motivado por não se achar presente em Caruaru a pessoa que deveria receber os caravaneiros. Tendo a palavra o dr. Gilberto Osorio, disse esse senhor que o momento atual era igual ao do passado, que a manjarra ficou, sendo substituidos somente os burros continuando assim as mesmas imoralidades e roubalheiras, as mesmas misérias de outrora. Disse também que o que

<sup>65</sup> Idem, ibidem, pág. 153.

<sup>66</sup> MENEZES, José Rafael de. *O Educador Padre Félix Barreto*, pág. 48.

<sup>67</sup> *Jornal do Commercio*, 27/4/1945, pág. 5

<sup>68</sup> Padre Félix Barreto foi deputado estadual de 1933 a 1935; eleito em 1947, morreu no exercício do mandato, um ano depois.

<sup>69</sup> Documento nº 152 DPAS, do acervo da Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS, no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.



se via atualmente era a maior *indisciiplina* no exercito brasileiro, ao ponto de um general dizer em sua *intrivista* algo com respeito a Camara dos Deputados, como também um grupilho de tenentes que abandonaram as suas *funções* para estar a espera de uma interventoria. É por esses motivos, meus irmãos, que aqui achamos reunidos para um dia possamos estar fortes para *expulçar* esses ladrões da pátria.<sup>70</sup>

O entusiasmo pelo movimento leva Gilberto Osório a candidatar-se a uma vaga na Câmara Municipal, pela legenda do Integralismo<sup>71</sup>, nas eleições de 8 de outubro de 1935. O pleito foi realizado, em todo o Estado, para vereadores e prefeitos; no Recife, só para vereadores. O cronista Z (Aníbal Fernandes), do *Diario de Pernambuco*, saúda o acontecimento: “... não deixa de ser interessante ver-se um professor de ensino normal e da Faculdade de Medicina, como o sr. Geraldo de Andrade, e professor de Sociologia, sair-se de seus cuidados para se candidatar a um posto de vereador.”<sup>72</sup> Geraldo de Andrade candidatou-se pela legenda Nem tudo está Perdido e obteve 617 votos. Andrade seria um dos líderes da redemocratização, em meados da década de 40, juntamente com Gilberto Osório, Gilberto Freyre, Odilon Ribeiro Coutinho, Olívio Montenegro, Paulo Rangel Moreira, Antiógenes Chaves, entre outros.

O Partido Social Democrático de Pernambuco (PSD), do interventor Carlos de Lima Cavalcanti, conquista 7.787 dos 17.374 votos numa eleição marcada por 34,04% de abstenção. Estiveram inscritos 26.342 eleitores, em 79 seções. Depois do PSD, vêm as legendas Trabalhador, Ocupa teu Posto! (com 2.854 votos), Nem tudo está Perdido (2.582), Integralismo (1.456), Ação Unida Comercial (973), Independentes (970). Candidatos avulsos obtiveram 270 votos, candidatos votados em células avulsas, embora registrados sob regenda, 28. Houve 310 votos em branco e 144 nulos.<sup>73</sup> Gilberto Osório é o candidato mais votado do seu partido, com 393 votos. No dia 6 de agosto de 1936, a Junta Apuradora do 1º Círculo Eleitoral do Estado de Pernambuco confere a Gilberto Osório de Oliveira Andrade “o diploma afim de tomar posse e exercer as funções que lhe cabem de VEREADOR effectivo da Camara Municipal de Recife”.

A instalação da Câmara dar-se-á uma semana depois, no Liceu de Artes e Ofícios (onde, então, funcionava a Casa), sob a presidência do juiz eleitoral da 1ª Zona, Roderick Galvão. Sábado, 15 de agosto, 15 horas. Após os discursos de praxe, ante uma platéia que superlota o salão nobre, “foi lido (*pelo juiz Galvão*) um ofício que se encontrava na mesa, assinado pelo vereador eleito pela legenda integralista, sr. Gilberto Osório de Oliveira Andrade, comunicando que, por motivos supervenientes, renunciava ao mandato”.<sup>74</sup> Com Gilberto, renunciavam, também, os integralistas eleitos Alfredo Montenegro de Mesquita, Marcionilo Barbosa da Silva, Antônio Soares de Albuquerque, Maria de Lourdes Mousinho, Dylermundo Pimentel Alves e José Borges de Santa Rosa. “Oportunamente, será convocado o suplente para ocupar a vaga do sr. Gilberto Osório”, comunica o juiz.<sup>75</sup>

Burburinho no auditório; a assistência entreolha-se com espanto. O eleito sequer comparece à Câmara, para formalizar, pessoalmente, sua renúncia; ninguém sabe do seu paradeiro. Os rumores invadem o Recife. Comenta-se que a desistência teria sido imposta pelos líderes integralistas, os quais, indignados com o fato de Gilberto Osório ter aceito convite de Carlos de Lima Cavalcanti para assessorar a Interventoria, acusam-no de traidor e exigem a cadeira na Câmara para Arnóbio Graça. Outros vão mais longe, acrescentando a essa versão o detalhe da força física aplicada: três integrantes da AIB teriam tocado Gilberto, à saída do Teatro do Parque, e, ali mesmo, lhe aplicado violenta surra. O mecanismo de persuasão teria rendido à vítima um olho roxo, fraturas num dos braços e contusões generalizadas. Uma ex-aluna do 1º ano ginasial, do Instituto Nossa Senhora do Carmo, recorda que, num dia de 1936, o professor entrou na sala com um braço na tipóia e ferimentos no rosto, cujas causas ignora. “Ele deu aula, normalmente. Ninguém perguntou o que tinha acontecido e ele tampouco disse nada. Como sempre, deu uma aula magnífica, estendendo o **mapa mundi** sobre o quadro negro. Nunca soubemos o que lhe tinha acontecido.”<sup>76</sup>

## O SONHO ACABOU

O que se passava no coração integralista de Giba? O poeta Waldemar Lopes acredita que a decepção com o Integralismo vinha crescendo, a passos largos, desde que, juntamente com um grupo de jornalistas, o *camisa-verde* visitara o Rio Grande do Sul. A convite do Governo daquele Estado, em 1935, uma comitiva formada, entre outros, por Gilberto Osório, Waldemar Lopes e sua mulher, Iraci, Limeira Tejo, Augusto Rodrigues, Luiz Jardim, João Duarte Filho e a professora Elizabeth Maranhão (mais tarde, uma das fundadoras do Colégio Vera Cruz), fora participar das comemorações do Primeiro Centenário da Revolução Farroupilha. Gilberto faria a cobertura do

<sup>70</sup> Documento nº 174, do Prontuário Funcional *Integralismo*, nº 1027.

<sup>71</sup> Relatório do Tribunal Regional Eleitoral – TRE grafa a legenda como Integralismo; os jornais da época, como Ação Integralista e Partido Integralista.

<sup>72</sup> *As Eleições de Hoje*, in *Diario de Pernambuco*, 8/10,1935.

<sup>73</sup> Relatório da Eleição Municipal de 8/10/1935, do TRE.

<sup>74</sup> *Diario de Pernambuco*, 16/8/1936. pág. 8.

<sup>75</sup> Idem, ibidem.

<sup>76</sup> Depoimento de Maria do Carmo Torres, esposa do ex-deputado Aderval Torres, colega de Gilberto Osório na Legislatura 1947-1951.

evento para o *Diário da Manhã*; Waldemar, para o *Jornal do Commercio*. No trajeto, de navio, conta o poeta, abrindo um parêntese, uma das escalas seria Salvador. O grupo chega no dia 3 de julho, quando se comemora a Conjuração Baiana, e, sabendo que havia a bordo “um professor de História e orador eloqüente”, os organizadores das celebrações não hesitam em convidar Gilberto Osório a fazer a oração oficial da festa. “Ele falou de improviso, por mais de uma hora, dando um verdadeiro *show* de História baiana e empolgando as massas. Aí eu comecei a desconfiar que, um dia, ele seria um grande político”, conta Waldemar Lopes.

Os jornalistas pernambucanos seguiram viagem para Porto Alegre. Ali, no âmbito das comemorações da Revolução Farroupilha, Gilberto Osório teria entrado em contato com os integralistas gaúchos e se estarecido com o espírito exacerbado, beirando a idolatria nazi-fascista, que a AIB teria assumido ali.

Se os *camisas-verdes* pernambucanos preferiam o redator do *Diário do Nordeste*, Arnóbio Graça, na Câmara, devem ter ficado felizes. Eleito com, apenas, 22 votos, Graça assumiu a vaga deixada por Gilberto, em 2 de setembro de 1936. Nessa época, o total de membros da Ação, no País, era calculado em 600 mil.

O Golpe de 37, dado por Getúlio Vargas, não surpreende. Havia um cheiro de conspiração no ar. Sentia-se que o governante aspirava eternizar-se no Poder. O Congresso é fechado, os partidos políticos são abolidos, as eleições livres são suspensas, bem como os tribunais e os juízes independentes. A AIB vai na enxurrada, tenta o levante de maio de 38, a que já nos referimos, e fracassa.<sup>77</sup> Antes, porém, em Pernambuco e em outros Estados, a polícia invade casas, recolhe material subversivo, confisca armas, desativa rádios-piratas. Os jornais anunciam as prisões: Arnóbio Graça, ex-vereador integralista; acadêmico Alfredo Pessoa Lima, redator do *Diário do Nordeste*; Alfredo Ferreira Gomes, Clóvis de Castro Chaves; dr. Francisco Lopes Filho, chefe integralista local; Humberto Guimarães; acadêmico José Góis de Andrade; dr. João Trindade Meira Henriques, ex-delegado da Capital e ex-subdiretor da Detenção; doutorando Lucilo Costa Pinto; Pedro Moacir Franco; dr. Pedro Augusto Carneiro Leão; Ranilson Sá Barreto, funcionário público; Raimundo de Alencar, funcionário do Departamento Nacional do Café; Telmo Pontual, advogado no Recife e ex-gerente do *Diário do Nordeste*; acadêmico José Mergulhão de Carvalho, segundo-tenente reformado do Exército Francisco Bispo de Sales.

Os jornais alertam, também, que estão foragidos: “Dr. Andrade Lima Filho, diretor do *Diário do Nordeste*, ex-chefe provincial de Alagoas e atual chefe municipal de Olinda e que, em fevereiro último, foi preso e fichado na Delegacia de Ordem Política e Social na capital do País; José Mayrinck Mota, perigoso agitador integralista e articulador do fracassado movimento no norte do País; acadêmico Otávio Simões; acadêmico Humberto Costa Pinto.”<sup>78</sup>

E Giba, por onde andaria, àquela altura? Noivo de Cremilda Lemos, continuava sua **via crucis** de professor ginásiano, dando aulas das 7 da manhã às 9 da noite, redigia suas matérias no *Diário da Manhã* e no *Diário da Tarde*, pedalava pela Cidade e rompia as madrugadas boêmias, saboreando os pitus do *Gambrinus* e o uísque **on the rocks** do *Shipchandler*. A sereia já não seduzia, com seu canto, o jovem mestre-jornalista. *Anauê...nunca mais!*

Infelizmente, a tentativa de recuperar, com riqueza de informações, a experiência integralista de Gilberto Osório de Andrade esbarra na falta de documentação escrita e de fontes orais. Se vivas fossem, as testemunhas da época teriam entre 80 a 90 anos. Os remanescentes do período lutam contra falhas de memória ou má compreensão do tema. Para obscurecer, ainda mais, o conhecimento dessa e da fase que se segue, na história da província, as autoridades cuidaram, em 1947, de destruir documentação de inestimável valor. Ato de incineração da Delegacia de Ordem Política, Econômica e Social, datado de 15 de março de 1947, atesta essa providência:

“Aos quinze dias do mês de março de 1947, nesta cidade do Recife e no Forno de Incineração Municipal, sito no arrabalde de Santo Amaro, presentes os drs. Luiz de Andrade Lima, diretor de Expediente e Contabilidade da SSP, Carlos Martins Moreira, delegado de Ordem Política, Econômica e Social, e João Tavares Buril, diretor do Gabinete de Identificação, membros da comissão nomeada pela Portaria nº 1381, de 13/12/46, foram incinerados os prontuários políticos da Delegacia Política, Econômica e Social, mandados incinerar pela devida Portaria, e publicados na Imprensa seguidamente constantes da relação rubricada pelos membros acima, a qual discrimina o número de cada prontuário e a data em que foi publicada pela Imprensa a ordem de sua incineração, deixando de constar a data em que foi iniciado cada um deles em face de na maioria não estar afixada esta data, que fica arquivada no DOPS. A incineração foi testemunhada, ainda, pelas pessoas dos drs. Aristides Palmeira Valença, delegado de Investigações e Capturas, e Mauro Bahia de Maia Gomes, delegado de Vigilância Geral e Costumes.”<sup>79</sup>

Indistintamente, sem ater-se a coloração partidária, o DOPS mandava queimar 1.498 prontuários, começando com o do coronel Juracy Magalhães, um dos líderes da Revolução de 30, e terminando com o poeta Tomaz Seixas. O fogo devorou, ainda, as fichas de Aníbal Fernandes, Elpidio Branco, Joaquim Amazonas, Gilberto

<sup>77</sup> Exilado em Portugal, Plínio Salgado retornaria ao Brasil, em 1945, para tentar reviver o ideário do Integralismo com o Partido de Representação Popular (PRP). Candidato, derrotado, à Presidência da República, em 1955, elege-se, em 62, deputado federal pelo Paraná. Apoiou o golpe militar de 64, filiou-se à recém-criada Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e cumpriu mais dois mandatos (1966 e 1970) na Câmara Federal. Morreu em 1975.

<sup>78</sup> Recorte de jornal sem nome da publicação e sem data. Acervo do DOPS, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

<sup>79</sup> Documento do Acervo do DOPS, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Freyre, Nehemias Gueiros, Wandenkolk Wanderley, Eugênio Coimbra Júnior, Jorge Abrantes, Olívio Montenegro, Andrade Lima Filho, Odorico Tavares, Mauro Mota, entre outros. O prontuário número 6892, de Gilberto Osório de Oliveira Andrade, também virou cinzas.

O resto foi silêncio.

## O QUIXOTE INCENDIÁRIO

A eleição de 1947 vai representar, no Estado, o duelo entre as duas grandes forças partidárias. De um lado, o PSD, regido pela supremacia dos coronéis, como eram chamados os grandes proprietários rurais. "Alguns tinham larga influência - relata Oswaldo Lima Filho, em suas memórias - como os coronéis Francisco Romão Sampaio e seu irmão Romão Filgueira Sampaio, em Exu e Serrita, no Sertão do Araripe; o industrial Veremundo Soares, em Salgueiro; o coronel Clementino Coelho, pai do futuro governador Nilo Coelho, na área de Petrolina; José Abílio em Bom Conselho; o industrial Manoel de Brito em Pesqueira; o engenheiro Gercino de Pontes, o seu sobrinho Irineu de Pontes Vieira e o tabelião Manoel Afonso Porto, em Caruaru; o dr. Henrique Portela, em Moreno; dr. Aniceto Varejão, em Jaboatão; coronel Francisco Heráclio, em Limoeiro. Na Zona da Mata Norte, os ex-deputados João Ferreira Lima e Oswaldo Lima dividiam a influência desde Goiana, Timbaúba, Itambé, Bom Jardim, Orobó até Taquaritinga. Na Mata Sul, o prefeito do Recife, Antônio de Novaes Filho. Em diversos municípios do sertão, na área de Serra Talhada, a orientação cabia a Metódio Godoy, primo e lugar-tenente do ministro Agamenon Magalhães. Na área de Sertânia a liderança coubera ao dr. Ulisses Lins, pai do interventor Etelvino Lins."

Do outro lado estava a UDN, reunindo intelectuais como Gilberto Freyre e Osório Borba, dissidentes de 1934 como João Cleofas e Alde Sampaio, dissidentes de 37 como Carlos de Lima Cavalcanti e o padre Félix Barreto, além de professores e estudantes que haviam combatido o Estado Novo. Entretanto, a grande burguesia açucareira e seus representantes controlavam o partido. Mais que antigetulista, a UDN era anti-agamenonista. E, se era contra Agamenon, era contra o seu candidato ao Governo do Estado, o escritor e jornalista Barbosa Lima Sobrinho. Coligados ao PL, ao PDC e à dissidência do PSD, os udenistas hostilizarão, sem trégua, o governador, ao longo de toda a sua gestão.

A campanha de 47 foi uma das mais tumultuadas da história política pernambucana. A apuração de votos arrastou-se por mais de três meses, embalada por acusações mútuas dos correligionários dos principais candidatos, denúncias de irregularidades, anulação de urnas. No final, Barbosa Lima saiu vitorioso do pleito, com 91.985 votos, derrotando Neto Campelo, que obteve 91.410; o candidato das esquerdas, Pelópidas Silveira conquistou 58.155 sufrágios (a maioria esmagadora de votos veio do Recife, de Olinda, de Jaboatão e de São Lourenço da Mata) e Eurico de Souza Leão, do PR, 1.685. A quantidade de votos não apurados e em branco foi de 2.727. Registrou-se em 245.962 o número de votantes.

Inconformado com os resultados, Neto Campelo entrou com recurso junto ao TRE e ao Tribunal Superior Eleitoral - TSE, visando anular a pequena diferença de votos. Enquanto o processo tramitava em primeira instância, continuou governando Pernambuco o interventor Amaro Pedrosa, que passaria o cargo, em julho de 1947, o presidente da Assembléia, Otávio Correia. Vitorioso no TRE, Barbosa Lima só assumiria o Governo em fevereiro do ano seguinte. Em 1950, o TSE expediu sentença favorável ao candidato udenista, mas o mandato de Barbosa Lima estava no fim e Campelo não chegou a assumir o Governo de Pernambuco.

O PSD elegeu 23 representantes na Assembléia Legislativa, a Coligação (também chamada Aliança), 18; o PCB, nove, o PR, três, PRP, um, PTB, um. O campeão de votos seria o ex-interventor José Domingues, da Coligação, com 3.944 votos, vindo, a seguir, os pessedistas Heráclio do Rego, com 2.627 sufrágios, e Nilo Coelho, com 3.369. O Mapa Final de Apuração do TRE contabiliza para o candidato Gilberto Osório de Oliveira Andrade, 2.188 votos. A composição da Constituinte Estadual - Pernambuco de 1947 será, de acordo com dados extraídos dos jornais da época pelos pesquisadores Antônio Lavareda e Constança Sá, o seguinte:

(Partidos/Eleitos)	(Ocupação)
<b>PSD</b>	
Heráclio Morais Rego	Propriedade agropecuária
Nilo Coelho	Propriedade agropecuária, médico
Esmerino Sampaio	Propriedade agropecuária
Irineu Pontes	Propriedade agropecuária, bacharel
Afonso Ferraz	Propriedade agropecuária
Metódio Godói	Funcionário público
Oswaldo Lima Filho	Ex-delegado, bacharel
Otávio Correia de Araújo	Propriedade agropecuária, bacharel
Luiz de Magalhães Melo	Funcionário público, bacharel
João Arruda Marinho	Propriedade agropecuária, bacharel
Antônio Farias Júnior	Propriedade agropecuária, bacharel
José Francisco Cavalcanti	Fornecedor de cana, bacharel
Nelson Barbosa	Propriedade agropecuária
Luís Wanderley Simões	Vigário de Arcoverde

Décio de Souza Valença	Industrial, bacharel
Armando Monteiro	Industrial (usina)
Anísio Carapeba	Propriedade agropecuária, bacharel
Severino Mário de Oliveira	Propriedade agropecuária
João Teobaldo	Propriedade agropecuária
Severino Sá	Propriedade agropecuária, universitário
Antônio Torres Galvão	Ex-dirigente sindical
Paulo Germano Magalhães	Jornalista, bacharel
Elpídio Branco	Propriedade agropecuária, bacharel

**Coligação Pernambucana (UDN-PDC-PL)**

José Domingues	Fornecedor de cana, ex-interventor federal
Pio Guerra	Fornecedor de cana
Pe. Félix Barreto	Educador
Manuel Santa Cruz Valadares	Propriedade agropecuária
Cícero de Souza	Industrial
Antônio Heráclio do Rego	Bacharel
Augusto Novais	Propriedade engenho de açúcar, bacharel
Lael Sampaio	Industrial (usina)
Carlos Rios	Jornalista, bacharel
Inácio de Lemos	Industrial
Diocleciano Pereira	Médico
Adalberto Tabosa	Comerciante, bacharel
Mário Lira	Comerciário
João Menezes	Médico
Aderval Torres	Médico
Diomedes Lopes	Bacharel
Gilberto Osório	Professor, jornalista
Constantino Maranhão	Propriedade agropecuária

**PCB**

Davi Capistrano da Costa	Ex-militar
Rui da Costa Antunes	Jornalista, bacharel
Valdú Cardoso	Operário gráfico
Amaro de Oliveira	Operário da Great Western
José Leite Filho	Pequeno comerciante
Francisco de Leivas Otero	Ex-militar
Adalgisa Cavalcanti	Doméstica
Eleazar Machado	Médico
Etelvino de Oliveira Pinto	Tranviário

**PR**

Edson Moury Fernandes	Ex-delegado, bacharel
Justino Alves Bezerra	Propriedade agropecuária
José Gomes de Sá	Funcionário público

**PTB**

Antônio Lins de Figueiredo	Médico
----------------------------	--------

**PRP**

Lídio Paraíba	Médico
---------------	--------

Num universo onde predominam agropecuaristas e outros proprietários de terra, Gilberto Osório e o seu amigo padre Félix Barreto, serão os únicos professores. A tribuna da Assembléia Legislativa será, daí em diante, para GOA, mais uma sala de aula.

## QUESTÕES DE SEMÂNTICA

Era uma tarde de sol aquela de 19 de abril de 1947, quando a Assembléia Constituinte Estadual foi instalada, com a posse dos 55 deputados eleitos no pleito de janeiro. Foi uma cerimônia "tumultuada com os aplausos e apupos indiscriminados e sucessivos", segundo registra o Diário de Pernambuco, pois "as galerias se encontravam repletas desde muito antes de terem início os trabalhos, e a multidão se estendia pelos corredores e pátio externo". Fazia muito calor, os amplificadores não funcionavam, o público reclamava: queria ouvir os oradores.

Tanto barulho por nada? Não. Jejunos de democracia desde o Estado Novo, o povo queria ouvir a voz de seus representantes. "Esta é uma festa de liberdade", brindou, no seu discurso, o desembargador João Paes, presidente do TRE, lembrando aos deputados a grande expectativa do povo diante dos trabalhos daquela Casa. "Vamos afastar uma pesada cortina para que penetrem os raios da Democracia", incitou os parlamentares. Estava instalada a Assembléia Constituinte Estadual. As autoridades retiraram-se para que se dêem início aos trabalhos. Entre elas estão o interventor Amaro Gomes Pedrosa, o arcebispo de Olinda e Recife, dom Miguel de Lima Valverde, o general Gil Castelo Branco, o almirante Antônio Guimarães e o brigadeiro Dias da Costa, comandantes, respectivamente, da 7ª Região Militar, do 3º Distrito Naval e da 2ª Zona Aérea.

Gilberto Osório é escolhido líder da Coligação e integra duas comissões, a de Constituição, Legislação e Justiça, e a de Redação de Leis. Arregaça as mangas; começa a trabalhar. Tem pressa. Todos, aliás, têm pressa. O tempo é curto para a elaboração da nova Carta. E Gilberto, mais uma vez, tenta multiplicar-se, ser onipresente, dar aulas e escrever os editoriais do Jornal do Commercio, além de comandar o Jornal Pequeno. Em casa, é, cada vez mais, um pai e um marido ausente, que está, permanentemente, vestido de terno e engravatado, os sapatos sempre bem lustrados, enfurnado no gabinete, cercado de livros, dedógrafo agitado numa velha máquina Remington. Ocupado, excitado, pronto para sair a qualquer instante. É assim que dele se lembra a primogênita Carolina, naquele final de década de 40. "Eu tinha mania de acordar de madrugada, para beber água, " - "mas acho que isso era um pretexto para ver papai. Ficava observando ele trabalhar, imerso numa papelada, alheio a tudo que se passasse ao seu redor. Quando se apercebia de mim, reagia sempre da mesma maneira: 'O que é que você quer, sua cabritinha? Já pra cama!'. Mas eu ficava escondida, atrás da porta, fascinada pela maneira como ele trabalhava."

Em que Gilberto trabalhava? Adiantava artigos, editoriais e comentários para os jornais. Mergulhava nos seus livros de Direito Constitucional - que ainda não tinha doado a Câmara Cascudo - e redigia emendas, que seriam discutidas, nos dias seguintes, com os seus pares. É cuidadoso, detalhista. Esse perfeccionismo será o traço característico de sua atuação parlamentar, conforme recorda o líder da Maioria, na época, Luiz de Magalhães Melo: "A preocupação com o vernáculo fazia Gilberto, muitas vezes, tomar a palavra e só devolvê-la sob pressão do presidente da Casa. Discutia, horas e horas, questões semânticas, querendo substituir certos termos utilizados nas emendas. Exaltava-se, ocasionalmente, para logo voltar a ser cordato."

Enquanto os pessedistas e parte da bancada comunista reuniam-se na casa dos pais de Magalhães Melo, na Av. Visconde de Suassuna, para almoçar e discutir a nova Constituição, Gilberto Osório varava a madrugada, tramando emendas que julgava fundamentais à Carta. Dedografa sugestões prolixas, atendo-se a questões vernáculas, definindo, explicando, complementando as idéias que debaterá com os colegas.

Diariamente, o líder da Coligação espezinha a paciência dos seus pares, criticando os erros de grafia, de concordância, o mal uso das palavras, a falta de eufonia do texto. Pede insistentes apartes para comentar, por exemplo, as "controvérsias sobre as repetições de preposições", e para pregar que "o texto legislativo terá de se revestir da maior perfeição técnica possível, em benefício mesmo da inteligência e da eficácia do seu conteúdo". Os diálogos que trava com o deputado Oswaldo Lima Filho, do PSD, dão uma boa mostra do quase desespero com que defende suas intransigência vocabular. Com o comunista Rui Antunes, também bacharel, mantém intermináveis discussões, calcadas no Direito Constitucional. Antunes critica-o pelo "purismo jurídico". Osório reage, como se estivesse em sala de aula:

*"As vantagens desse purismo consiste, precisamente, em que se faz necessária mais exata e incontroversa definição das atribuições de competência, como das limitações dos poderes. Quando assim não se faz, o que sucede - ao contrário do que pensa muita gente - é se comprometerem as supremas garantias democráticas. Já se disse da Constituição de Weimar que bastou uma emenda alterando o postulado da indelegabilidade dos poderes para que o Partido Socialista fizesse a Alemanha passar da condição de República democrática à de Estado totalitário. No Brasil, bastou um artigo, na Constituição de 1937, mencionando que o Executivo acumularia a função legislativa, para que se encaminhasse o País para o poder pessoal da ditadura. Já se vê que o 'purismo jurídico' garante o regime, em vez de enfraquecê-lo, como já se quis uma vez aqui asseverar..."*

Em 12 de junho de 1947, apresenta o texto com emendas conexas aos artigos 117, I; 132, XIV, e 128, parágrafo único, solicitando que, no primeiro artigo, a palavra "legislativas" seja substituída por "deliberativas"; no segundo, seja suprimida a expressão "legislar" e no terceiro, que se elimine o termo "legislativas". Detém-se,

unicamente, a justificar a alteração no artigo 117, que passará a ser o art. 106 do Título II - Da Organização Municipal - Capítulo I - da nova Constituição:

*"A Constituição estadual de 1935 (art. 91, n. 1) adotou a expressão 'deliberativas', acautelando-se contra a impropriedade da atribuição de funções 'legislativas'- que são definidoras num alto grau de autonomia política - às Câmaras Municipais. Assim também foi feito na redação do anteprojeto, durante cuja discussão, todavia, foi substituída a expressão 'deliberativas' pela palavra 'legislativas', sendo voto vencido o relator-geral.*

*A definição como 'executivas' das funções do prefeito não contém, todavia, a menor impropriedade. Como órgão da administração municipal, o qualificativo de autoridade executiva cabe-lhe perfeitamente, visto como qualquer setor administrativo é por definição um setor executivo, e do mesmo modo as competências que em cada um deles se exerce.*

*Aliás, é de se observar a redação do art. 117 do projeto:*

*'Art. 117 - São órgãos da administração municipal:*

*I - A Câmara Municipal com funções legislativas etc.'*

*Se se trata de administração - e não há sobre isso dúvida alguma, visto como o Município é divisão administrativa do Estado, e não entidade política, hipótese em que se teria, em cada Estado, uma subfederação de municípios...se se trata de órgãos de administração, o executivo está suposto, como já se viu; mas, inclusive por isso mesmo, por essa função eminentemente executiva, exclui-se por definição a função legislativa. Na verdade, as Câmaras não legislam. Isso é atribuição de poder competente e inconfundível. O que as Câmaras fazem é, como órgãos da administração municipal, deliberar. E suas deliberações são, portanto, de caráter administrativo, e não de natureza originária, como enunciadora de alto direito escrito."*

Aceita, a redação proposta pelo deputado assim ficou:

*"Art. 106. São órgãos da administração municipal:*

*I - a Câmara Municipal, com funções deliberativas;*

*II - o Prefeito do Município, com funções executivas".*

Com a mesma data de 12 de junho, propõe:

*"Emenda ao art. 113.*

*Substitua-se o parágrafo único pelos dois seguintes parágrafos:*

*§1º - A divisão administrativa será fixada em lei quinquenal, baixada nos anos de milésimo 3 e 8, para vigorar a partir de janeiro do ano seguinte.*

*§ 2º - O quadro territorial do Estado obedecerá às normas orgânicas estabelecidas na Convenção Nacional de Estatística."*

A proposição é assim justificada pelo parlamentar:

*"A justificação está contida no memorial distribuído à Comissão pela Inspeção Regional das Agências Municipais de Estatística, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e consulta às necessidades de uniformidade da data para a revisão do quadro territorial de todo o país - é de todo interesse atender ao apelo do IRAM, além de ser o princípio consagrado já na Convenção Nacional de Estatística, celebrada em 1936, entre a União e os Estados. Outrossim, a adoção da redação proposta acentuará formalmente a uniformidade desejável, evitando disparidades de interpretação em todo o País."*

A emenda de Gilberto Osório é acatada **ipsis literis**, estando os parágrafos do art. 104 da Constituição de 47.

## POLÍTICA E BEM-ESTAR

Redigida a mão pelo líder da Minoria e assinada pelos deputados Nilo Coelho, Lael Sampaio, Paulo Germano Magalhães, Anísio Carapeba, José Domingues, Lídio Paraíba, Pontes Vieira, Gomes de Sá e Lins de Figueiredo, emenda ao Capítulo II, do Título IV, é aprovada, integralmente, e aparece na Carta como:

*"Art. 150. É proibido o despejo, nas águas interiores, das caldas de usinas de açúcar e de outros quaisquer resíduos industriais, suscetíveis de torná-las impróprias, mesmo temporariamente, para o consumo e utilização normais, ou para a sobrevivência das espécies animais economicamente úteis.*

*Parágrafo único. A lei regulará esta proibição tendo em vista, notadamente, os casos em que ainda não foi possível adotar métodos adequados de tratamento desses resíduos."*

Observa-se, aí, já a preocupação do deputado com as questões ambientais, a exemplo do avô, presidente de Província.

Ainda no dia 12 de junho de 1947, Gilberto redige a emenda ao art. 163, propondo substituí-lo pelo texto adaptado do art. 147 da Constituição Federal:

*"Art. 163 - O uso da propriedade será condicionado ao bem-estar social. A lei poderá, com observância do disposto no art. 141, § 16, da Constituição Federal, promover a justa distribuição da propriedade, com igual oportunidade para todos." E justifica: "Não é a propriedade que, no sistema democrático ocidental - digamos assim - tem função social, mas o seu uso. A adoção, nesse particular, do texto da Constituição da República é de conveniência óbvia. Trata-se de direito, cujas limitações são privativas da competência estatal superior, ou seja, da ordem federal."*

Com redação alterada, o artigo 155 vai estabelecer que *"o uso da propriedade será condicionado ao bem-estar social. A lei poderá, com observância do disposto no art. 141, § 16, da Constituição Federal, promover a justa distribuição da propriedade, dando-se preferência às famílias numerosas e mais desfavorecidas pela fortuna"*.

Gilberto expressa seu descontentamento, entre amigos: "Fui vencido". E, ainda em 12 de junho, apresenta e consegue ver aprovada, na íntegra, a emenda que substitui o texto do parágrafo único do art. 137, publicado na nova Constituição como art. 127:

*" (...) Parágrafo único. São inelegíveis para Prefeito:*

*I - o que houver exercido o cargo por qualquer tempo no período anterior, e bem assim o que lhe tenha sucedido, ou dentro dos seis (6) meses anteriores ao pleito o haja substituído e, igualmente, pelo mesmo prazo, as autoridades policiais com jurisdição no Município;*

*II - o cônjuge ou os parentes, consanguíneos ou afins, até do segundo grau, do Prefeito."*

Literalmente, também é aprovada emenda aditiva de autoria de Gilberto, que propõe que *"O Estado poderá subvencionar as associações de incremento à aeronáutica civil, de caráter desportivo, quando oficialmente declaradas idôneas"* (art. 192 da Carta de 47). O autor justifica: *"A inclusão deste dispositivo será, apenas, a autorização legal duma praxe que já vem sendo observada em Pernambuco, relativamente ao Aero Clube, por todos os governos destes últimos nove anos. O propositor dispensa-se de discorrer sobre a utilidade evidente dessa formação de reserva para a aeronáutica, e salienta que, como já está redigido no artigo proposto, ao Estado se confere a faculdade, mas não a obrigação de subvencionar."*

A presença de Gilberto Osório na Constituinte será tema de um artigo assinado pelo professor Luiz Delgado, na seção Notas Avulsas, do Jornal do Commercio, transcrito pelo Jornal Pequeno. Eis alguns trechos do texto:

"A atuação do sr. Gilberto Osório - como a de qualquer outro dos ilustres constituintes pernambucanos que deram por terminada, recentemente, a sua tarefa, não poderia interessar-me do ponto de vista partidário. Interessou-me, porém, do ponto de vista cultural.

(...) Os discursos ali pronunciados e as teses ali defendidas terão de ser considerados com o mesmo objetivismo crítico com que se olha, por exemplo, a série de livros publicados numa determinada região, durante o ano: independente de convicções particulares, como atestado de competência intelectual. Ora, desse ponto de vista - o da atividade intelectual pernambucana - creio que o sr. Gilberto Osório está a merecer parabéns pelo modo como desempenhou as suas funções.

Tem sido moda nos últimos tempos - e não só no Brasil como em vários outros países - falar-se mal de um pseudoformalismo jurídico, sem se compreender a dupla realidade que conviria distinguir: de um lado, o abuso de minúcias inoperantes e de regrinhas cavilosas, campo adequado ao pastoreio dos rábulas escamoteadores; de outro, uma técnica que é indispensável a todo trabalho consciente e sem o qual o jurista ou o estadista não pode agir bem. Dessa confusão de duas realidades tão distintas proveio uma apressada justificação para o alheamento em que vivemos e cujas causas não quero indagar aqui, com relação a certas exigências de ordem científica. É uma mentalidade infelizmente generalizada e que só será abolida à custa de muito estudo disciplinado e paciente.

Pelo que sei dos trabalhos da nossa Constituinte, foi o sr. Gilberto Osório quem mais ativo se mostrou dentre quantos ali enquadram as suas produções patrióticas numa justa compreensão das categorias técnicas, convencidos de que não se pode fazer leis sem preparo sociológico e jurídico, pois lei não é apenas política; é, também, Direito. E será por essa defesa da influência da cultura jurídica na atividade de assembléias de natureza



política e de origem partidária, que a inteligência pernambucana deve ser-lhe grata, mesmo admitindo que nem sempre se possa ser ortodoxo em certas circunstâncias."

Vindo de quem vinha - um professor da Faculdade de Direito do Recife, escritor e jurista respeitado - o artigo de Delgado acariciou o ego ferido de Gilberto Osório. Às vésperas da entrega da nova Constituição, andava nervoso, agitado, fumando dezenas de cigarro por dia. Estava irritado com seus colegas da Assembléia. Que Carta, afinal, seria aquela? - perguntava-se.

### "SOVIETIZANTE, QUEREMISTA"

Tarde de festa na Assembléia Legislativa. As principais autoridades estão presentes; o público enche as galerias e as ruas adjacentes. É um momento histórico para Pernambuco. Aberta a sessão, o deputado Otávio Correia, como presidente da ALEPE, assina o novo estatuto político do Estado e diz que o considera "eminentemente democrático". Seguem-se-lhe o primeiro e o segundo secretários, deputados José Leite Filho e o padre Luís Wanderley Simões. E, um a um, todos os demais parlamentares (com exceção do pessedista Armando Monteiro, "que se acha no Rio, acompanhando pessoa de sua família, que se encontra enferma", segundo informa o Diário de Pernambuco, na cobertura do evento) subscrevem o texto constitucional e o Ato das Disposições Transitórias. Uma surpresa: toda a bancada da Coligação, à frente Gilberto Osório de Andrade, assina o documento, com restrições. Solidários estão os deputados Gomes de Sá, do PR ( que discorda dos capítulos que tratam do orçamento e tributação) e Lídio Paraíba, do PRP, que firma o texto sob estrondosos apupos de "perturbadores vermelhos infiltrados nas galerias", no dizer do DP. Essa mesma "claque comunista" ensaia vaiar o líder da Minoria, quando este lê o manifesto da UDN-PL-PDC. Gilberto interrompe a leitura inicial, olha em volta, com a cabeça erguida, como um professor que repreende a turma indisciplinada, e prossegue o texto, imponente. "Ele tinha esse jeito solene, quase imperial, de falar", recorda um udenista. "Hipnotizava a platéia, que lhe tinha imenso respeito, às vezes, dominando-a, às vezes, incendiando."

O manifesto dos oposicionistas é quilométrico, bem no estilo da lavra de Gilberto. Foi ele o autor do texto, que recebeu, certamente, intervenções dos companheiros de bancada. Mas, se "o estilo não passa do movimento da alma", como dizia Michelet, ali está Gilberto Osório de Oliveira Andrade por inteiro, com seu espírito arrebatador, incisivo, profundo, crítico. Ou, como diria Rui Antunes, de "um purismo jurídico".

Vale a pena conhecer algumas das razões da indignação coligacionista:

*Anomalia: "A promulgação, nesta data, da Constituição estadual, acentua, antes de mais nada, a anomalia resultante de ter o Tribunal Regional Eleitoral diplomado e empossado os deputados constituintes, desprezando, em relação à linquidez dos seus mandatos, aqueles mesmos motivos que, nada obstante, o impediram de diplomar o governador do Estado. O processo de reconstitucionalização previsto no art.12 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, de 18 de setembro de 1946, supõe concomitância de tais diplomações, visto como as eleições foram simultâneas e pelo mesmo corpo eleitoral, tendo sido igualmente simultâneas as apurações dos resultados comuns."*

*Açodamento: "(...) a pretexto de uma desabalada urgência atribuída à necessidade de se proceder o quanto antes a reconstitucionalização do Estado, os trabalhos constituintes foram cumpridos num regime de prejudicial açodamento, malgrado todos os protextos formulados e esforços dispendidos no interesse de se ressaltar a grande responsabilidade duma tarefa que exige, por sua própria natureza, discernimento, reflexão e estudo. (...) Daí a precipitação das discussões e votações, numa seqüência ininterrupta de três sessões por dia, durante mais de uma semana a fio, fatigando-se bem cedo a capacidade de atenção e de cuidadoso discernimento imprescindível a que o texto resultante tivesse a segurança, a precisão jurídica e a conexão técnica devidas. Sendo de salientar, aliás, que a votação de nada menos de 383 emendas de redação iniciou-se e concluiu-se no mesmo dia de sua publicação no órgão oficial, sem que se desse à Comissão de Constituição o ensejo, sequer, de examiná-las e emitir parecer, e sem que, portanto, tivesse podido o plenário tomar detido conhecimento delas, limitando-se a votá-las precipitadamente, ao longo de dezesseis e meia horas de trabalho, com ligeiras interrupções para refeições, que somaram, ao todo quatro e meia horas."*

*Oposição x Situação: "(...) Enquanto predominou absolutamente na apresentação de emendas, na acompanhamento das votações e nas demais atitudes deliberativas, por parte de nós outros, a preocupação superior em torno dos aspectos jurídico-constitucionais do estatuto, o que se viu, o que se registrou, o que ressalta, em suma, das atas dos trabalhos e dos anais desta Assembléia, é que, do outro lado, o interesse mais alto cedeu constantemente o passo a muitas injunções político-partidárias, bem definidas em função dum visível regime de compromissos mútuos entre a bancada do Partido Social Democrático e a bancada do Partido Comunista."*

*Violação: "(...) O paradigma da organização política da nação brasileira acha-se também violado e deformado na Constituição de Pernambuco. Sobrepondo-se à competência exclusiva da União para legislar sobre direito eleitoral, criam-se, na Constituição, os cargos eletivos de subprefeitos dos distritos. Dessarte, o processo eleitoral, próprio e exclusivo da investidura política, e limitado, na organização constitucional brasileira, ao*

*Executivo e às Câmaras Federais, Estaduais e Municipais - porquanto é unicamente nessas três esferas que se supõe a autonomia política em diferentes graus - estende-se, igualmente, à investidura de chefes distritais, de maneira pretendidos sem nenhum apoio e até em contraposição ao direito eleitoral."*

*Desfigurações: "(...) há, além disso, o art. 2º das Disposições Constitucionais Transitórias, pelo qual se pretende que um ato da competência estadual possa, automaticamente, derrogar os efeitos de um ato federal, sobretudo, quando o caso pernambucano é de típica anomalia imprevisível e até insuspeitável, no processo de reconstitucionalização do Estado. Dispositivo esse, aliás, cuja inconstitucionalização já se fez evidente desde quando se teve de afetar à esfera federal a solução do caso que nele se pretende soberanamente regular."*

O papel da Oposição na elaboração da Carta é salientado por Gilberto Osório, ao explicar que "as verdadeiras disposições constitucionais tendentes, no texto, à eficaz proteção do trabalhador e ao combate ao latifúndio improdutivo foram aí introduzidas por iniciativa, exclusivamente, dos deputados da bancada coligada". Cita-as, a seguir: a distribuição progressiva das terras úteis e economicamente inexploradas ("antes do desfiguramento que uma emenda do Partido Comunista produziu no inciso"); assistência, garantias e proteção ao trabalhador agrícola; isenção de impostos estaduais ou municipais em favor dos que vivem de salários ("propostas pelo deputado Lael Sampaio"); garantias e vantagens asseguradas ao funcionalismo etc.

O principal pomo da discórdia foi, inegavelmente, o art. 2º das Disposições Constitucionais Transitórias, que diz: "Se, após a promulgação da Constituição não houver sido diplomado o governador, assumirá o Governo do Estado o presidente da Assembléia". Por conta do processo movido por Neto Campelo, no TRE e no TSE, solicitando a recotagem dos votos no pleito de janeiro, o governador eleito, Barbosa Lima Sobrinho, estava impossibilitado de assumir o poder. Constituição promulgada, cabia ao presidente da Assembléia, conforme rezava o art. 2º, exercer o cargo de governador. Evasivo, Otávio Correia afirma considerar o artigo "objeto de controvérsia" e prefere discorrer sobre outros itens da Carta. Se sonha mudar-se, imediatamente, para o Palácio do Campo das Princesas, vai ter de adiar seus planos. O interventor Amaro Pedrosa alimenta as mesmas intenções, instruído pelo presidente Dutra a permanecer no cargo até a diplomação final do governador. Por meio de mandado de segurança, Correia recorre ao Supremo Tribunal Federal - STF e vence, por unanimidade. Governará o Estado até a posse de Barbosa Lima, em fevereiro do ano seguinte.

O "objeto de controvérsia" havia sido redigido em longa reunião, à noite, na residência do deputado pessedista Paulo Germano Magalhães (filho de Agamenon), na Rua da Amizade, com a colaboração de Luiz de Magalhães Melo, Oswaldo Lima Filho e Anísio Carapeba. Segundo Lima Filho, "durante o período constituinte, graças a nossa aliança com o PCB (o deputado José Francisco Cavalcanti costumava dizer sobre essa aliança: 'Nós já chegamos nas fronteiras de Moscov') e ao espírito progressista do líder Luiz de Magalhães Melo, dos deputados Paulo Germano Magalhães e Torres Galvão (PSD) e do apoio dos deputados da UDN, Mário Lira e Carlos Rios, foi possível aprovarmos medidas de relevante progresso social, como: extinção das milícias privadas das empresas industriais (usinas, engenhos e fábricas), proibição do lançamento da calda (vinhoto), resíduo da produção de álcool, nos curso d'água e, sobretudo, a proibição da instalação de cidades ou vilas em terras de propriedade de uma só pessoa física ou jurídica - caso da cidade de Paulista, de exclusiva propriedade das indústrias da família Lundgren." Ainda de acordo com o representante do PSD, a Carta de 47 incluiu dispositivos de grande interesse social, como "a previsão da desapropriação de terras para venda de lotes a pequenos agricultores (art. 102) e das terras inexploradas ao longo das rodovias e ferrovias e a desapropriação prévia das terras beneficiadas com açudes, a promoção do reflorestamento, combate à monocultura, o zelo pelos direitos dos trabalhadores, estabelecendo, ainda, a exclusividade para brasileiros na colonização da margem do Rio São Francisco". Lima Filho louva as posições de vanguarda do PCB e não deixa de ressaltar as qualidades do líder da Oposição, ao reconhecer: "Na bancada da UDN a grande figura foi, sem dúvida, o professor universitário Gilberto Osório de Andrade, orador excepcional, que nos deu muito trabalho nos debates. Sobretudo, estabeleceu o princípio que as modernas Constituições européias, como a alemã, determinam: a propriedade acarreta o dever do seu cultivo."

A Carta que Oswaldo Lima avaliava como moderna, foi tida, pelo Diário de Pernambuco, como "sovietizante e queremista". Em editorial, possivelmente escrito por Aníbal Fernandes, o jornal critica o documento, a "controvérsia" em torno do art. 2º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, o discurso de Otávio Correia, a pressa com que se redigiu o texto etc.: "Várias emendas de caráter comunista foram aprovadas, a troco do apoio da bancada vermelha, facilitando de tal modo a irradiação da propaganda extremista em Pernambuco, que a Polícia se acha hoje completamente desarmada para vigiar a defesa do regime. E tudo culminou, afinal, com a luva do desafio, atirada à face do presidente da República, enxertando-se o artigo 2º das Disposições Constitucionais Transitórias, que determina seja o exercício do cargo de governador exercido pelo presidente da Assembléia, até que se proclame o governador eleito." No final, o elogio à Oposição: "Por fim, para que a melancólica sessão não se encerrasse com um belo gesto, vale salientar o vibrante manifesto da bancada da Coligação ao povo pernambucano, explicando por que assinou com restrições uma Constituição eivada de erros, de atentados à Constituição federal e condimentada a toda pressa para satisfação de interesses inconfessáveis."

Por onde andaria, àquela altura, o líder da Coligação? Dizem que foi comemorar em roda de boemia, nos bares do Porto, pensando que amanhã seria outro dia.

## UM FURACÃO NA TRIBUNA

*Giba* e *Pipiu* não são personagens de histórias em quadrinhos, como os nomes poderiam sugerir. Eram os apelidos pelos quais chamavam um ao outro, longe das contendas partidárias, os deputados Gilberto Osório e Elpídio Branco, respectivamente. Em plenário, por pouco não se engalinhavam em discussões alongadas; terminada a sessão, eram parceiros de copo nos botequins da Cidade. A amizade dos dois não ficou restrita ao único mandato de Gilberto na Assembléia. Estendeu-se enquanto Elpídio viveu. *Pipiu* era uma espécie de Sancho Pança do nosso Quixote, fiel escudeiro não só em noites etílicas, mas em eventos que nada tinham a ver com a boemia. Foi Elpídio, por exemplo, quem propiciou apoio *logístico* à realização, em 1955, da X Assembléia Ordinária da Associação dos Geógrafos Brasileiros – de cuja seção regional Gilberto era diretor –, em Garanhuns, sua cidade natal. Excedeu-se na hospitalidade, oferecendo transporte e recepções aos participantes.<sup>80</sup>

Nas suas *Memórias Brancas*, Elpídio fala, em tom irreverente, dos encontros gastronômicos, dos quais faziam parte, na década de 50, parlamentares, intelectuais, jornalistas, empresários. Lembra os almoços, aos sábados, no Clube Português, reunindo, “como pagantes”, Jack Ayres, Francisco Amorim, Daniel Rodrigues, Elísio e José Gomes (“os homens da Moagem”), Augusto Rodrigues, o comendador Vitorino Maia, Antônio Amorim, José Frazão Teixeira e Joaquim Abrantes; e como “penetras”, Gilberto Osório, Jordão Emerenciano, Nilo Pereira, Andrade Lima Filho, Mário Melo, Paulo do Couto Malta, Valdir de Holanda Cavalcanti e o próprio Elpídio.<sup>81</sup> Na reunião, à qual se dava o nome de *Funge*, conforme contaria, mais tarde, o jornalista Paulo Malta, “com exceção de Mário Melo, todos elevavam ao sete-estrelas o culto a Salazar e à Ordem e à Autoridade decorrentes da sua hoje controvertida orientação política”.<sup>82</sup>

O *Funge* não era, apenas, regado a bacalhoda e vinho verde. A cozinha nordestina era prestigiada, e, sempre que provocado, Elpídio Branco exibia os dotes culinários da empregada da família, Olindina, especialista em buchada. Este foi o prato preparado no “baronato de Caxangá” (como Nilo Pereira chamava a casa de Elpídio) e levado para o Clube Português, em certo sábado, com direito a bis e entusiásticas orações dos presentes. Por unanimidade, Giba foi escolhido “relator da matéria”, ou seja, comentarista do cardápio. “Pronunciou um dos seus grandes discursos”, conta Elpídio.<sup>83</sup> Se “os gravadores estivessem em voga”, escreve, por sua vez, Couto Malta, o que Gilberto Osório dizia, nessa e noutras ocasiões, à margem desses tópicos, “convertidos à letra, teria a feição gráfica de uma Seleta”.<sup>84</sup>

Freqüentadores assíduos dos bares da zona portuária, os dois deputados integram, ao lado de nomes como Antônio Maria, Mauro Mota, Carlos Pena Filho, Tomás Seixas, Renato Carneiro Campos, Laurênio Lima, Silvino Lopes, Eugênio Coimbra Júnior, Gilberto Freyre, Samuel MacDowell, Ytérbio Homem de Siqueira, a relação de “grandes boêmios” citada pela socióloga Sevy Madureira em estudo sobre a noite recifense.<sup>85</sup>

Voltemos, porém, à Assembléia Legislativa. Promulgada a Constituição, a atenção do líder da Minoria concentrava-se, agora, na Comissão Permanente, presidida pelo deputado Oswaldo Lima Filho, encarregada da redação de leis, e da qual fazia parte. Mais uma vez, trabalhava premido pelo tempo. Indicada em 15 de dezembro de 1947, a Comissão incumbiu-se da tarefa de elaborar os esboços do Regimento Interno, da Lei de Organização Municipal, do Código Tributário do Estado e dos Municípios e da Consolidação da Lei de Organização Judiciária do Estado. Para cumprir o prazo estabelecido, de três meses, os deputados trabalharam durante as férias parlamentares (da data da indicação da Comissão a 15 de março de 1948). A Gilberto coube redigir os projetos de Lei de Organização Municipal e do Regimento Interno da Comissão Permanentes, os quais juntamente, com os demais esboços, foram entregues à Presidência da ALEPE, em 29 de março.<sup>86</sup> A discussão em torno de emendas à legislação estendeu-se pelo resto do ano. Em 4 de janeiro de 1949, o governador Barbosa Lima Sobrinho assinava a Lei nº 445, que dispunha sobre a Organização Municipal do Estado de Pernambuco. Antes e depois da promulgação da Lei, os deputados continuaram a debater artigos, dos quais discordavam. O “purismo jurídico” de Gilberto Osório era alvo de crítica da Situação. O parlamentar não se intimidava.

### NA ASSEMBLÉIA... COMO EM BIZÂNCIO?

Para o deputado Paulo Cavalcanti, o líder da Coligação costumava “perder-se em contendas bizantinas”. Com isso queria dizer que o colega (de quem, aliás, era amigo) seguia o exemplo dos teólogos de Bizâncio, que, na

<sup>80</sup> Depoimento do geógrafo Mário Lacerda de Melo à autora.

<sup>81</sup> BRANCO, Elpídio, *Memórias Brancas*, pág. 233.

<sup>82</sup> *Diário de Pernambuco*, 2/8/1986, pág. 7.

<sup>83</sup> BRANCO, Elpídio, ob. cit. pág. 234.

<sup>84</sup> *Diário de Pernambuco*, 2/8/1986, pág. 7.

<sup>85</sup> MADUREIRA, Sevy, *Bairro do Recife – Porto seguro da boemia*, pág. 144.

<sup>86</sup> *Diário do Poder Legislativo*, 1/6/1948, pág. 371.

Idade Média, reuniam-se para discutir assuntos fúteis e sem utilidade prática, enquanto os turcos cercavam a cidade. Cavalcanti argumentava que Gilberto divagava sobre filigranas jurídicas, quando havia temas prioritários a debater.

O camarada Paulo era, apenas, mais um integrante da *caterva vermelha* com quem Osório se digladiaria. Admirador confesso do salazarismo, Gilberto revelava-se anticomunista convicto e, portanto, enquanto os deputados do PCB atuaram na Assembléia (teriam seus mandatos cassados, em 48, o que não foi o caso de Cavalcanti, que elegera-se, no pleito suplementar, pelo PSD), combateu, tenazmente, a ideologia marxista. Numa das primeiras sessões de que participou, em 23 de abril de 1947, defendeu, sob os protestos de muitos dos seus pares, a constitucionalidade da extinção da Juventude Comunista, por ato do presidente da República, argumentando:

*“(...) Tenho a impressão de que o presidente da República não precisa, absolutamente, de usar da lei para justificar essas medidas. O poder de suspender uma associação lhe pertence, está naturalmente nas suas atribuições, deduzias estas fatalmente de sua própria missão: função do poder executivo. Agora, como não há poder incontrolado, numa democracia, mesmo o ato que fosse inconstitucional porque dissolvesse a Juventude Comunista, estaria sujeito a revisão judicial. No caso concreto, poderá amanhã ser revogado por ter apenas suspenso o seu funcionamento. (...) Não nego, como teria elementos para negar, que a Juventude Comunista tivesse, como tem, exatamente a função de educar, fundando escolas, reunindo a mocidade; mas não aceito que essa Juventude Comunista tenha realmente a independência alegada em face ao Partido Comunista Brasileiro. Basta ver sua denominação, que é partidária. Fosse ela qual fosse, fosse Juventude Udenista, fosse Perrepista, fosse Pessedista, fosse qual fosse, seria uma tentativa de organização de uma Juventude dentro de um critério partidário, com um fim partidário. Qual poderia ser o fim de um partido, senão criar uma juventude com uma mística partidária? Ora, as místicas, precisamente as místicas partidárias, são a arma principal, fundamental, não nos enganemos, dos empenhos antidemocráticos.”<sup>87</sup>*

Na reunião ordinária da Assembléia Constituinte, de 19 de maio do mesmo ano, discutem-se a cassação do registro do Partido Comunista e o fechamento de suas sedes. Ao fim do manifesto apresentado pelo PCB, Gilberto Osório pede a palavra:

*“(...) Por esse manifesto conclamam-se os patriotas e os democratas a tomarem posição contra essas medidas e contra os seus autores. Quero prestar, em torno desse enunciado, alguns esclarecimentos, e avivar, ao mesmo tempo, a memória das pessoas aqui presentes acerca dessa conclamação de patriotas e democratas, e da origem que traz. Quando se conclamam patriotas e democratas, sr. presidente, os udenistas estão em primeiro plano, porque ninguém mais democrata do que os udenistas, que fizeram a campanha da redemocratização do Brasil.”*

A bancada do PSD reage. Luiz de Magalhães Melo rebate que “*não é privilégio dos udenistas serem patriotas*”, enquanto Oswaldo Lima Filho diz que “*os pessedistas são tão democratas quanto os udenistas*”. O PCB, pela voz de Davi Capistrano, defende: “*Na última guerra, o Partido Comunista, com a maioria de seus dirigentes na cadeia, apoiou o Governo do sr. Getúlio Vargas para tomar medidas em defesa da nossa Pátria, para fortalecer o esforço de guerra do Brasil na luta contra o Eixo.*” Gilberto prossegue sua oratória:

*“Conclamação de patriotas e democratas, sr. presidente, para tomarem posição. Pois democratas e patriotas, onde estiverem, lá estarão, também, os udenistas. Na conclamação de patriotas e democratas, todavia, para a restauração da democracia no Brasil, no alvorecer da campanha contra a ditadura, onde esteve o Partido Comunista? Ao lado do sr. Getúlio Vargas, apoiando o golpe queremista, por palavras e atos do seu chefe, sr. Luís Carlos Prestes. Quando do golpe de 29 de outubro de 1945, nós, udenistas, estávamos a postos, vigilantes, contra as manobras do continuísmo ditatorial, apoiando aquele ato não só de defesa, mas de revivescência da democracia. Quando estávamos nessa posição, onde estava o Partido Comunista?”<sup>88</sup>*

Em sessão de 27 de junho, o líder da Coligação contrapõe-se aos colegas que defendem o parlamentarismo, entre eles, o deputado comunista Rui Antunes, e faz análise pormenorizada do que seria esse regime nos países ibero-americanos, lembrando o fracasso das práticas parlamentaristas no Chile. Salienta os riscos do sistema entre povos de vida agitada, ciosos de sua liberdade e de sua independência.

*“(...) No parlamentarismo, a subordinação do Executivo ao Legislativo só tem dado resultados apreciáveis naqueles países onde subsistem resíduos ou uma infra-estrutura de aristocracia primitiva. Assim foi no*

<sup>87</sup> *Diário do Poder Legislativo*, 1/5/1947, pág. 42.

<sup>88</sup> *Diário do Poder Legislativo*, 21/6/1947, pág. 333

*Brasil sob a Constituição de 1823, que estabeleceu o parlamentarismo monárquico. Mas a República foi positivista e democrática; aboliu os brasões, os títulos, os privilégios de classe e o apanágio da nobreza. Por isso mesmo, extinguiu o Parlamento à base da organização aristocrática, e enveredou pelo presidencialismo.*

*Por outro lado, sr. presidente, e se o parlamentarismo moderno em outros países tem podido ter mesmo efeitos suportáveis, observe-se, entretanto, o caso da França. Veja-se toda essa agitação, toda essa sucessão interminável de reformas, com quatro repúblicas, não sei quantas revoluções, e assim por diante. Não será isso um produto do parlamentarismo? Como acusar o presidencialismo americano de ser a causa de tais instabilidades? Como acusá-lo, se nasceu e desenvolve-se em povos mal politizados, como os próprios membros do Partido Comunista reconhecem, e com muita razão? Como reclamar de um povo ainda não educado politicamente maior estabilidade de regime? Como atribuir ao presidencialismo, as responsabilidades decorrentes da maneira de ser dos povos que a adotam?”.*<sup>89</sup>

Na defesa do regime que considera ideal, redige e assina, seguido por toda a bancada udenista, telegrama ao presidente Dutra, datado de 26 de maio de 1947, expressando congratulações “*pelo discurso proferido em 24 do corrente, em Porto Alegre, especialmente pela oportuna defesa que nele se faz do presidencialismo, como princípio constitucional da estrutura comum à União e aos Estados, consagrado pela tradição republicana brasileira, solidarizando-se, ao mesmo tempo, com essa demonstração de zelo pela fiel observância da Constituição da República*”.

No dia 7 de janeiro de 1948, uma lei aprovada pelo Congresso Nacional determina a cassação do mandato de deputados, senadores e vereadores eleitos pelo PCB em 1947. Ao mesmo tempo, o Ministério do Trabalho intervém em 143 sindicatos considerados sob controle comunista e fecha a Confederação dos Trabalhadores do Brasil – CGT, entidade criada e controlada pelo Partido Comunista. Não apenas se cassam, mas caçam-se os comunistas, em todo o País. Em Pernambuco, quase toda bancada do PCB, é recolhida ao buque do DOPS, por ordem do secretário da Segurança, Alarico Bezerra.

Na tribuna da Assembléia Legislativa de Pernambuco, o *direitista*, o *salazarista*, o *bizantino* Gilberto Osório de Andrade faz discurso antológico:

*“Hoje, pela manhã, sr. presidente, tive conhecimento de que aqueles mesmos deputados eleitos sob a legenda do Partido Comunista Brasileiro, cujos mandatos foram ontem extintos por uma resolução da Mesa da Assembléia, na madrugada de hoje foram caçados em suas casas, em suas residências, e recolhidos à enxovia. A notícia, tanto a mim como a qualquer cidadão de mediano bom senso e que não acredita no regime democrático, senão pela exteriorização pública do respeito devido à lei e à liberdade individual, causou profunda surpresa. Mais ainda, sr. presidente, quis o acaso que eu visse esses rapazes, que aqui estiveram conosco tanto tempo, defendendo ativamente seus pontos de vista dentro do regime da legalidade que a Constituição de 1946 lhes facultava, no momento em que vinham da Secretaria da Segurança Pública, ainda nos trajes sumários com que foram presos, desfilar pela rua, silenciosamente, mudamente, mas trazendo nas fisionomias perfeitamente estampada a revolta, perfeitamente estampado o protesto pelas violências de que foram vítimas.*

*Sr. presidente: a mim ninguém dirá que terei deixado de ser, nesta Casa, fiel aos princípios da Democracia em que acredito, ou que terei deixado de combater o comunismo. Sempre fui um daqueles que, dentro das possibilidades do Regimento, através dos trabalhos parlamentares, usando das faculdades que me confere o mandato de deputado estadual, diversas vezes enfrentei o Partido Comunista, discordando de suas idéias, procurando levar o plenário para caminho diverso daquele a que o conduziam certos projetos de lei, sugestões e requerimentos dessa mesma bancada.*

*(...) Qual o motivo da prisão desses homens? Qual a razão especial, que pretexto realmente baseado no bom senso ou em motivos de segurança do Estado, porventura teve a polícia do atual secretário da Segurança para arrancar de seus leitos antigos deputados comunistas ao Parlamento do Estado e levá-los à enxovia, como os levou, atirando-os nas prisões e nos cárceres, em meio de delinqüentes acusados dos crimes mais reles e comuns, e que se exibissem, como se exibiram, de cuecas, dentro dos cárceres atulhados de gente, para a irrisão de todo mundo?*

O discurso é interrompido, constantemente, por aplausos dos parlamentares e gritos de “muito bem!”. Gilberto Osório prossegue:

*“Sr. presidente. Não há democracia sem respeito à lei e sem respeito à dignidade humana. E não há respeito à lei e à dignidade humana quando se atira às prisões pessoas que nada fizeram para serem presas e ainda expostas a humilhações e escárnios, quando ainda ontem saíram desta Casa, levando consigo a atmosfera*

<sup>89</sup> Anais da Assembléia Constituinte, 27/6/1947, págs. 550/551.

do Parlamento pernambucano, onde, como representantes do povo, ditaram leis, contribuíram e colaboraram para a elaboração da vontade legislativa, que é a vontade do povo.

Sr. presidente, não posso deixar de fazer este protesto indignado, porque vi, com os meus próprios olhos, como esses rapazes vinham vindo pela Rua das Florentinas, em direção à Avenida 10 de Novembro, de braços nus, trazendo ainda nas faces, um deles, os vestígios das violências que sofreu, porque um deles foi brutalmente espancado, foi brutalmente seviciado pelos esbirros da polícia do sr. secretário da Segurança Pública. Outro, que nem sequer reagiu, que com um sorriso e um ar de fatalismo se prestara à prisão, foi, não obstante, empurrado e tratado como um criminoso vulgar, como tratados foram todos eles, afinal de contas, nos cárceres da Secretaria da Segurança Pública, como se fossem nada mais nada menos do que vagabundos pilhados no furto de propriedade alheia, nos atentados mais vis contra direitos do próximo.

(...) Sr. presidente. Repito que me sobra autoridade moral para falar sobre esse assunto. E quisera mesmo que estas minhas palavras chegassem integrais aos ouvidos daqueles que cometeram tais abusos, tais brutalidades. Porque esses nunca poderão dizer que eu sou um comunista. Não sou reacionário, mas sempre fui um anticomunista.

(...) Disseram-lhes, depois de todas as provocações e humilhações que eles sofreram, que estavam presos porque tinha havido um incêndio num quartel na Paraíba. Sr. presidente, ninguém poderá afirmar, ao certo, quem foi o autor do sinistro. Ninguém poderá afirmar, aqui ou na Paraíba, por enquanto, quem foi ou quais foram os culpados por esse atentado, se culpados há.

(...) Todas essas sortes de arbitrariedades não podem passar sem um protesto. Pelo menos, sem o meu protesto, que aqui lavro com toda a veemência, arcando com a responsabilidade do que faço, para que não se diga que o ideal democrático, o sentido da dignidade da pessoa humana, a crença e a fé no regime de liberdade verdadeiramente asseguradas, morreram nesta Casa, sem um grito de desespero embora, mas que se levantou enquanto ainda era tempo, contra violências e arbitrariedades desse porte.”<sup>90</sup>

O orador é aplaudido de pé. Gilberto Osório de Andrade...bizantino?

### INIMIGO DA VIOLÊNCIA, SEMPRE

A voz do deputado udenista ergueu-se, sempre, na Assembléia Legislativa, contra a violência, a arbitrariedade, o desrespeito. Desde a instalação da Constituinte, protestara contra o comportamento insultuoso das galerias, que haviam vaiado o deputado Lídio Paraíba, representante do PRP, ex-integralista. Em sessão de 5 de agosto de 1947, o líder da Minoria protesta contra a ocorrência freqüente de cenas de truculência, promovidas por pessoas armadas que assistem às reuniões, e reivindica medidas rigorosas de segurança para a Casa:

“Sr. presidente, na Câmara dos Deputados federais, medidas rigorosas sempre foram tomadas em defesa do prestígio da representação popular. Porque não pode haver democracia nem povo digno dela, quando os representantes deste permanecem sujeitos a achincalhes e apupos como os que se quer aqui, à fina força, praticar para a desmoralização do Poder Legislativo. Na Câmara Federal ninguém tem acesso às galerias antes de ser inteiramente revistado, para que, com o livre porte de armas, não se venha a produzir no recinto a possibilidade de um massacre.”<sup>91</sup>

Da mesma maneira que se insurge contra os episódios de banditismo nas galerias, manifesta-se contra as perseguições políticas sofridas por correligionários em cidades interioranas. Acusa o Governo de Barbosa Lima Sobrinho de intolerância e da prática de violência contra os udenistas no Agreste e no Sertão. Em São José do Egito, acusa Gilberto Osório, “um delegado de polícia, que se incompatibilizou bem depressa, de modo irremediável, com as autoridades constituídas, jamais cessou, antes desenvolveu a série de desmandos com que vem agitando a vida política, a tranqüilidade e a ordem naquela comunidade sertaneja”. Diz, ainda: “Culminaram, há poucos dias, essas violências, com o espancamento e a prisão de um subprefeito distrital e a perseguição movida sob a forma de ferozes ameaças ao vice-presidente da Câmara de Vereadores.”<sup>92</sup>

Casos de espancamentos brutais, em Agrestina, são relatados em plenário. O secretário da Segurança Pública faz ouvido de mercador. Gilberto protesta na tribuna, denunciando o aumento da violência no município, que culminara com a tentativa de assassinato, “friamente premeditada e executada”, do prefeito Elias Libânio Ribeiro.<sup>93</sup> Em Belo Jardim, o presidente da Câmara de Vereadores, o pessedista Júlio Aniceto Silva, suspende o mandato do seu colega udenista Manuel dos Santos e ameaça-o de prisão. Os motivos são, aparentemente, meras

<sup>90</sup> Diário do Poder Legislativo, 25/2/1948, págs. 1532/1533.

<sup>91</sup> Diário do Poder Legislativo, 23/8/1947, pág. 702.

<sup>92</sup> Diário do Poder Legislativo, 19/9/1948, pág. 1407.

<sup>93</sup> Diário do Poder Legislativo, 5/1/1949, pág. 5

divergências partidárias. “*Pergunto aos srs. deputados se já viram o presidente de uma Câmara Municipal ser tão arbitrário, tão desconhecedor da lei, que queira suspender um vereador. É um absurdo.*”, brada o líder da Coligação na Assembléia.

Violência, também, em Panelas. Gilberto Osório não se conforma e denuncia que esses casos espalham-se, incontrolavelmente, por todo o Estado, graças “*à impunidade absoluta em que permanecem os seus autores, beneficiados pela indiferença com que as autoridades e o próprio Governo do Estado tratam de cercá-los.*”<sup>94</sup>

Educação e saúde são preocupações constantes e bem características dos interesses de Gilberto. Luta pela urgência na liberação de verbas para a Universidade do Recife, apoiando, em 1948, proposta de autoria dos deputados federais udenistas Alde Sampaio e João Cleofas de Oliveira. Protesta contra o tratamento “*desigualíssimo*” que o Governo Federal dá ao Recife, concedendo-lhe “*a quinta parte do acréscimo da dotação da Universidade da Bahia e a vigésima parte do aumento concedido à Universidade do Brasil*”.<sup>95</sup> Em sessão de 4 de novembro de 1949, pede que se agilize a federalização das Faculdades de Medicina e de Engenharia.<sup>96</sup>

Requerimento de sua autoria, de número 32, datado de 26 de agosto de 1947, insiste, junto ao Governo do Estado, que providencie, em parceria com a Prefeitura de Olinda, a instalação e o funcionamento de uma escola primária na Ilha do Maruim. Entre as **consideranda** do documento, o deputado alega que: a) existem 173 crianças em idade escolar, na localidade; b) a escola mais próxima – a Escola Dona Ana Leme – funciona em Duarte Coelho, com acesso precário, sujeitando as crianças a riscos de atropelamentos, “*aliás, já positivados com lamentáveis conseqüências*”; c) o funcionamento da Escola Dona Leme tem sido prejudicado pela falta de professores, sendo as aulas ministradas por uma irmã de caridade do Colégio de Santa Tereza. O requerimento foi aprovado.

Atento às condições sanitárias do Estado, inquieta-se com a situação da vila de Lajedo, então pertencente ao município de Canhotinho, no Agreste Meridional, onde grassa a malária, promovendo dezenas de vítimas fatais.<sup>97</sup> Denuncia, igualmente, o aumento do índice de despovoamento no Recife, baseado em dados estatísticos fornecidos pela Diretoria da Liga Contra a Mortalidade Infantil:

“*(...) Nos últimos cinco anos, segundo as estatísticas de que me valho, verifica-se o aumento crescente da natimortalidade e da mortalidade infantil. Basta acentuar que o número dos que nasceram mortos durante esse quinquênio subiu a 6.805, enquanto o índice dos que morreram antes de completar um ano de nascidos atingiu a 1.765. Já em 1940 – antes, portanto, do quinquênio referido – a natimortalidade ascendia a 1.070 e a mortalidade infantil a 2.600. Seis anos decorridos, ou seja, ano passado, verificou-se que esse número aumentara a 50% e até mais de 50%. Assim é que, enquanto em 1940 nasceram mortos 1.070, já em 1946 esse índice subia a 1.553. Um aumento, portanto, de mais de 50%. Quanto aos mortos antes de um ano de idade, que eram 2.600 em 1940, somavam 4.138 em 1946; um aumento, também, de mais de 50%. Essa progressão calamitosa, assustadora, significa, simplesmente isto: que o Recife despoeva-se, tecnicamente falando, por efeito da mortalidade infantil.*”<sup>98</sup>

Volta, permanentemente, sua atenção para os problemas do Interior. Em 22 de setembro de 1947, apresenta o projeto nº 49, cuja ementa autoriza o Governo a abrir um crédito especial para a construção de um hospital no Município de Aliança. Justifica o proponente:

“*O município de Aliança, que tem, aproximadamente, 29.500 habitantes, com uma densidade demográfica igual a 119,31 e uma arrecadação estadual de CR\$ 591.487,70, e municipal de CR\$ 214.000,00 (execução orçamentária de 1946), não dispõe, sequer, de um posto médico.*

*Três farmácias, ao todo, existem no município: uma na sede e duas, respectivamente, nos distritos de Upatininga e Macujê. Também não há qualquer espécie de clínica dentária, e nem mesmo um profissional que a exerça regularmente. Em todo o município só existe um médico nele permanentemente domiciliado.*

*Apesar disso, Aliança é banhado pelo Rio Sirigi, que, como se sabe, é um dos maiores focos de esquistossomose, no Estado, segundo é do conhecimento geral, através de depoimentos já prestados por especialistas de renome e dos dados estatísticos largamente divulgados no Estado e no País. Além da esquistossomose, que grassa intensamente em todo o município, registram-se também ali, com caráter endêmico, a boubá, o amarelão e o impaludismo.*

*Localizam-se no município 84 engenhos e uma usina de açúcar. Nem sequer da educação sanitária, possibilitada pela instrução pública, pode-se esperar alguma coisa, porquanto não existe em Aliança um só grupo escolar, sendo a população constituída de mais de 70% de analfabetos.*

<sup>94</sup> *Diário do Poder Legislativo*, 28/10/1950, pág. 1383.

<sup>95</sup> *Diário do Poder Legislativo*, 11/7/1948, pág. 662.

<sup>96</sup> *Anais da Assembléia Legislativa de Pernambuco*, 4/11/1949, pág. 46.

<sup>97</sup> *Diário do Poder Legislativo*, 1/7/1948, pág. 580.

<sup>98</sup> *Diário do Poder Legislativo*, 15/6/1947, pág. 297.

*Ao tempo em que dirigia o dr. Jorge Lobo o Departamento de Assistência Hospitalar, visitou Aliança uma comissão composta do engenheiro sanitarista Alde de Castro Salgado e do médico José Otávio Cavalcanti, a fim de procederem ao levantamento de uma planta para a instalação de um hospital. E, nessa ocasião, declararam ambos a diversos habitantes locais que 'não sabiam como a doença ainda não tinha acabado com o município', que não tem saneamento e não dispõe sequer de um posto médico."*

O projeto foi aprovado, da mesma forma que outro, datado de 3 de agosto de 1948, e subscrito pelos deputados Oswaldo Lima Filho e Pio Guerra, que mandava consignar, no orçamento do ano seguinte, verbas destinadas à ampliação e realização de serviços públicos em Aliança. De acordo com o documento, duas obras no município exigiam o auxílio imediato do Estado: a construção de um grupo escolar e a instalação do serviço de abastecimento de água. O texto pedia, ao mesmo tempo, que o Estado proporcionasse suporte financeiro e técnico a um posto de assistência social existente em Aliança e mantido por iniciativa particular.

A preservação da memória histórica era outra das inquietações de Gilberto Osório. Em 6 de julho de 1949, ele apresenta o requerimento nº 165, assinado, também, pelos deputados Mário Melo, Júlio de Melo e Lidio Paraíba, pedindo providências para livrar da ruína as coleções de jornais pernambucanos existentes na Biblioteca Pública do Estado. Baseado em reportagem do *Diário de Pernambuco*, daquela data, sobre a situação desse acervo, indaga: "(...) a) – quais as coleções de periódicos editados em Pernambuco e existentes na Biblioteca Pública, e em que condições de conservação se encontram as mesmas; b) – quais os motivos determinantes da má conservação ou da ruína dessas coleções; c) – que providências urgentes e cabíveis devem ser tomadas no sentido de salvar da destruição esse documentário; d) – em quanto pode ser estimada a despesa necessária à preservação dessas coleções de periódicos".

### “O PROBLEMA É DO PARTIDO”

As simpatias de Gilberto Osório pelo Governo português dão margem a comentários e críticas por parte, principalmente, dos deputados comunistas. Osório tem ligações profundas com a comunidade lusa local e viaja, ocasionalmente, a Portugal, tendo sido, antes, durante e depois do seu período parlamentar, agraciado com honrarias daquele Governo. A uma ironia desferida pelo deputado Nelson Monteiro, reage, com irritação: “*Só porque me foi dado visitar Portugal, só porque lá estive, como poderia ter ido a outro país qualquer do mundo, o deputado Nelson Monteiro, à falta de um argumento poderoso, à falta de um aparte inteligente, disse que sou representante de Salazar. (...) Ora, o sr. Norton de Matos, candidato à Presidência da República portuguesa, deve ficar zangado comigo quando souber que sou um representante do sr. Salazar no Parlamento pernambucano.*”

Noutra ocasião, em novembro de 1949, Gilberto Osório é, novamente, tachado de *salazarista*, desta vez, pelo deputado padre Públio Calado. Reage, com sarcasmo: “*Se V. Excia. me chama de ‘salazarista’, porque visitei Portugal, será ‘salazarista’, então, nesse caso, o deputado Mário Melo, que foi também a Portugal, a convite da mesma pessoa privada que lá me conduziu.*” O bem-humorado Mário interveio, de seu canto: “*Quero dizer que ‘fui a Portugal e não vi Salazar’ (risos), mesmo porque fui ver somente coisas antigas e quando me quiseram apresentar Salazar, eu disse que não me interessavam coisas novas!*” E Gilberto prossegue: “*(...) Certamente por ser ‘salazarista’... lhe evoca (ao padre Calado) alguma coisa de revoltante, de repugnante, de asqueroso, de tremendamente rebarbativo...*”

A discussão vinha no bojo de questão levantada, em plenário, pelo uso de automóveis por parte dos líderes parlamentares. Gilberto havia recebido um carro oficial, que entregara ao vice-líder da Coligação, Tabosa de Almeida, para que ficasse à disposição da bancada. Alguns deputados, entre eles, o sacerdote, especulavam se Osório não andaria circulando pelas ruas da Cidade com o veículo. O líder da Minoria defende-se, furioso: “*Todos são testemunhas, sr. presidente, de como entreguei esse automóvel ao vice-líder, para que dele dispusesse, porque em minhas mãos não ficaria. E a bancada, por maioria absoluta, contra três votos, apenas, impôs-me, contra a minha própria vontade – invoco o testemunho dos srs. deputados – que permanecesse sob a minha responsabilidade a conservação desse automóvel, que, aliás, é da Assembléia. Que não é de meu uso particular, mas do uso de vários dos srs. deputados que nele se transportam diariamente para esta Casa e para as suas residências e, algumas vezes, dele têm usado para outras viagens que não essas.*”

Gilberto Osório destila toda a sua indignação contra o padre, afirmando que havia publicado até nota em jornal sobre a entrega do carro ao vice-líder. “*Isto porque – continua – inclusive as más línguas, as línguas viperinas de que se vale o reverendo padre Públio Calado, este benéfico e virtuoso sacerdote, já diziam que eu guiava o automóvel da Coligação pelas ruas da Cidade, quando, sr. presidente, eu não sei nem sequer dar saída ao motor de um automóvel! (...) É preciso dizer que a lembrança da aquisição do automóvel foi de autoria do deputado Constantino Maranhão e que o padre Públio Calado tem usado o automóvel até para viagens ao Interior. (...) Até agora reservei-me, apenas, a mostrar como são frágeis, inconsistentes e, como não dizer?, miseráveis as infâmias levantadas pelo virtuoso padre Públio (risos nas galerias). Agora seria a segunda parte e eu poderia referir-me ao sacerdote, contando casos, narrando versões, citando testemunhas, invocando experiências*



*recentíssimas. Mas não farei isso. Respeito demais esta Assembléia para me esquecer do respeito que devo a uma batina, esteja ela vestida em quem estiver.*<sup>99</sup>

Mordomias e venenos, à parte, Gilberto Osório de Andrade não tinha nada de *bizantino*. Toda a sua produção parlamentar vem assinalada por questões pertinentes, argumentos consistentes, análises profundas. A erudição e o perfeccionismo são suas marcas principais, mesmo quando trata de temas *leves*. É respeitado pelos seus pares, que cedem-lhe, muitas vezes, seu tempo na tribuna, para ouvi-lo discorrer sobre os mais variados assuntos. “O poder de Gilberto de monopolizar uma platéia era impressionante. Ele tinha sempre a última palavra, a palavra definitiva; fechava com chave-de-ouro os seus discursos. Tanto podia ‘incendiar’ plenário e galerias, como hipnotizá-los. Era um gênio e um homem de bem”, elogia o ex-governador Cid Sampaio. Outro contemporâneo, adversário de partido, reconhece: “Ele era bringuento, mas sabia conciliar. Fez amigos em todos os partidos.”<sup>100</sup> Surpreendentemente, um desses amigos seria Paulo Germano Magalhães, filho de Agamenon, a quem Osório tanto combatera. Foi a convite de Paulo Germano que Gilberto passou a escrever na *Folha da Manhã*, mantendo, de 1949 até 1952, a coluna *Salvo Melhor Juízo*. Tornar-se-ia íntimo de outro pessedista, Nilo Coelho, cuja mãe, dona Josepha, costumava recebê-lo e a Rachel, nos anos 60, “com honras de presidentes”. Sempre que se encontrava em Petrolina e sabia que o casal estava viajando pelo Sertão, Nilo ia ao encontro dos amigos, fosse onde fosse, “só para tomar uma *uiscada*”.<sup>101</sup>

O próprio governador Barbosa Lima Sobrinho, criticado, impiedosamente por Osório, todos os dias, na tribuna, não escondia sua admiração pelo político e intelectual. Chegava a recomendar a seus auxiliares que “prestassem respeitosa atenção” ao líder coligacionista e que “ficassem em silêncio” quando o deputado falasse.<sup>102</sup> Barbosa presidiria a sessão em que Gilberto Osório tomaria posse na Academia Pernambucana de Letras, em 19 de maio de 1949, comparecendo com todo o seu secretariado. O ingresso do parlamentar na APL mereceu homenagem na Assembléia, proposta pelo deputado Pedro Afonso e aprovada por unanimidade.

Com tanto prestígio e tantos amigos, considerado, como era, “a maior figura da Coligação”, a hora lhe era propícia para vôos mais altos na política. A Coligação tentou lançá-lo deputado federal, sem sucesso. Gilberto via, com tristeza, sinais de cisão no partido. Demonstrava desilusão com a vida parlamentar e, mais de uma vez, comentou com a filha Carolina: “A política é um mar de lama”.<sup>103</sup> Por insistência da UDN, entretanto, decidiu concorrer à reeleição.

As eleições de 3 de outubro de 1950 ocorrem em clima de muita agitação. Concorrem à Presidência da República, Getúlio Vargas, lançado pela coligação PTB-PSP; Cristiano Machado, candidato do presidente Dutra, pelo PSD; o brigadeiro Eduardo Gomes, pela UDN, e João Magabeira, pelo PSB. Em Pernambuco, disputam o Governo, o ex-interventor Agamenon Magalhães, pelo PSD, e o deputado federal João Cleofas, pela UDN. Surpresa nas negociações políticas: os udenistas, adversários de Getúlio, ganham o apoio deste. Todavia, fiéis ao PSD nacional, os pessedistas locais respaldam o candidato dutrista. A vitória de Getúlio Vargas não arrasta Cleofas, que, embora tenha ganho na Capital, perde no Interior. Agamenon Magalhães – derrotado no Recife, a que chamaria, então, de “cidade cruel” – elege-se governador de Pernambuco.

Gilberto Osório candidata-se à reeleição, mas não faz campanha. Dedicar-se, cada vez mais, ao magistério e ao jornalismo. No dia do pleito, o irmão de sua mulher, Evandro, angustiado, percorre as seções eleitorais, tentando atender aos eleitores que buscam as chapas. Não consegue convencer o deputado a distribuir os pequenos volantes com o seu nome. Osório prefere ficar em casa, lendo um livro, balançando-se na rede, alheio à movimentação política. “Isso é problema do partido”, responde ao cunhado.

Será o 46º nome na lista dos votados, na Coligação. Com 1.109 votos, não consegue reeleger-se. Aliviado, sai para comemorar. Terá sido, possivelmente, o único candidato a festejar a própria derrota, nos bares da Cidade. Com Elpídio (este, sim, reeleito com mais de três mil votos) a tiracolo.

<sup>99</sup> *Diário do Poder Legislativo*, 2/12/1950, págs. 1614/1615.

<sup>100</sup> Depoimento do ex-deputado Luiz de Magalhães Melo à autora.

<sup>101</sup> Depoimento de Rachel Caldas Lins à autora.

<sup>102</sup> Depoimento de Rachel Caldas Lins à autora.

<sup>103</sup> Depoimento de Maria Carolina Andrade à autora.

## GUERRA NO PRINCIPADO

Deixar a política significava, para Gilberto Osório, ter mais tempo para as suas aulas, para os seus artigos e para os seus amigos. Embora não tivesse se afastado dos colégios e faculdades, nem das atividades jornalísticas, durante o período parlamentar, fora obrigado a limitar as classes e a só ir para os jornais à noite. Agora, estava livre e perguntava-se: “Foi um tempo perdido essa legislatura?”.<sup>104</sup> Respondia que sim, enganando a si mesmo.

A morte do governador Agamenon Magalhães, em 24 de agosto de 1952, em pleno exercício do mandato, é um novo divisor de águas na História de Pernambuco. Gilberto recebe a notícia, em casa. Era um domingo e ele tinha começado a preparar o almoço que ia oferecer a uns amigos. Suspende a reunião e corre para a máquina de escrever. Redige, então, para a *Folha da Manhã*, o que Nilo Pereira considera “o mais belo artigo que Agamenon mereceu daqueles que, de longe ou de perto, o admiravam e o exaltavam no surpreendente final de sua existência”.<sup>105</sup> O tributo póstumo ao ex-adversário merece ser transcrito:

### “Pernambuco Frustrado

*Ao se tentar aperceber, objetivamente, da perda que Pernambuco sofreu, com a morte de Agamenon Magalhães, ocorrerá, decerto, e antes de tudo, a sensação de uma enorme frustração.*

*Era ele, sem dúvida alguma, uma das maiores afirmações políticas desta República. Dificilmente, um Estado do Nordeste ou do Norte, nunca bastante computado no jogo das grandes decisões nacionais, como é o caso de Pernambuco, teve ou poderá ter um nome de tão largo prestígio, cimentado através de toda uma longa experiência política das mais vivazes e frutíferas. Seu renome, o valor de sua reputação como homem público, desde muito excedera as fronteiras estaduais, impondo-se à admiração e ao respeito do País. Nenhum pernambucano capaz de discernir ou de esperar, deixou jamais de ver nele uma oportunidade muito sua de pensarmos, de fato, na balança da alta gestão nacional. Era da mesma massa dos homens que fazem historicamente destinados a granjear, a despeito da inferioridade eleitoral ou econômica do seu lugar de origem, e a custo, tão-somente, de sua capacidade e de sua valia pessoal, um relevo político supremo, que seria, decerto, muito caro a um Estado, como o nosso, que, malgrado suas tão vivas tradições de civismo, jamais deu ao Brasil um presidente da República.*

*Por isso, com a sua morte, sentimo-nos frustrados. Interrompeu-se, não a vida de um homem, tão-somente, embora singularmente cara para os seus parentes, seus amigos e seus liderados. Interrompeu-se, também, um poderoso impulso que acudia à consciência de quantos, ciosos dos nossos padrões políticos e históricos, entreviam na sua carreira impressionante de homem público uma consagração de Pernambuco no cenário nacional moderno.*

*Pernambuco tem esta má sorte de ver se desfazer ante os seus olhos, na brutal instantaneidade dessa perda, a mais estimulante esperança dos seus dias. Resta, somente, a sua escola. Não a escola, propriamente, dos que a entendam só como uma continuação da sua corrente partidária. Mas a escola do arrojo administrativo, da audácia dos horizontes, do trabalho realizado, da segurança dos seus passos, da sua admiração, em suma, que lhe conferiram o respeito e a admiração nacionais.*

*É o quanto resta. Cumprirá preservar esse legado para que a sementeira dele possa provir outros capazes de retomar a carreira de que nos despojou, a nós, pernambucanos, sua morte.”<sup>106</sup>*

Com a morte de Agamenon, tiveram início as articulações partidárias para a eleição, em outubro do mesmo ano, de um sucessor que completasse seu mandato. Era o que determinava o art. 60, da Constituição promulgada em 47, considerando que, à época, inexistia a figura do vice-governador: “Vagando o cargo de governador, far-se-á nova eleição sessenta (60) dias depois de aberta a vaga.”<sup>107</sup> O presidente da Assembléia, Antônio Torres Galvão, assume, interinamente, a Chefia do Executivo. A substituição não seria fácil. “Para o PSD – escreve Dulce Pandolfi – a perda era muito grande. Além do livre trânsito na esfera federal, nenhum outro representante da elite estadonovista possuía a presença, a austeridade, a popularidade e a liderança que tanto marcaram a trajetória política de Agamenon Magalhães.”<sup>108</sup>

O partido lança a candidatura do ex-interventor e então senador Etelvino Lins numa surpreendente coligação com a UDN, e integrada pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Democrata Cristão (PDC), Partido de Representação Popular (PRP), Partido Social Progressista (PSP), Partido Social Trabalhista (PST), Partido Trabalhista Nacional (PTN) e Partido Republicano (PR). É a chamada Coligação Democrática

<sup>104</sup> Depoimento de Rachel Caldas Lins à autora.

<sup>105</sup> PEREIRA, Nilo, *A morte de um líder num sábado de agosto*, in *Recife, Paixão e Tragédia*, pág. 79.

<sup>106</sup> *Folha da Manhã*, 26/8/1952, pág. 3.

<sup>107</sup> *Constituição do Estado de Pernambuco – 1947*, pág. 464.

<sup>108</sup> PANDOLFI, Dulce. *Pernambuco de Agamenon Magalhães*, pág. 141.

Pernambucana. À margem dessas negociações fica o Partido Socialista Brasileiro (PSB), que defende a candidatura do jornalista Osório Borba, com o apoio do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ora na ilegalidade. Uma parte da UDN – que identifica Lins com o espírito do Estado Novo – e grupos pessedistas não aceitam de bom grado o nome do antigo “reitor da Sorbonne”. Uma parceria PSD-UDN era impensável. Entretanto, segundo Oswaldo Lima Filho, essa aproximação, “apesar de bastante limitada, teria representado uma política de conciliação, visto que somente uma aliança das agremiações mais tradicionais do Estado possibilitaria deter o avanço das forças de esquerda, então bastante identificadas com os setores populares”.<sup>109</sup>

Os redemocratas de 45, que se sentiam responsáveis pela queda da ditadura, não deveriam estar satisfeitos. Esse, pelo menos, era o argumento do jornalista Andrade Lima Filho, ex-integralista convertido ao PST, que chamava aos brios os antigos inimigos de “Extermínio Lins”. Não deveriam estar todos ao lado de Osório Borba? Onde estão Eugênio Coimbra Júnior, Sílvio Rabelo, Mauro Mota e tantos outros? Deplora: “Aníbal Fernandes, o mestre do jornalismo, vítima desse couro em 45, é um guerreiro contido na praça forte do *Diário de Pernambuco*, agora rendida, de armas e bagagens, àquele que a sitiara e emudecera, naquele ano, após o 3 de março.”<sup>110</sup> E questiona, provocador: “Onde paira, nesta hora dum outro ‘Nego’, Gilberto Osório de Andrade, esse Péricles de 45, que, à maneira do grego, expelia raios contra Agamenon no comício histórico do Santa Isabel?”<sup>111</sup>

Numa espécie de *reprise* da eleição anterior, a Oposição vence no Recife e em Olinda, mas é soterrada pela avalanche de sufrágios que vem do Interior. O resultado é esmagador: Etelvino Lins, 211.393 votos; Osório Borba, 57.400, registram dados do TRE.<sup>112</sup> Etelvino toma posse no dia 12 de dezembro de 1952, proclamando: “Da união política dependem o futuro econômico do Estado e o bem-estar social dos pernambucanos.”<sup>113</sup> Promete justiça para ricos e pobres; a construção de barragens no Sertão; a proscrição da política de clientelismo eleitoral; e alerta quanto “ao quadro impressionante de um orçamento exageradamente deficitário e de uma economia irregular e precária” que encontra no Estado.<sup>114</sup>

O novo governador anuncia, então, o seu Secretariado, formado por integrantes da Coligação que o elegeu: Fazenda: Nilo Coelho (PSD); Viação e Obras Públicas: Armando Monteiro Filho (PSD), titular da pasta no Governo Agamenon Magalhães; Governo: Arruda Marinho (PSD), também integrante da equipe do ex-governador; Interior e Justiça: Otávio Correia de Araújo (PSP); Saúde e Assistência Social: Arthur Coutinho (PDC); Agricultura, Indústria e Comércio: Eudes de Souza Leão Pinto (sem partido); Polícia Militar e Segurança Pública: coronel Salm de Miranda; prefeito do Recife: José do Rego Maciel (PSD), ex-secretário de Agamenon, no Estado Novo.<sup>115</sup>

Gilberto Osório de Oliveira Andrade, cujo nome vinha sendo cogitado, há dias, para compor a equipe de Etelvino, assume a Secretaria de Negócios de Educação e Cultura –SENEC. No dia da posse, é saudado, com entusiasmo, por uma funcionária e colega de jornal, Isnar de Moura, primeira professora primária a ingressar nos quadros centrais da Educação, após a ditadura, a qual, em artigo publicado na Imprensa, fala “dos aplausos dos que foram ali reverenciar o professor, o jornalista, o tribuno excelente, ou, mais afetuosamente, o Giba das tertúlias literárias e reuniões quixotescas em louvor da poesia e do amor”.<sup>116</sup>

*Giba*, o novo secretário, vem cheio de idéias reformistas. Os amigos mais tarimbados nas questões do serviço público advertem-no para ir devagar. À época, corria uma definição da Secretaria, partida não se sabe de quem: a repartição seria uma espécie “de arquipélago, com cada uma das ilhas sendo administrada por uma princesa, que fatalmente contrapunha-se ao secretário quando tinha suas ambições contrariadas”.<sup>117</sup> Mas Gilberto não se intimida. Tem vocação de legislador e logo se põe a tramar uma reestruturação da casa, tentando distribuir cargos, funções e gratificações, de acordo com o tempo de serviço e as qualificações do pessoal. Ganha em Isnar de Moura uma aliada, que está sempre a informar, nas páginas do *Jornal do Commercio*, os feitos do chefe. Ao mesmo tempo, inspira a grupo liderado pela professora Maria Elisa Viegas, então diretora do Ensino Supletivo e, mais tarde, deputada estadual pelo PDC, profunda antipatia e ostensiva reação.

O dr. Gilberto Osório (o *Giba* de Isnar) decide enfrentar o *Principado*. Redige o documento que visa regularizar uma situação que considera injusta e que se transforma na Lei nº 1750, de 24/11/1953, assinada pelo governador Etelvino Lins. Entre outras providências, o texto determina a extinção das Divisões de Ensino Primário e Normal e do Ensino Profissional, Rural e Supletivo; cria a Diretoria Técnica de Educação Primária, destinada a coordenar as atividades relativas ao Ensino Primário, em geral; estabelece que os cargos de direção da Secretaria

<sup>109</sup> *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – 1930-1983*, pág. 1891.

<sup>110</sup> LIMA FILHO, Andrade, *Itinerário de Osório Borba – O homem que cuspiu maribondos*, pág. 235.

<sup>111</sup> Idem, *ibidem*, pág. 234.

<sup>112</sup> Conf. PANDOLFI, Dulce, *ob. cit.*, pág. 150.

<sup>113</sup> *Diário de Pernambuco*, 13/12/1952, pág. 1.

<sup>114</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>115</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>116</sup> *Jornal do Commercio*, 14/12/52, sem referência de página.

<sup>117</sup> Depoimento do professor Itamar de Abreu Vasconcelos à autora.

serão providos em comissão; extingue cargos efetivos, gratificações e dotações em vários setores do órgão, inclusive no gabinete do secretário etc<sup>118</sup>

O secretário quer ordem, disciplina, exige que leis sejam cumpridas. Esse posicionamento *linha-dura* sugere um dos temas do *trote* dos calouros da Faculdade de Filosofia da UFPE, que desfilaram, em 1953, pela Rua Nova, fantasiados de “professoras”, com uma rolha na boca. Seria uma alusão ao descontentamento de alguns setores da SENEK.<sup>119</sup>

As *princesas* estão à beira de um ataque de nervos. No *JC*, a jornalista e professora Isnar de Moura, que chama a Secretaria de “a caçula infeliz do Governo do Estado”, escreve uma carta aberta ao chefe, na passagem do primeiro aniversário de sua gestão:

“(…) Sem poder alimentar sonhos de projetos grandiosos que a realidade financeira do Estado nem de longe permite nessa penúria que corta a todos os que governam Pernambuco as veleidades de ação em profundidade e extensão, soube Vossa Excelência olhar com olhos humanos um dos problemas mais dolorosos que esta Secretaria encobria em sua aparência de títulos pomposos, o de seu funcionalismo, resolvendo da maneira que foi possível, depois de uma luta subterrânea e ingente pela implantação de um regime de menos injustiça e com mais equidade, e só os que, com a própria humildade do seu coração acompanharam a marcha desse combate, podem aquilatar da importância da tarefa de Vossa Excelência num caso que só estaria a merecer a acolhida e o apoio das almas generosas. (...) Não queremos deixar de lamentar os contratemplos sofridos por Vossa Excelência da parte daqueles que, mais uma vez, surgiram à última hora com a intenção de solapar esses fundamentos, enfraquecer, destruir... (...) O trabalho que Vossa Excelência prepara vai pôr fim a esse caos que são os quadros da educação primária, definindo situações e responsabilidades, graduando em estágios de antiguidade e produção uma carreira que é, na verdade, a mais importante na esfera da educação e cultura do povo. Mais se comprovarão, assim, os prognósticos daqueles que, há um ano, vieram bater palmas à escolha do Executivo para o cargo de Vossa Excelência. Daqueles que esperavam do jornalista a mesma posição de soldado em eterna trincheira a batalhar, principalmente por causas de significação social e humana, e o que é mais humano que dar a quem trabalha pelo bem público meios de fazê-lo bem e com entusiasmo, apontando aos seus servidores e colaboradores um caminho aberto a horizontes largos e iluminados, sem fechá-los em masmorras e cubículos estanques, sem condená-los a prisões onde não entram nem raios de sol nem aragens de esperanças?”<sup>120</sup>

A despeito da simpatia de muitos servidores e da presença vigilante da irmã Célia, a quem trouxera da direção do Colégio de Aplicação para a sua Chefia de Gabinete, Gilberto Osório resolveu dar um basta às hostilidades. “A impressão que dava era que ele não se sentia bem no cargo”, registra uma ex-funcionária, mas era um homem de idéias próprias, superior às futilidades e às picuinhas.”<sup>121</sup> Em setembro de 1954, o governador atendeu o seu pedido de exoneração da SENEK, mas nomeou-o para a Secretaria de Governo. Enquanto as *princesas* brindam à posse do novo titular, o professor Aderbal Jurema, em artigo do dia 14 daquele mês, no *JC*, Isnar despede-se de “um chefe de bravura moral e sentimento tal de justiça, que não suportou a continuidade de uma situação lesiva de todos os direitos humanos”.<sup>122</sup> Consta que, muitos anos depois, quando presidente do Conselho Estadual de Educação, ouviu muitos pedidos de perdão de Maria Elisa Viegas, membro do CEE.<sup>123</sup> Teria ficado *im-per-tur-bá-vel?*

## PELO BEM DA COLIGAÇÃO

Quando Etelvino Lins assumiu o Governo, teve de enfrentar uma dura realidade: o orçamento do Estado votado para 1953 previa um déficit correspondente a um terço da receita. Seu programa, portanto, limitou-se a dar prosseguimento às medidas iniciadas por Agamenon. Os secretários sentiam-se *engessados*, equilibrando-se em recursos minguados. Mesmo assim, a Secretaria de Viação e Obras Públicas, administrada pelo engenheiro Armando Monteiro Filho, genro de Magalhães, pôde continuar desenvolvendo o plano de pavimentação das rodovias-tronco de Pernambuco; da mesma maneira, a Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, que tinha como titular o agrônomo Eudes de Souza Leão Pinto, promoveu reformas nesses setores. “Tínhamos de fazer verdadeiras mágicas e, nesse mister, as sugestões de Gilberto Osório eram sempre bem-vindas. Segundo Monteiro Filho, Gilberto foi um grande secretário e um elemento de peso, naquele momento de conciliação. Souza Leão, por sua vez, acha que, por ser muito respeitado pela intelectualidade, Osório dedicou-se mais ao temas culturais. Ambos coincidem em dizer que ele soube conciliar o magistério e a administração com segurança e equilíbrio. “Gilberto

<sup>118</sup> *Diário Oficial do Estado*, 25/11/1953.

<sup>119</sup> Depoimento de um estudante da época, que pediu para não se identificar.

<sup>120</sup> *Jornal do Commercio*, 6/12/1953, sem referência de página.

<sup>121</sup> Depoimento de Edith Mattos à autora.

<sup>122</sup> No seu bem cuidado acervo de recortes de jornais, Isnar de Moura compôs um panorama elucidativo desse período conturbado da vida de Gilberto Osório. Em dezenas de álbum, a jornalista (hoje, com 92 anos de idade, doente, impossibilitada de locomover-se e com dificuldades de fala) reuniu artigos, entrevistas, crônicas e reportagens de sua autoria, cujo conjunto representa uma aula ilustrada da história sócio-cultural da Cidade.

<sup>123</sup> Depoimento de Rachel Caldas Lins à autora.

gostava de ouvir os professores, os diretores de escolas, os auxiliares, os funcionários humildes”, complementa o ex-secretário de Agricultura.

Foi na gestão de Gilberto Osório que se celebrou o Tricentenário da Restauração Pernambucana, de cuja organização foi presidente. O ano de 1954 foi quase todo de festas: congressos, seminários, exposições, bailes, recepções a personalidades brasileiras e estrangeiras, que aqui vinham pesquisar ou realizar palestras sobre a presença holandesa no Nordeste. O *Diário de Pernambuco* dá ampla cobertura do evento, definindo-o como “um marco do renascimento dos estudos históricos na Região”.<sup>124</sup> É no âmbito dessas comemorações que Gilberto Osório é agraciado, juntamente com os professores Jordão Emerenciano e Nilo Pereira, com o Colar do Instituto de Coimbra. Comendador da Ordem de Cristo, desde 1949, esta é a segunda vez que Gilberto recebe uma homenagem de Portugal.

Ao fim do Governo Etelvino Lins, julgando haver cumprido a sua missão, Gilberto Osório anunciou sua intenção de desligar-se das atividades partidárias. Mas a UDN não abriu mão dele no complicado processo de sucessão. A Coligação de partidos que ajudara a eleger o ex-interventor estava em vias de se esfalçar; a dissidência no seio, tanto dos udenistas quanto dos pessedistas, ampliava-se. O epicentro do sismo era a indicação do general-de-Exército gaúcho Cordeiro de Farias (que assumira o comando da Zona Militar Norte, sediado no Recife), candidato de Etelvino, ao Governo de Pernambuco. O PSD “histórico”, liderado pelo *coronel* limoeirense Chico Heráclio, propõe o nome do deputado federal Jarbas Maranhão. A UDN divide-se: uma parte apresenta, mais uma vez, o usineiro (e então ministro da Agricultura) João Cleofas; o outro grupo adere a Cordeiro.

É nesse grupo que está Gilberto Osório, um dos seis integrantes do Diretório Regional – Seção Pernambuco, signatários do manifesto que, antecipando-se à convenção do partido, formula seu apoio ao general.

“Conclamamos os pernambucanos que prezam suas tradições de retidão e altivez a levarem conosco às urnas o nome do general Cordeiro de Farias – diz, a certa altura, o texto. Esta será uma oportunidade histórica de nos mostrarmos fiéis à bandeira de Eduardo Gomes. Com a instituição dum governo superpartidário, nenhum partido poderá perder sua identidade e o livre exercício da opinião política estará assegurado contra os privilégios que, no Interior, sobretudo, engendram as desigualdades de tratamento, as perseguições e as injustiças.

Conclamando Pernambuco inteiro a se empenhar numa obra tenaz, tranqüila e sólida de renovação moral e recuperação política e econômica.

Conclamamos, especialmente, os udenistas de Pernambuco; os udenistas que, como nós, somos fiéis a Eduardo Gomes, os Diretórios Municipais da UDN, os eleitores de todas as condições, que tenham como denominador comum a consciência da hora crítica do País e saibam honrar o exemplo daqueles que, no passado, uniram-se poderosa e heroicamente para a Restauração Pernambucana.”<sup>125</sup>

Além de Gilberto Osório, assinavam o manifesto Carlos de Lima Cavalcanti, Neto Campelo, Alfredo Duarte Filho, Júlio de Mello e Celso Cursino. O apelo à lealdade ao brigadeiro Eduardo Gomes – que veio a Pernambuco reforçar a campanha de Cordeiro – não surtiu o efeito esperado. Estava aberta a dissidência. Os irmãos Alde, Lael e Cid Sampaio migraram para as hostes de Cleofas. “A cisão no partido não maculou nossa amizade com Gilberto Osório de Andrade”, garante, hoje, o ex-governador Cid Sampaio. Com Cleofas estará, também, o grupo divergente do PSD, à frente Jarbas Maranhão e Barbosa Lima Sobrinho.

O pleito de outubro de 1954 dá a vitória ao general Cordeiro de Farias, que obtém 239.315 votos, contra 203.611 dados a João Cleofas.<sup>126</sup> Mesmo tendo o que festejar, *de verdade*, dessa vez, Gilberto Osório decide desvincular-se do Diretório Regional da UDN, “cansado da politicagem”.<sup>127</sup> Atuará, mais adiante, na qualidade de assessor, no Governo Cid Sampaio.

## SEMPRE AOS DOMINGOS

Gilberto Osório era um pai ausente. Suas atividades simultâneas obrigavam-no a estar sempre fora de casa, de onde saía antes das sete horas da manhã, só retornando de madrugada. Por isso, os filhos consideravam *um privilégio* poder atrair a atenção do pai nos domingos e nas férias escolares. Quando lhes era permitido, participavam, *discretamente*, dos jantares que os pais ofereciam aos amigos, às sextas-feiras, com cardápio preparado por Giba, e ao som de repertório clássico tocado na velha radiola Westinghouse. Maníaco por música, Gilberto cuidava, pessoalmente, da sua coleção de 78rpms (os chamados “discos-bolacha”), limpando, semanalmente, “com mil apetrechos”, segundo exagera a filha mais velha, o que considerava *preciosidades*. Ai de quem ousasse chegar perto delas!

Moravam, então, na Rua Nicarágua, nº 72, no Espinheiro, numa casa, primeiro alugada, depois comprada, em 1954, a Lael Sampaio, seu grande companheiro da UDN, e avaliada em CR\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros). Por ocasião do seu divórcio, a casa foi passada para o nome de Cremilda, com usufruto dos filhos.

<sup>124</sup> *Diário de Pernambuco*, 7/8/1954, pág.

<sup>125</sup> *Diário de Pernambuco*, 3/7/1954, pág. 9

<sup>126</sup> Mapa do TRE – 1954.

<sup>127</sup> Depoimento de Raquel Caldas Lins à autora.

A diversão dominical tinha o nome de piquenique, palavra mágica para as crianças, que contavam nos dedos os dias que faltavam para ver o pai. Vestiam suas melhores roupas esportivas, abasteciam uma cesta de vime com refrigerantes, biscoitos e sanduiches, providenciavam repelente (contra mosquitos e maruins) e iam de carro alugado<sup>128</sup> ao Horto de Dois Irmãos. O passeio era uma oportunidade para Gilberto atualizar-se com a educação dos filhos, aferindo os progressos que faziam na escola. Aproveitava para ensinar-lhes noções de Botânica e Zoologia. De volta à casa, a meninada tinha direito a sorvete de ameixa com baunilha e a outras invenções que o pai praticava numa sorveteira manual, tão complicada de manusear que só funcionava com a ajuda de todos.

Nas férias, a família ia para Itamaracá, onde o pai de Cremilda, o dr. José Joaquim Lemos, tinha uma casa. O lugar era, à época, uma ilha de pescadores, sem luz elétrica e sem estrada asfaltada. A viagem, na “sopa” – uma espécie de ônibus rombudo –, cujo motorista, amigo do velho Lemos, ia buscar “a tropa toda” no Espinheiro, era uma aventura que levava, às vezes, mais de três horas. Pescaria e banhos de mar eram o lazer preferido dos meninos, que também se divertiam muito com as *histórias de pescador* de José Lopes, ilhéu humilde, compadre e amigo dos pais.

Muitas vezes absorto em suas pesquisas, Gilberto descuidava das crianças e partia para o isolamento, trabalhando horas a fio em suas pesquisas sobre o Litoral. Objeto de curiosidade da criançada era um aquário gigantesco que o pai fizera instalar na casa da praia, onde ia acumulando tudo o que trazia de suas investigações subaquáticas: algas, cavalos-marinhos, conchas, peixes de todos os tamanhos, cetáceos, crustáceos. As paredes da sala e dos quartos eram grafitadas pelo geógrafo com observações e desenhos e pinturas de peixes. Estudioso dos relevos terrestres, Gilberto Osório dedicou à ilha vários livros, inclusive a tese com que concorreu a concurso para catedrático de Geografia Geral, no Colégio Estadual de Pernambuco, em 1956: *Itamaracá – Contribuição para o estudo geomorfológico da costa pernambucana*.

Com os filhos, não era severo. Exigia disciplina, mas não impunha castigos. O máximo de sua reação a uma travessura era colocar os meninos de castigo, sentados junto dele, olhando para a parede. Podia até se esquecer deles, como uma vez aconteceu com Carolina. “Você ainda está aí?”, perguntou, certa noite, surpreso ao constatar a longa e silenciosa presença da menina, ao lado de sua mesa de trabalho.

Primava pelo asseio e impunha o exemplo em casa. Passava mais de uma hora no banho, fazendo a barba, perfumando-se. Quando saía, deixava o banheiro muito limpo, arrumado, cheiroso. E avisava: que nada ficasse fora do lugar. Ia para o trabalho, recendendo a lavanda estrangeira.

Mas ao homem que apreciava os perfumes refinados também agradavam os olores fortes do alho e do azeite. Sabiam-lhe bem os pratos requintados, aos quais se acostumara, nas casas da Gervásio Pires e de Olinda, a mesa, sempre bem posta, preparada pelo pai, os quitutes saídos da cozinha versátil de dona Constança. A culinária ibérica era, entre tantas, a sua preferida, chegando a merecer, vez por outra, comentários trocistas dos amigos, como aquele que lhe fez o irreverente Silvino Lopes, em saudação na APL: “Conhece os nomes de todos os peixes. E como conhece peixes, conhece regimes. Conversou durante horas com o sr. Oliveira Salazar e sabe falar bem das sardinhas portuguesas. Peixes e regimes. Como um vinhateiro fala de vinhos. Tudo efeito de sua visita à nação lusa, onde viu não somente o túmulo de Inês de Castro, senão também a estátua do pobre caluniado Bocage, no Café Nicolas.”<sup>129</sup>

O segredo do preparo do bom prato tanto pode estar na sua simplicidade, como na mistura harmônica dos ingredientes, ensinava Giba. Os convidados dos jantares de fim de semana já chegavam advertidos de que o dono da casa abusava, às vezes, do uso das especiarias. Quem não gostasse de pimenta, que não fosse, pois este era o tempero favorito do mestre-cuca. Pimenta em grão, principalmente, “porque não dá dor de estômago”. Não seguia receitas escritas; criava-as quando se lhe dava na telha. Mas a filha mais velha guarda, de memória, todos os segredos gastronômicos transmitidos pelo pai, a quem chamava de *Alquimista*.

Como o *Bacalhau à Espanhola*, por exemplo. Feito, obviamente, com o melhor bacalhau e o melhor azeite de oliva, que Gilberto comprava na Casa Fenix, uma das lojas de especiarias da Cidade. Dessalgado durante 12 horas, o bacalhau era cortado em postas grandes, arrumadas numa vasilha portuguesa (recordação de uma de suas viagens), em camadas entremeadas de batatas inglesas cruas, fatiadas, muito pimentão, muita cebola, muito tomate, sem pele e sem sementes. Esse prato não levava tempero, mas ia ao forno encharcado no azeite e tampado. Como acompanhamento, arroz branco, solto. “Todo mundo adorava, porque era simples”, comenta Carol.

Peixe era para ser comido frio. Pelo menos, numa das receitas de Giba, que adorava a cozinha litorânea. Ei-la: postas grandes de cavala, salgadas e assadas na brasa, sem deixar queimar. À parte, prepara-se um molho com bastante tomate, cortado, sem pele e sem sementes, cebolas picadas, folhas de louro, muito alho, uma quantidade *enorme* de pimenta-do-reino preta, em grão, muito azeite de oliva. Coloca-se o molho sobre as postas de peixe, numa panela, e leva-se ao fogo por, aproximadamente, dez minutos. Depois de frio, coloca-se na geladeira, onde, por 24 horas, o prato “vai pegar o tempero”. Serve-se no dia seguinte, saído, diretamente, da geladeira, e

<sup>128</sup> Os chamados carros de aluguel não tinham taxímetro e as corridas eram cobradas por tabela, conforme a distância.

<sup>129</sup> *Discurso de recepção ao acadêmico Gilberto Osório de Andrade*, na Academia Pernambucana de Letras, pág. 21.

acompanhado de arroz e purê...quentes. O vizinho Caio de Souza Leão era o primeiro a chegar, quando se anunciava o *Peixe Frio*.

A ceia natalina era outra ocasião para Gilberto Osório exibir seus dotes de **gourmet**. O preparo do peru requeria antecedência e era seguido, diligentemente, pela primogênita, desviada, pelo pai, de qualquer coisa que estivesse fazendo, para ajudá-lo na cozinha. Numa época em que não existiam supermercados nem comidas congeladas, o peru era comprado em feiras, vivo. Matar a ave não era tarefa de Giba, mas fazê-la ingerir quase um litro de cachaça, era coisa que ele fazia com prazer. Embriagado, o peru era morto e depenado pela empregada da família. Aí, entrava em ação o cozinheiro, que preparava uma vinha d'alhos com vinho de boa qualidade, cominho, sal e pimenta, na qual vai mergulhar a ave, a essa altura toda perfurada, para facilitar a absorção do tempero. O peru e a mistura de condimentos serão, então, colocados numa lata grande de querosene, rigorosamente higienizada. Durante três dias, fora da geladeira, essa *alquimia* era revolvida por Gilberto. Na véspera do Natal, a ave ia a forno, besuntada de manteiga e recheada com farofa de miúdos.

Mesmo quando se separou de Cremilda e foi viver com Rachel, em meados dos anos 50, Gilberto Osório continuou mantendo seu hábito de bem receber. Além de ensinar, agora aprendia receitas inusitadas, como o *Peru Assado com Feijoada*, especialidade de dona Virgínia, mãe de sua nova companheira. À primeira vez que experimentou o prato, o professor Mário Lacerda de Melo, um moderado no terreno ético, entusiasmou-se ao ponto de exceder-se, alegremente, na bebida.

Gilberto continuou, também, realizando pesquisas em Itamaracá, onde costumava passar os fins de semana, sempre com tempo para *jogar conversa fora* com o amigo Zé Lopes. Tinha paixão pela ilha. Que bem merecia ter uma escola com o seu nome, sugere Maria Carolina, lastimando que a um homem da dimensão de Gilberto Osório de Andrade, Pernambuco ainda não tenha prestado o devido tributo.

## “GEÓGRAFO, MAIS QUE GEÓGRAFO”

A definição de Gilberto Freyre sobre o amigo traduz, exemplarmente, o perfil intelectual do homem que soube cingir, como poucos, a multidisciplinaridade, ultrapassando os limites da sua principal especialização. Gilberto Osório é antropólogo e historiador, humanista e ecólogo, escritor e artista. Tudo isso sem marginalizar os estudos jurídicos, a produção jornalística, as preocupações filosóficas, as investigações técnicas, a prática do magistério. Como pôde abarcar essa diversidade de conhecimentos? E como pôde exercitá-la, simultaneamente?

É impressionante observar que, sem abdicar das salas de aula e da redação dos jornais, Osório permite-se, a partir da década de 50, espriar sua presença em outros espaços. Lidera excursões científicas estudantis, rastreando rios brasileiros, principalmente os do Nordeste, notadamente os do açúcar e da carnaúba. Chefia grupos de trabalho, embrenhados no Interior, em pesquisas fitogeográficas. Percorre todo o Litoral nordestino, é íntimo das plagas sertanejas, sabe tudo do brejo, da caatinga, dos planaltos, das chapadas, dos canaviais. Conhece as pedras como sabe da vegetação. E empolga auditórios com as suas descobertas, ao que registra um ex-discípulo: “Quando o dr. Gilberto explanava teses suas, pioneiras, sobre as prolongadas fases de pediplanação que arrasaram, ao longo do Cenozóico, no Nordeste brasileiro, estruturas rochosas pré-cambrianas, seus alunos, num silêncio sepulcral, ficavam fascinados em ouvi-lo e ávidos para aplicar aquele conjunto de idéias revolucionárias da Geomorfologia Climática, apresentadas, pelo mestre, de maneira impecável, invulgar. Na Climatologia Dinâmica, ele descobriu a profunda relação dialética estabelecida entre o Nordeste brasileiro e o sudoeste africano, materializada na dinâmica de uma massa de ar que sai do anticiclone dominante sobre o deserto do Kalaari e se projeta sobre o semi-árido nordestino, determinando as condições de secura atmosférica.”<sup>130</sup>

Sem trocadilhos, a aridez do tema não assustava nem entediava os estudantes. Sempre inovador e revelador, Gilberto Osório impôs uma visão “integral, integrativa da missão do conhecimento geográfico; uma geografia analítica”.<sup>131</sup> Era a Nova Geografia. Com o grupo formado por Gilberto, Hilton Sette, Manuel Correia de Andrade e Mário Lacerda de Mélo, Pernambuco transformou-se no terceiro centro de estudos geográficos do Brasil, vindo depois de São Paulo e do Rio de Janeiro.

O trabalho investigativo de Gilberto Osório, não apenas na área da Geografia mas em todos os campos que dominou, ramificou-se em conferências, comunicações em congressos e seminários, debates promovidos pelos mais diferentes centros de todo o País. Foi assunto de livros, plaquetes, ensaios e artigos publicados em revistas especializadas e em obras coletivas. Sua fama de cientista notável motivou convites para a participação em grupos de trabalho e em bancas examinadoras de concursos em várias universidades brasileiras.

Ao mesmo tempo, Gilberto tomava parte em comissões técnicas de origens diversas. Foi consultor regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; presidiu, em três gestões, a Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Pernambuco; foi membro e relator do grupo de trabalho instituído pela Comissão Nacional da União Geográfica Internacional para formular um anteprojeto de regulamentação da profissão de geógrafo; integrou a Comissão de Peritos criada na Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação, para estudar e propor ao Conselho Federal de Educação o currículo mínimo a ser fixado para a Licenciatura de Geografia; coordenou o Departamento de Levantamentos Básicos do Grupo de Estudos do Açúcar da Fundação Açucareira do Nordeste.

Na Universidade Federal de Pernambuco, suas atividades não ficaram restritas às aulas e às pesquisas. Foi coordenador do Departamento de Geografia, diretor do Instituto de Ciências da Terra, membro do Conselho Universitário, autor e relator do primeiro anteprojeto de reformulação do Regimento da Faculdade de Filosofia de Pernambuco. Fez parte, ainda, da Comissão de Estudos sobre a Reforma Universitária, e da Comissão de Planejamento da Cidade Universitária. Participou das comissões que promoveram a implantação da Universidade Federal do Maranhão (juntamente com Rachel Caldas Lins), e a reestruturação das Universidades Federais da Bahia e de Pernambuco. No início dos anos 60, atuou como assessor da Diretoria do Ensino Superior do MEC.

Gilberto Osório também emprestou os seus conhecimentos técnicos à SUDENE, de cujo Departamento de Recursos Humanos foi diretor e onde, também, exerceu as funções de assistente técnico da Superintendência para assuntos educacionais. Representando a autarquia, realizou viagem aos Estados Unidos, em 1970, para estágio junto a vários sistemas educacionais norte-americanos, e obteve diploma de especialização em Educational Planning pelo Health, Education and Welfare Office of Education.

De 1964 a 1976, Gilberto Osório foi presidente do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco. Sua atuação é lembrada por ex-componentes do CEE como “serena e firme”. O ex-secretário de Educação, Edgar Mattos, referenda essa avaliação, destacando, a desenvoltura com que ele “dirigia as sessões plenárias do Conselho, pondo a serviço daquele colegiado toda a sua experiência parlamentar, o que o fazia, por vezes, demasiadamente formal na condução dos trabalhos”. Esse “caráter ritualista – solene mesmo – que imprimia às reuniões”, reforça

<sup>130</sup> JATOBÁ, Lucivânio, *Prêmio Gilberto Osório*, artigo publicado no *Jornal do Commercio*, em 26/12/2000.

<sup>131</sup> Depoimento do geógrafo Mário Lacerda de Melo à autora.



Mattos, “contrastava com a extrema singeleza da sua ‘apresentação’, literalmente franciscana nas sandálias que calçava... De resto, o ar carrancudo e o temperamento pouco expansivo disfarçavam a pessoa simples, gentil e afável que era Gilberto Osório, intolerante e mesmo severo, apenas, no lidar com os incoerentes, os negligentes, os omissos, os covardes – os sem caráter, enfim.”

### UMA OBRA A SER PERPETUADA

Gilberto Osório de Andrade havia desistido, de vez, da vida política. Preocupava-se com os problemas do Brasil, mas evitava discutir os novos rumos dos partidos e ainda mais as soluções para a salvação da Pátria. “O último encantamento político dele foi com o Governo Cid Sampaio”, relembra Rachel Caldas. Assessor de Cid, Gilberto também colaborou com a Administração Nilo Coelho. Daí em diante, só quis distância dos políticos, embora seus grandes amigos do fim da vida tenham sido Francisco Julião, Oswaldo Lima Filho e Paulo Cavalcanti, que sempre o visitavam, no auge das doenças que o acometeram, no apartamento da Rua da Hora. Apesar de todas as divergências, esse trio de *cassados* tinha pontos de identificação com “o velho Giba”. Mas, em geral, a esquerda rejeitava-o tanto quanto os ex-integralistas.<sup>132</sup>

Se a Gilberto não interessava a política, a política estava de olho nele. Pelo menos, é o se depreende de notícia sobre a sucessão governamental em Pernambuco, em 1971. Consta que o presidente Garrastazu Médici teria entregue ao governador indicado, Eraldo Gueiros Leite, uma lista com sugestões de nomes para a Vice-governadoria, da qual faziam parte Geraldo Magalhães, Djair Brindeiro, Gilberto Osório de Andrade, José Francisco de Moura Cavalcanti e Rubem Costa.<sup>133</sup> Na cópia xerográfica da lista, em papel sem timbre, cedida pela família do ex-vice-governador Barreto Guimarães (que não constava da relação e foi o escolhido por Gueiros), o nome de Gilberto aparece circulado. A razão do destaque é dúbia: este é o preferido? Ou... menos este? Consultada, a família de Eraldo Gueiros Leite desconhece a existência da lista.<sup>134</sup>

Nos anos 70, Gilberto Osório está no auge de seus estudos de Geomorfologia, realizados na Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ<sup>135</sup>, para onde tinha sido levado pelo outro Gilberto, o Freyre, seu compadre e amigo. Ingressa na Fundação, em meados da década de 50, na qualidade de pesquisador, na época em que a instituição ainda se chamava Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, e vai dirigir o Departamento de Geografia. Sob sua orientação, têm início, ali, importantes pesquisas sobre geoeconomia e sobre poluição ambiental e os rios do Nordeste. Da sua equipe fazem parte Rachel Caldas Lins –que assumirá, anos depois, a direção do setor, após reforma –, Mário Lacerda de Mélo e Manuel Correia de Andrade, os quais iniciarão uma série de estudos hidrográficos regionais, abrangendo os rios Ceará-Mirim, Mamanguape, Paraíba do Norte, Coruripe, Jiquiá e São Miguel, Una, Paraíba do Meio e Mundaú. Em depoimento à historiadora Joselice Jucá, em livro sobre a história da FUNDAJ, Rachel Caldas explica que “os rios do açúcar foram estudados mesmo com a função de corrigir e mostrar os defeitos, de estimular o usineiro a ver que o aproveitamento das caldas nos seus canaviais dava lucros”.<sup>136</sup>

O processo de transformação do Instituto em Fundação, em 1971, teve Gilberto Osório como um de seus articuladores, ao lado de Frederico Pernambucano, Elder Lins Teixeira e Maximiano Campos. Por outro lado, além de atuar como pesquisador, Gilberto integrou, até às vésperas de sua morte, o Seminário de Tropicologia, onde foi sempre destaque, como sustenta Freyre: “Ele deu aos debates tropicológicos a solidez de seus amplos e profundos conhecimentos de Ecologia, de Geografia Humana, de História e de outras ciências do homem.”<sup>137</sup>

Entre livros, opúsculos, discursos, conferências, ensaios e comunicações publicados em revistas científicas, Gilberto Osório de Oliveira Andrade deixou 111 títulos. Desses, dois livros – *Os Rios do Açúcar do Nordeste Oriental (O Rio Ceará-Mirim)* e *Os Rios do Açúcar do Nordeste Oriental (O Rio Paraíba do Norte)* – foram escritos em colaboração com Manuel Correia de Andrade. Sua parceria mais freqüente é com Rachel Caldas Lins, com quem escreveu quatro livros – *O Rio Mossoró (Os rios da carnaúba)*, *João Pais do Cabo: o patriarca, seus filhos, seus engenhos*; *Pirapama – um estudo geográfico e histórico* e *São Gonçalo Garcia: um culto frustrado*, este último publicado postumamente – e vários ensaios para periódicos especializados.

Apesar de grande parte da produção de Gilberto Osório ser dedicada à Geografia, ele celebrou-se pelos estudos de História da Medicina que realizou. Em 1956, lançou, pela Secretaria de Educação e Cultura, *A cólera-morbo – um momento crítico da história da Medicina em Pernambuco*, que ganhou segunda edição, uma edição, aliás, póstuma, 30 anos depois, pela Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco. Nesse livro, Gilberto trata da propagação da peste epidêmica no Brasil, em 1982, e de como se espalhou por Pernambuco, ceivando centenas de vidas (50, por dia, só em Vitória de Santo Antão).

<sup>132</sup> Depoimento de Rachel Caldas Lins à autora.

<sup>133</sup> GOUVEIA, Graça. *Barreto Guimarães – Por amor a Olinda*, pág. 92

<sup>134</sup> A autora manteve contato com uma das filhas do ex-governador, Valéria Gueiros Freitas.

<sup>135</sup> Atualmente, a instituição usa a sigla FJN.

<sup>136</sup> JUCÁ, Joselice. *Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo*, pág. 103.

<sup>137</sup> FREYRE, Gilberto e LOPES, Waldemar. *Pernambucanidade Consagrada*, pág. 20.

De 1969, publicado pela Imprensa Universitária da UFPE, é *Montebelo, os males e os Mascates: contribuição para a História de Pernambuco na segunda metade do século XVII*, em que o autor aborda a primeira campanha profilática, sistematicamente planejada e realizada, de que se tem notícia no Novo Mundo: aquela desencadeada contra a febre amarela, no Recife, em fins do século XVII, no Governo de D. Antônio Félix Machado de Castro Silva, o marquês de Montebelo (1690-1693). Foi, também, a primeira campanha preventiva da doença no mundo.

Embora estes dois livros sejam obras de referência a todo estudioso da História da Medicina, foi com um outro, que ele não escreveu, mas ao qual deu sua contribuição com um estudo crítico, que Gilberto Osório notabilizou-se. *Morão, Rosa e Pimenta* reúne textos dos três primeiros livros escritos em Português sobre a Medicina no Brasil – *Tratado Único das Bexigas e Sarampo*, de Simão Pinheiro Morão, *Tratado Único da Constituição Pestilencial de Pernambuco*, de João Ferreira da Rosa, e *Notícias do que é Achaque do Bicho*, de Miguel Dias Pimenta –, comentados por Gilberto Osório, e com introduções históricas, interpretações e notas de Eustáquio Duarte, médico pernambucano radicado no Rio de Janeiro. A edição que consultamos data de 1956 e foi inspirada em texto de Osório, apresentada, três anos antes, durante o II Congresso Brasileiro de Medicina, realizado no Recife.

O ineditismo do tema havia chamado a atenção do professor Jordão Emerenciano, diretor do Arquivo Público Estadual, que decidiu resgatar os livros dos médicos portugueses sobre os quais explanara Gilberto no Congresso. Um verdadeiro **tour-de-force**, que abrangeu a leitura paleográfica dos originais, a pesquisa iconográfica para ilustração da obra, a transcrição (à época) datilográfica, a atualização da ortografia etc. A edição do Arquivo tem resultado impressionante: um volume de quase 600 páginas, em papel **buffon**, totalmente ilustrado, com capa assinada por Luís Jardim, tiragem de 900 exemplares, representando “o maior cometimento editorial já levado a cabo em Pernambuco”.<sup>138</sup> O lançamento solene aconteceu no Salão Nobre do Palácio do Governo, no dia 17 de junho de 1957, em cerimônia presidida pelo governador Cordeiro de Farias.

As febres, as disenterias, o frágil sistema de saneamento, a farmacopéia tropical e todos os males que grassavam na Colônia, no século XVII, são, entre outros temas afins, descritos nos três livros reunidos no volume interpretado por Gilberto Osório. Esse ensaio de Osório, segundo Gilberto Freyre, que prefaciou a edição, “revela um historiador da Medicina com moderna orientação antropológica e sociológica”.<sup>139</sup>

O primeiro livro escrito por Gilberto Osório foi *Um complexo antropogeográfico – lineamentos para uma geografia total da Amazônia*, publicado em 1940, pela Tipografia do Diário da Manhã. Trata-se, como já dissemos, de um estudo com o qual o autor pretendeu concorrer a concurso para provimento da 2ª cadeira de Geografia do Ginásio Pernambucano. Realizado em apenas dois meses, o trabalho ressentiu-se, conforme reconhece o autor, “de dados mais completos acerca dos confins não brasileiros da bacia”, mas é, defende Gilberto Freyre, um ensaio que ultrapassa os limites das exigências acadêmicas, por ser o primeiro a encarar o estudo do trópico americano de modo interdisciplinar e gestaltiano.<sup>140</sup>

Gilberto Osório deixou outros livros, igualmente importantes, além dos já citados: *A continentalização da doutrina de Monroe; América Hispânica e América Saxônica; A América e a organização da paz futura; Os fundamentos da neutralidade portuguesa; Os regionalismos necessários e a reorganização da comunidade internacional; A defesa da liberdade – Será inevitável a autodestruição do Estado Democrático?; A escória do planeta; Inéditos de Frei Jaboatão; A Serra Negra: uma relíquia geomórfica e higráfica nos tabuleiros pernambucanos; Itamaracá: contribuição para o estudo geomorfológico da costa pernambucana; A superfície de aplanamento pliocênica do Nordeste do Brasil; Panorama dos recursos naturais do Nordeste; Migrações internas e o Recife*.

A despeito da relevância de sua obra, Gilberto Osório não alcançou a repercussão que merecia. A queixa, do compadre-amigo e xará, Gilberto Freyre, é compartilhada por muitos. Urge-se, clamava o sociólogo, em 1987, ao assumir a cadeira nº 23, que pertencera a Osório, que os títulos do geógrafo fossem reeditados. “Pernambuco está na obrigação de o perpetuar, fazendo dele e de sua obra, homem e obra não de uma época, mas superior a épocas. De várias épocas”, cobrou o novo acadêmico, que ascendia à *imortalidade* 35 anos depois de Gilberto Osório ter indicado – ao lado de Valdemar de Oliveira e de outros cinco integrantes da diretoria – o seu nome para o preenchimento da vaga do cônego Xavier Pedrosa, na APL. Na ocasião (18 de junho de 1952), Freyre foi eleito por unanimidade, mas não aceitou entrar para a Academia. Definiu-se, então, como “anti-acadêmico”. Terminaria substituindo o xará.

Da mesma forma que Carolina Andrade reclamara, certa vez, o geógrafo Lucivânio Jatobá deplora que o nome de Gilberto Osório não tenha sido utilizado para designar “uma escola qualquer da rede pública estadual ou municipal”. Alunos do Departamento de Geografia tentaram homenagear, em 2000, o mestre a quem não conheceram, mas cujos trabalhos lhes alimentavam os estudos diários, com uma placa de latão a ser aposta na Sala

<sup>138</sup> Catálogo do lançamento de *Mourão Rosa & Pimenta*, 17/6/1957.

<sup>139</sup> FREYRE, Gilberto e LOPEZ, Waldemar, op.cit. pág. 20.

<sup>140</sup> Idem, ibidem.

de Leitura do Diretório Acadêmico. Foram advertidos, “por instâncias superiores”, que tal homenagem dependeria da criação de uma comissão de “alto nível”, que investigaria o valor do mérito...Os jovens não perderam tempo e renderam o seu tributo, afixando, em protesto, uma “placa” de papelão, com o nome do geógrafo, na sala do DA.<sup>141</sup> No mesmo ano, por iniciativa da professora Eugênia Pereira, desse Departamento, foi criado e conferido o *Prêmio Gilberto Osório de Andrade*, ao melhor trabalho na área de Ciências Humanas, no VIII Congresso de Iniciação Científica.<sup>142</sup>

Em vida, Gilberto fora alvo de muitas homenagens, tendo recebido, entre outras distinções, o Prêmio Instituto de Geografia, conferido pelo Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, como co-autor de *Brasil – A Terra e o Homem*; o título de Doutor, outorgado pelo Conselho Universitário da Universidade Católica de Pernambuco, em 1958, pelo fato de ser catedrático fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manuel da Nóbrega; a Medalha do Mérito Tamandaré; a Medalha de Ouro do Mérito Educacional; o Colar do Instituto de Coimbra (Portugal); a Medalha de Ouro do Mérito Pernambucano; o título de Cidadão Mossoroense; a Medalha do Mérito de Goiana, classe prata; a medalha de prata do Congresso Comemorativo da História do Tricentenário da Restauração Pernambucana; o título de Comendador da Ordem Militar de Cristo (Portugal).

A Universidade Federal de Pernambuco não se esqueceu dele, concedendo-lhe, em vida, o título de Professor Emérito, e **in memoriam**, o de **Doutor Honoris Causa**. A Fundação Joaquim Nabuco prestou-lhe dois tributos **post mortem**: o título de Pesquisador Emérito e a denominação de *Sala Gilberto Osório de Andrade* ao auditório, de 40 lugares, onde se realizam os debates do Instituto de Pesquisas Sociais. Também a FAFIRE dedicou-lhe um espaço. O Conselho Estadual de Cultura atribuiu, anualmente, o Prêmio Gilberto Osório ao pesquisador que mais se distinguiu na área de Geografia.

Por proposta dos vereadores Liberato Costa Júnior e Aristófanos de Andrade, a Câmara de Vereadores votou e o então prefeito Jarbas Vasconcelos sancionou a Lei nº 14.965, de 29 de maio de 1987, denominando Rua Jornalista Gilberto Osório uma das novas artérias a serem abertas na Cidade. Em menos de um ano, Gilberto ganhou a *sua* rua, no bairro da Iputinga. A poucos quilômetros da Rua Elpídio Branco, em Brasilit.

---

<sup>141</sup> Depoimento do geógrafo Lucivânio Jatobá à autora.

<sup>142</sup> JATOBÁ, Lucivânio, art. cit.

## O MORTO DESCALÇO

“Não coloque sapatos nos meus pés. Não me cubra de flores. Não faça do meu enterro uma festa. Deixe-me ir, sem estardalhaço, para a Casa do Pai.”

O pedido – o último – de Gilberto Osório foi atendido pela mulher. Na tarde chuvosa daquele 31 de julho de 1986, em que seu corpo foi velado no Cemitério Parque das Flores, tudo foi muito singelo. Como convinha ao morto ilustre, que ousara abdicar de todos os faustos que as suas virtudes mereciam. Os amigos chegavam e cercavam o féretro, expressando condolências, como se à dor da perda bastassem palavras de consolo. Circulavam perguntas, as costumeiras perguntas dos velórios: quando foi? onde foi? como foi? por que foi? Gilberto teria rido. Não eram essas as instruções que daria aos seus repórteres, nos áureos tempos do *Jornal Pequeno*? “Perguntem, perguntem sempre... Descubram tudo.”

Gilberto Osório vinha doente há muito tempo. Primeiro, perdera parte da audição, o que lhe trouxera transtornos, contornados, medianamente, com o uso de um aparelho nos ouvidos. Desde então, brincava, *só ouvia o que queria*. Livrava-se, assim, dos *chatos*, dos *cretinos*, dos *idiotas sem remédio*. Sempre crítico, sempre irônico, sentia-se feliz em *liberar o aparelho só para os inteligentes*. Depois, foi perdendo a visão. Um pesadelo que se redimensionava a cada vez que saía de uma para outra consulta, que passava de uma para outra clínica, que viajava de um para outro centro especializado. De Minas Gerais a Barcelona, na Espanha, passando por Nova York, Gilberto foi examinado por todas as sumidades. De nada adiantou o périplo. A vista foi-se esvaecendo até que ele percebesse apenas uma réstia, um vulto, um vestígio. E de que vale a vida, sem a emoção das cores e o brilho da luz? Nada, dizia a si mesmo.

A incapacidade física veio a seguir, numa combinação de sintomas que incluía tremor, rigidez, perda de reflexos, problemas de motricidade, acinesia (palavra bonita para definir imobilidade). Vieram, também, médicos e mais médicos, unânimes no diagnóstico: Mal de Parkinson. Não era preciso tradução simultânea. Gilberto sabia bem o que era a síndrome e aonde ela o conduziria. Todavia, resolveu enfrentar a inimiga. Saía todos os dias, ia, pessoalmente, entregar seus artigos no *Diário de Pernambuco*, subia ao segundo andar para conversar com o diretor do jornal, Antônio Camelo. Aproveitava para tomar um **drink** no Bar A Portuguesa, para não perder o velho hábito. Não seria Gilberto Osório se não o fizesse.

Mas o corpo, fragilizado, demandava cautela. A nicotina cobrava o preço *justo* de um velho fumante irredutível. Veio o enfisema pulmonar. Agora, ouvia mal, *via pelos olhos de Raquel*, andava apoiado numa bengala. Interrompera os artigos para os jornais, por não suportar ditar seus pensamentos. Queria, ele mesmo, com um dedo só, disparar sua indignação em textos incandescentes. Nunca, na vida, precisara de intermediários. Então, incomodava-o o depender de outrem, o esperar, o não poder fazer. Como acontecera, em junho de 1983, quando lera as “fichas”, escritas em letras garrafais por Rachel, do discurso que lhe ditara, em saudação à filósofa Maria do Carmo Tavares de Miranda, na APL.

Encolheu-se, então, numa tristeza abissal. E deixou-se morrer.

Morreu, ouvindo o romântico Wagner, seu compositor preferido. O mesmo músico que extasiava a *sensibilidade* nazista. Os detratores do ex-integralista não devem ter perdido o mote.

A chuva que caía naquele fim de tarde não deixou que se visse o pôr-do-sol. Gente, muita gente. Cochichos no percurso do sepultamento. Quem vai assumir o lugar dele na Academia? A *imortalidade* era loteada em surdina. Quem ocupará seu espaço nas páginas de *Opinião*? Traficavam-se influências.<sup>143</sup> Qualquer semelhança com as contendas parlamentares e as rivalidades dos corredores universitários não era mera coincidência. O morto, que seguia, impotente, o seu destino sem retorno, sabia que partia para o nivelamento total. Porque, depois de mortos, somos todos iguais. Baixaria à quadra 02, do lote 849, bem ao lado do velório, sem um pé de acácia, um flamboyant, uma arvorezinha sequer que lhe ensombrecesse o túmulo. Se pudesse falar, protestaria. Se pudesse escolher, pediria um baobá, como aquele da sua infância, aquele da Praça da República.

Os vivos retiram-se. Têm muito o que fazer. Afinal, a vida continua. Os coveiros concluem suas tarefas. Mais terra, muita terra, bastante terra, até o cimento final. E um nome, uma data. Para eles, mais um nome e mais uma data. Não é mesmo tudo igual?

Não, senhores, não é *tudo igual*. Este é diferente. Este chamava-se Giba. Chamava-se GOA.

Chamava-se Gilberto Osório de Oliveira Andrade.

<sup>143</sup> O testemunho é da autora, que assistiu, constrangida, e protagonizou uma reação em torno dessa disputa.

Álbum de família



Leopoldo Bessoni, pai de Gilberto Osório, advogado e alto funcionário público, em fotografia do final do século XIX.

Lêda Rivas



O sobrado da Rua Gervásio Pires, onde Gilberto nasceu, passou por várias reformas, ao longo do século. Hoje é ponto comercial.

Álbum de família



Gilberto, na foto oficial da formatura em Direito, em 1933.

Fundação Joaquim Nabuco



Os primeiros *camisas-verdes* de Pernambuco. No alto, a partir do segundo: Aurino Cavalcanti, Luiz Guimarães, Álvaro Lins, Mauro Mota, João Roma, José Queiroz de Andrade e Waldemar Romeiro. Na primeira fila, da esquerda para a direita: Antônio Parisi, Gilberto Osório, Airton Carvalho, José Guimarães de Araújo, Fernando Mota, César de Barros Barreto, Andrade Lima Filho, Lucilo Costa Pinto, Luiz d'Agostini, Belízio Córdula, Bolívar Mousinho e Pitágoras de Souza Dantas.



Acervo Waldemar Lopes



Grupo de jornalistas pernambucanos, que viajou a Porto Alegre para as comemorações do centenário da Revolução Farroupilha. Da esquerda para a direita, Gilberto Osório, Waldemar Lopes e sua mulher Iraci, Ionísia Ipirapoan, Elizabeth Maranhão e João Duarte Filho.

Álbum de família



Gilberto e a primogênita Carolina, em temporada de férias em Itamaracá, em 1943.

Álbum de família



Outubro de 1944: Gilberto Osório é homenageado com almoço no Grande Hotel, pela sua aprovação no concurso para livre docente da Faculdade de Direito.

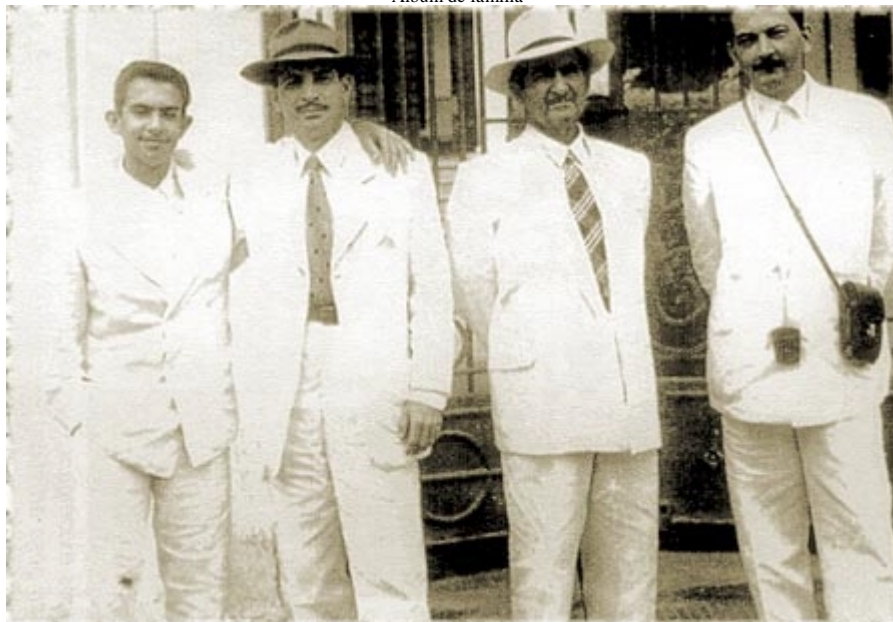
Reprodução



Propaganda eleitoral, publicada, com destaque, no *Jornal Pequeno*, que Gilberto dirigia.



Álbum de família



O "fotógrafo" Gilberto Osório, em passeio pelo Recife, com os cunhados.

Álbum de família



Amigos e compadres, os dois Gilbertos - Osório e Freyre – fazem pose artística, na casa de João Cardoso Ayres, em Boa Viagem.

Álbum de família



No Arquivo Público Estadual, o professor Jordão Emerenciano (primeiro, à esquerda) recebe os amigos Nilo Pereira, Cleofas de Oliveira, Luís da Câmara Cascudo, Gilberto Osório e João Vasconcelos.

Álbum de família



Gilberto e a irmã, Célia, ladeiam a mãe, dona Constança, a "Manhoquinha".

Álbum de família



Gilberto Osório, em noite de autógrafa, ao lado de Rachel Caldas Lins, a companheira e colaboradora intelectual dos últimos 30 anos de sua vida.

Fundação Joaquim Nabuco



A equipe do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco posa com Gilberto Freyre. Na segunda fila, de cima para baixo (da E para a D), vêem-se Rachel Caldas Lins, Gilberto Osório e Magdalena Freyre.



Lêda Rivas



Por proposta dos vereadores Liberato Costa Júnior e Aristófares de Andrade, o jornalista Gilberto Osório recebeu nome de rua, em Ipatinga.

## BIBLIOGRAFIA E FONTES

ABREU, Alzira Alves de e BELOCH, Israel, orgs. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, 4 volumes. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas – Cpdoc/Forense-Universitária/Finep. 1984. 3.634 págs.

ANDRADE, Gilberto Osório de. *A Cólera-Morbo – Um Momento Crítico da História da Medicina em Pernambuco*. 2ª edição. Recife, Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco, 1986. 82 págs.

\_\_\_\_\_. *Montebelo, os Males e os Mascates – Contribuição para a História de Pernambuco na segunda metade do século XVII*. Recife, Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 1969. 181 págs.

\_\_\_\_\_. *Morão, Rosa e Pimenta – Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a Medicina no Brasil*. Recife, Arquivo Público Estadual de Pernambuco/ Imprensa Oficial, 1956. 565 págs.

\_\_\_\_\_. *Um Complexo Antropogeográfico (Lineamentos para uma Geografia total da Amazônia)*. Recife, Tipografia do Diário da Manhã, 1940. 273 págs.

BONALD NETO, Olímpio. *Ideologia nos Anos Trinta – Modernismo, Regionalismo, Integralismo*. Recife, Edições Bagaço, 1996. 96 págs.

BRANCO, Elpidio. *Memórias Brancas*. Recife. Serviço Gráfico do Jornal do Commercio, s/d. 291 págs.

CAVALCANTI, Paulo. *O Caso eu Conto como o Caso Foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes*. 3ª edição. Recife, Editora Guararapes, 1980. 428 págs.

FREYRE, Gilberto e LOPES, Waldemar. *Pernambucanidade Consagrada*. Discursos pronunciados na posse de Gilberto Freyre na Academia Pernambucana de Letras. Recife, Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco, 1987. 40 págs.

GASPAR, Lúcia Maria Coelho de Oliveira, org. *Bibliografia de Gilberto Osório de Andrade*, in *Revista Ciência & Trópico*, vol. 14, nº 2, Recife, Editora Massangana, julho a dezembro de 1986, 224 págs.

GOUVEIA, Graça. *Barreto Guimarães: Por amor a Olinda*. Recife, Companhia Editora de Pernambuco-CEPE/Assembléia Legislativa de Pernambuco, Série *Perfil Parlamentar Século XX*, vol. 4, 2001, 131 págs.

JUCÁ, Joselice. *Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo*. Recife, Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, 1991. Série Documentos, vol. 37. 236 págs.

LAVAREDA, Antônio e SÁ, Constança, orgs. *Poder e Voto – Luta Política em Pernambuco*. Recife, Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, 1986. Série Estudos e Pesquisas, vol. 45. 210 págs.

LIMA FILHO, Andrade. *China Gordo – Agamenon Magalhães e sua Época*. Recife, Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 1976. 251 págs.

\_\_\_\_\_. *Itinerário de Osório Borba – O homem que cuspiu maribondos*. Recife, Associação da Imprensa de Pernambuco, 1979. Biblioteca de Jornalistas Pernambucanos, vol. 3. 262 págs.

LIMA FILHO, Oswaldo. *Política Brasileira, 1945-1990: Uma Visão Nacionalista*. São Paulo, Editora Paz e Terra S/A, 1993. 324 págs.

MADUREIRA, Sevy. *Bairro do Recife – Porto seguro da boemia*. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife/SEPLAN, 1995. 168 págs.

MATOS, Potiguar. *A Face na Chuva*. Recife, Editora Universitária da UFPE, 1997. 157 págs.

\_\_\_\_\_. *Gente Pernambucana*. Rio de Janeiro/Recife, Edições Tempo Brasileiro/ Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Fundarpe, 1986. 124 págs.

MENEZES, Fernando, org. *Recife, Paixão e Tragédia*. Recife, Edição da Propeg Nordeste Propaganda Ltda, s/d, 120 págs.

MENEZES, José Rafael de. *O Educador Padre Felix Barreto*. Recife, Comunigraf Editora, 200. 147 págs.

MOTA, Mauro. *Bê-a-Bá de Pernambuco ou Apontamentos para uma Biografia do Estado*. Recife, Editora Massangana, 1991. 412 págs.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)*, vol. III, Diários do Recife – 1901/1954, Recife, Imprensa Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 1967, 484 págs.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Pernambuco de Agamenon Magalhães – Consolidação e Crise de uma Elite Política*. Recife, Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco/ Secretaria da Fazenda do Estado de Pernambuco/ Banco Mercantil de Pernambuco S/A. Série Estudos e Pesquisas, vol. 32. 224 págs.

PARAÍSO, Rostand. *A Esquina do Lafayette e Outros Tempos do Recife*. Recife, Edição do Autor, 2001. 256 págs.

PEREIRA, Nilo. *F. Pessoa de Queiroz e o seu Jornal*. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife/Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Pernambuco/Bompreço Gráfica Editora Ltda., 1989. 175 págs.

\_\_\_\_\_. *Pernambucanidade*. Recife, Governo do Estado de Pernambuco/ Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1983, Vol. II.

PEREIRA, Nilo **et alii**. *Um Tempo do Recife*. Recife, Edição do Arquivo Público Estadual/ Secretaria da Justiça, 1978, 479 págs.

RIVAS, Lêda. *O Diário de Pernambuco e a II Guerra Mundial – o conflito visto por um jornal de província*. 3 volumes. Recife. Dissertação defendida para obtenção do grau de Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco, 1988. 764 págs.

\_\_\_\_\_. *Parceiros do Tempo*. Recife, Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco/Associação da Imprensa de Pernambuco, 1997. 330 págs.

SALGADO, Plínio. *Discursos Parlamentares*. Seleção e introdução de Gumercindo Rocha Dorea. Série *Perfis Parlamentares*, vol. 18, Brasília, Câmara dos Deputados, 1982. 982 págs.

## **FONTES ORAIS**

Alice Nunes Fraga  
Antônio Caldas Lins  
Armando Souto Maior  
Carlos Caldas Lins  
Cid Sampaio  
Edgar Mattos  
Edith Mattos  
Enilda Regina da Silva  
Eudes de Souza Leão Pinto  
Evaldo Coutinho  
Gilberto Fernandes da Cunha  
Graziela Peregrino  
Evandro Lemos  
Itamar de Abreu Vasconcelos  
Jerônimo Lemos  
José Rafael de Menezes  
Lucivânio Jatobá  
Luiz de Magalhães Melo  
Luiz Pinto Ferreira  
Manuel Correia de Andrade

Maria Carolina de Andrade  
Maria do Carmo Galvão  
Maria Freyre  
Mário Lacerda de Melo  
Mário Márcio de Almeida Santos  
Rachel Caldas Lins  
Reinaldo de Oliveira  
Waldemar Lopes

#### **OUTRAS FONTES**

*Anais da Assembléia Legislativa de Pernambuco* – Sessões das quais participou o deputado Gilberto Osório – 1947-1951  
Arquivo da Academia Pernambucana de Letras  
Arquivos do Departamento de Ordem Política e Social – DOPS. Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano  
*Constituição do Estado de Pernambuco – 1947* – cópia xerográfica  
Documentos particulares de Gilberto Osório, cedidos por Rachel Caldas Lins  
Diário da Manhã  
Diário de Pernambuco  
*Diário do Poder Legislativo* – Discursos pronunciados pelo deputado Gilberto Osório – 1947-1951  
Folha da Manhã  
Fundação Joaquim Nabuco – Setor de Microfilmagem  
Jornal do Commercio  
*Jornal Pequeno*  
Projetos apresentados pelo deputado Gilberto Osório à Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco – 1947-1951  
Requerimentos apresentados pelo deputado Gilberto Osório à Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco – 1947-1951

## DADOS BIOGRÁFICOS DA AUTORA

Lêda Rivas é bacharel em Jornalismo e licenciada em História pela Universidade Católica de Pernambuco, e mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Foi professora de Espanhol, no Curso de Jornalismo da UNICAP, e de História do Brasil, na Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata, da Universidade de Pernambuco. Atuou como intérprete Inglês-Espanhol-Português em empresas locais e na UFPE, e foi assessora de Extensão Cultural e Artística do então Serviço Social Contra o Mocambo, no Governo Eraldo Gueiros Leite.

Ingressou no jornalismo, em 1974, como repórter especial do *Diário de Pernambuco*, onde exerceu os cargos de chefe do Departamento de Pesquisa (1975-1997) e de editora do Caderno Viver (1976-1997). No mesmo jornal, atuou, também, por algum tempo, como responsável pela página de Opinião e foi editora dos Cadernos Especiais (1994-1997).

Professora concursada da Universidade Federal de Pernambuco, lecionou no Departamento de História (1977-1997) daquela instituição as disciplinas Civilização Ibérica e História da Cultura, assumindo, eventualmente, as cadeiras de Problemas Especiais de Idade Média e Técnica de Pesquisa. No período de 1998 a 2001 foi chefe da Assessoria de Comunicação Social da Fundação Joaquim Nabuco. Atualmente, é sócia, juntamente com sua irmã Laudénir Rivas, da Thema Comunicação, empresa especializada na revisão e na produção de textos culturais e científicos.

Tem quatro livros publicados: o romance social *Às Margens do Capibaribe – Contrastes de uma Época* (1964); o ensaio biográfico *Valdemar de Oliveira – O Homem e o Sonho* (Prêmio José Ermírio de Moraes, da Associação da Imprensa de Pernambuco, 1981); a coletânea de entrevistas *Parceiros do Tempo* (1997) e o ensaio biográfico *Nilo Coelho – Breve Roteiro de um Visionário*, volume 14 da série *Perfil Parlamentar Século XX* (2001). Compositora, tem músicas em parceria com Lúcia Helena Gondra e Alcymar Monteiro.